REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

ARTE D

#41

setembro/outubro/2026



Ilustração - Carlos "Madu"

AWR

ALL WORLD ROOTS

TODAS AS RAÍZES DO MUNDO

CELEBRANDO A DIVERSIDADE CULTURAL

ICAB
INSTITUTO CULTURAL ARTE BRASIL

Pode, Chefe?
PODCAST

NAC
NÚCLEO AUDIOVISUAL DE CAMBÉ

PONTO DE CULTURA

CERTIFICADO PELO MINISTÉRIO DA CULTURA



Pensamento Livre

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista , que apenas cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

Nossas Redes:

https://www.instagram.com/dartelondrina/
https://www.facebook.com/

Expediente:
Editor Chefe - Wilson Inacio
Jornalista responsável: Aldo Moraes
Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony
Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

ISBN - 978-65-999129-0-0

ARTE DA CAPA



Carlos "Madu"

São autorretratos

Há momentos em que sinto que o tempo não passa: ele se arrasta sobre mim, lentamente, como um giz riscando a carne. E, por mais que eu tente apagar algumas marcas, percebo que existem experiências que a vida grava em nós de forma permanente. Aprendi que certas cicatrizes não desaparecem; elas acabam se tornando parte daquilo que somos.

Nesta fase da minha vida, encontrei-me diante de muitos espelhos — reais e imaginários. Ao olhar para mim, percebi que eu era, ao mesmo tempo, aquele que tentava compreender as próprias feridas e a própria ferida exposta. Tornei-me o cirurgião e a cicatriz. Passei a dissecar meus pensamentos, minhas dores e minhas memórias em camadas de cores, linhas e nanquim, tentando compreender o que havia restado da minha arquitetura depois de tantas tempestades.

Meu rosto, então, começou a se transformar. Não apenas o rosto que os outros veem, mas aquele que carrego por dentro. Às vezes sinto o peso de coisas invisíveis deformando a maneira como existo no mundo. Há conflitos que parecem pregos cravados na alma, segurando estruturas que, em determinados momentos, ameaçam desabar. Minha mente se torna um labirinto, e cada pensamento pode ser um espinho. É nesse emaranhado que, muitas vezes, me perco tentando encontrar alguma paz.

Na exploração de mim mesmo, percebo também como certas ignorâncias — minhas e do mundo — podem nos roubar a tranquilidade. Elas se transformam em sombras, dúvidas e silêncios. E eu continuo caminhando por esses lugares internos, tentando entender aquilo que nem sempre consigo explicar.

Há momentos em que sinto o coração exposto, cru, pulsando entre o medo e a esperança. O tempo, às vezes, me assusta. Assusta-me perceber sua passagem, as mudanças que ele provoca e tudo aquilo que não posso controlar. Então pergunto a mim mesmo, através dos olhos que pinto: será que existe outra forma de caminhar? Será que a liberdade pode existir em outro compasso, em outro tempo, em outra maneira de olhar para a vida?

Enquanto enfrento os tantos problemas que surgem pelo caminho, é na arte que encontro um lugar para respirar. Eu me agarro ao pincel como quem se agarra a uma última possibilidade de permanecer à tona. Por meio dele, consigo gritar em silêncio aquilo que minha garganta, muitas vezes, não consegue dizer.

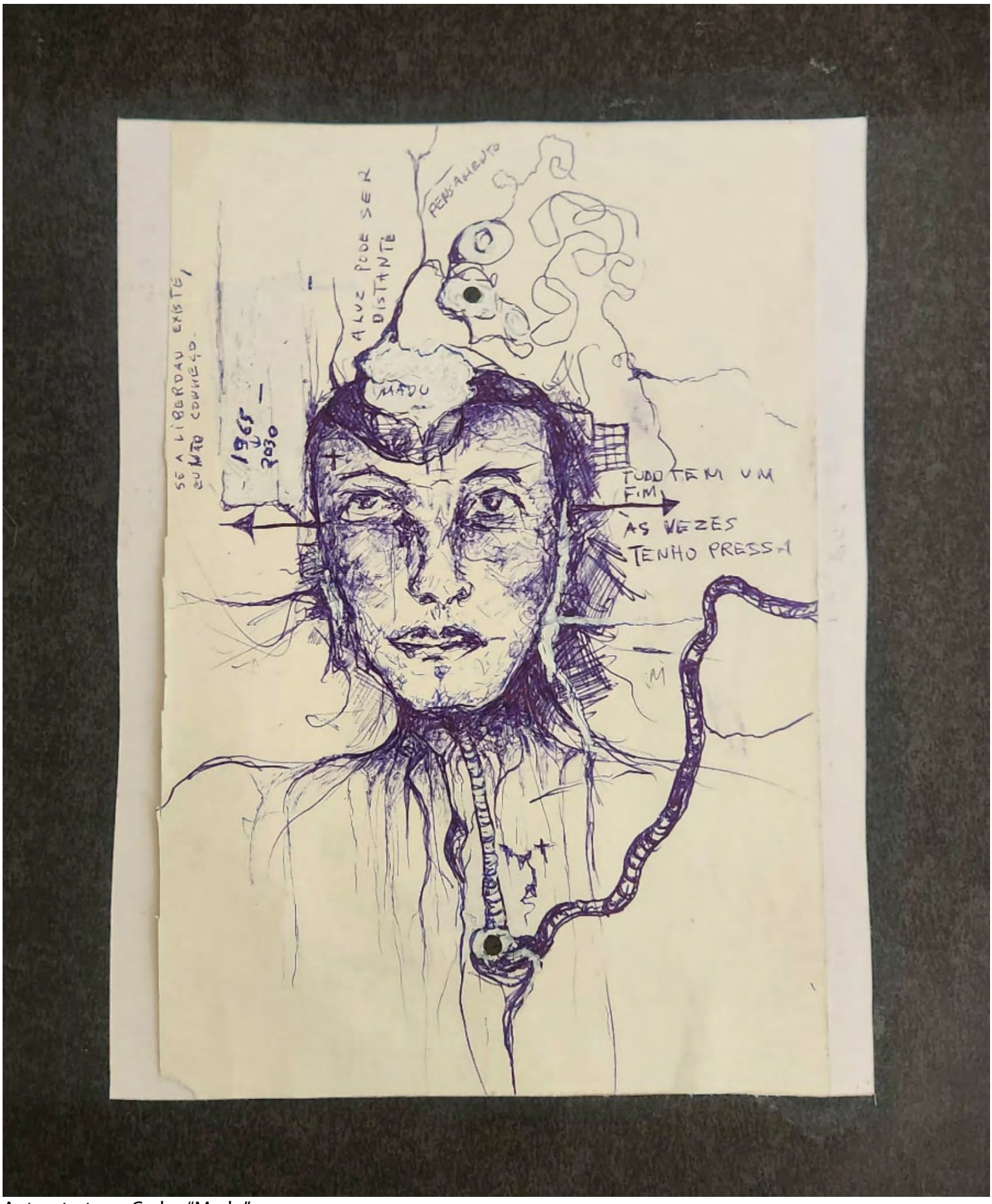
Cada pincelada carrega algo de mim. Cada linha é uma tentativa de alcançar o tempo, de segurá-lo por alguns instantes. Em determinados momentos, já não sei onde termina a minha pele e onde começa o papel. Eu me coloco na obra e, ao mesmo tempo, me espalho por ela. Fragmento-me para tentar compreender quem sou por inteiro. Talvez seja justamente nesse processo que eu encontre algum sentido. No meio do caos, percebo que ainda existe a possibilidade de recomeçar. E descubro, pouco a pouco, que a beleza nem sempre está naquilo que é perfeito ou sereno. Às vezes, ela nasce daquilo que foi quebrado, exposto e transformado.

Hoje entendo que meu caos também fala sobre mim. E, quando tenho coragem de atravessá-lo, percebo que é justamente ali, na visceralidade das minhas experiências, das minhas dúvidas e das minhas marcas, que pode morar a beleza de um novo começo.

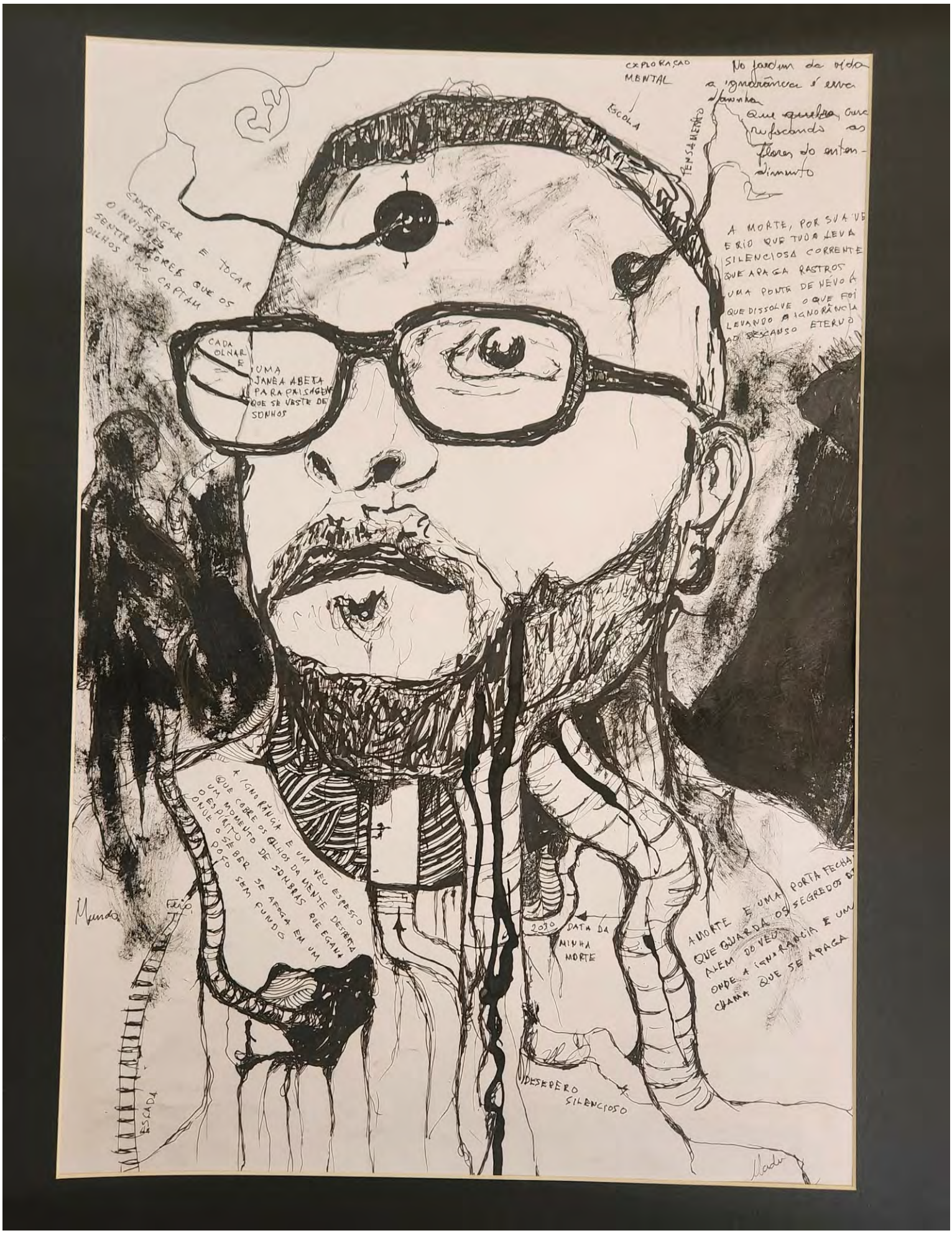
Pode utilizar, são desenhos e colagens com caneta nanquim, papel, imagens de revistas e tinta acrilica.



Carlos “Madu”



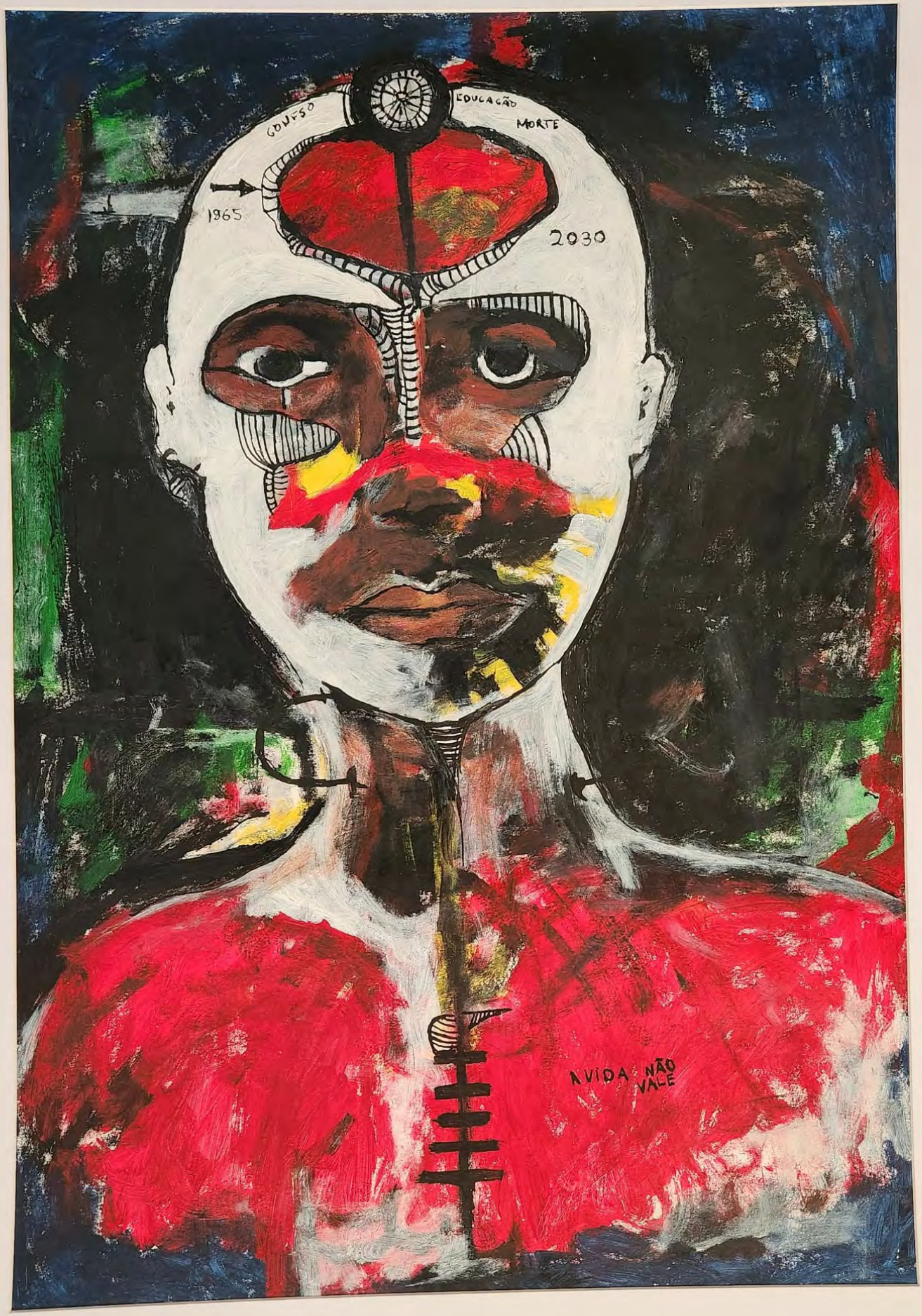
Autoretratos - Carlos "Madu"



Autoretratos - Carlos "Madu"



Autoretratos - Carlos "Madu"



Autoretratos - Carlos "Madu"

Susano Correia



Sobre o artista

Mais do que simples expressão, a arte é um delicado canal de interação e um elemento vital para o desenvolvimento humano. É assim que Susano Correia conceitua o seu trabalho. Natural de Florianópolis, ele começa a se consolidar como um dos expo- entes da nova geração de artistas visuais do país. Formado em licenciatura em Artes Vi- suais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) em 2015, o jovem popularizou seus trabalhos pelas redes sociais, o que deu ao artista projeção nacional e possibilidade para dedicação exclusiva à arte.

Desde então, Susano desenvolve uma linguagem pictórica contemporânea, com preocupações didáticas, e usa meios democráticos para expor seus trabalhos ao grande público. Com isso, atrai em suas exposições também um público que não tem o hábito de frequentar museus. Em meados de 2019, mudou seu ateliê para a maior cidade da América Latina, São Paulo, que é também um importante polo cultural, com a finalidade de expandir os horizontes, buscar novas experiências e contatos no meio artístico.


Susano Correia


Susano Correia



Susano Correia


Susano Correia


Susano Correia



Susano Correia

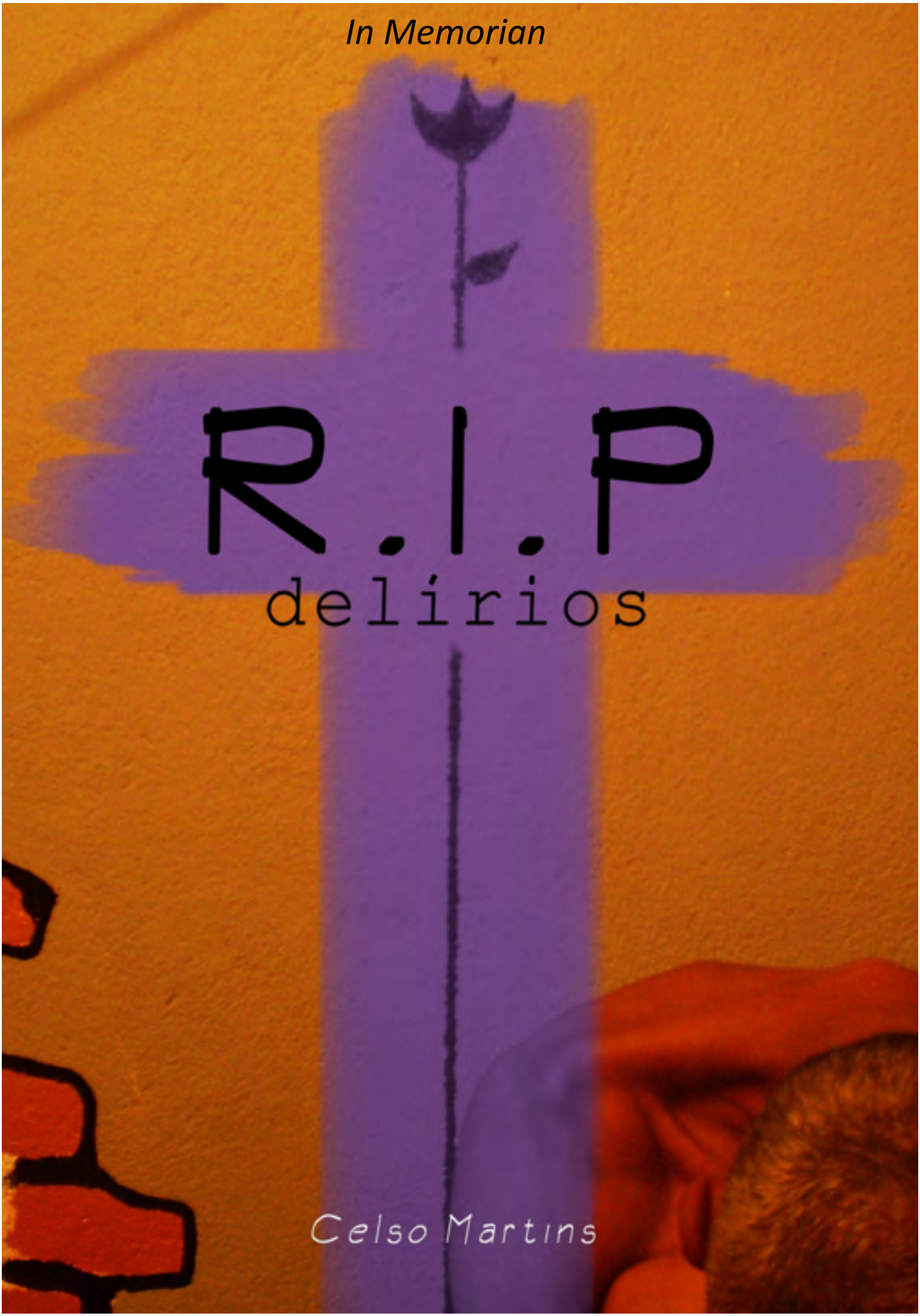


Susano Correia



Susano Correia

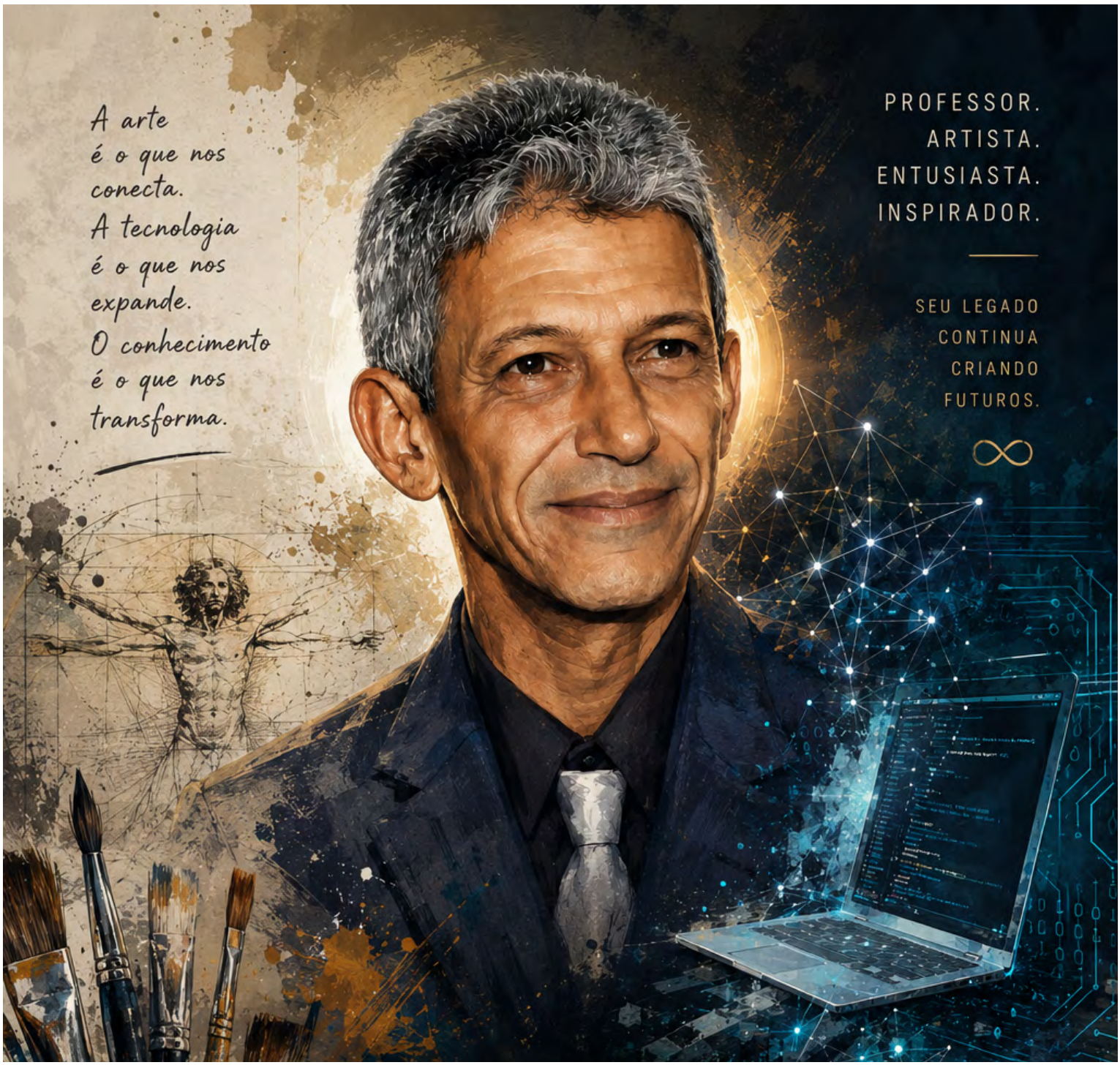
In Memorian



R.I.P

delírios

Celso Martins



QUEM É CELSO MARTINS?

Bem, para uma pergunta idiota como esta, eu poderia dar uma resposta mais idiota ainda, tipo: onde nasci, onde estudei, o que estudei, por onde andei, o que produzi, o que sonhei, o quanto sofri, etc. Mas não vou fazer isso, talvez eu faça pior, ou não. O que posso dizer é que sou, assim como todos viventes dotados de raciocínio, emoção e sonhos, sou tão meramente um ignorante no processo. Sou mais um angustiado tentando aceitar-me na mentira sobre tempo, felicidade, liberdade e imortalidade. Um bicho assustado, acuado, encarcerado e criado na imoralidade da moral, nos discursos da cultura, da fé, do cálculo e da arte. Um ser tentando, desesperadamente, ser humano.



"Doce Suicídio" - Curta metragem baseado na obra de Celso Martins

FAZ TEMPO

Faz tempo que nada escrevo, faz tempo que nada faço, que nada como, que não me apaixono. Faz tempo que nada muda, que não me ajudo, que ando mudo. Faz tempo que não mudo tudo. Faz tempo que não rezo, que não valorizo meu desenho, minha poesia, meu cabelo, minha roupa, meu alimento. Faz tempo a mesma coisa, sempre igual, todo tempo. Faz tempo que não tenho tempo, nem para mim nem para as crianças. Faz tempo que não rego as plantas, que não levanto, minha cabeça, minha esperança. Faz tempo que não vivo um dia. Faz tempo que não canto, que não pago a conta, que não me espanto. Faz tempo que não conto um conto, uma grana. Faz tempo que não coloco um ponto, de exclamação, de interrogação, de fusão, de final, afinal. Faz tempo que nada compro. Faz tempo, muito tempo, que não penso, que não choro um lamento. Faz tempo que não ouço minha própria voz, meus pensamentos. Faz tempo que não vejo um sorriso, um desejo, um cortejo. Faz tempo, muito tempo que tento crer no maldito tempo.

O homem cientista x homem poeta

O homem-cientista olha para a floresta e se desespera. O caos o apavora, então ele arranca uma árvore e a despedaça em raízes, caules, flores e frutos. Mas o fruto não explica a árvore, que por sua vez não explica a floresta. Enlouquecido, ele invade suas células, profana suas moléculas e desvela seus átomos. Mais isso ainda não é suficiente para entender a mata. Enfurecido, ele arrebenta o átomo e se depara com o VAZIO. Frustrado na sua ânsia de entendimento, não concebe que o "todo" é feito do "nada" e vice-versa. Humilhado, o homem-cientista provoca o maior assassinato coletivo de toda história da humanidade. Mas nem todo sangue, todo cadáver ou todas as externalidades materiais criadas por ele, podem preencher esse VÃO.

O homem-poeta sentado a beira do abismo de si mesmo, observa o vazio para senti-lo em todo seu esplendor, e não para entendê-lo em sua complexidade. Delira com a caoticidade e cores desse nada. Sente o cheiro, o vento e o calor que emana dessa vastidão. Toca nas suas texturas em forma de pedras e folhas, de águas e sonhos. O homem-poeta sabe que a floresta está nele e ele nela. Sabe que estão no universo incomensurável, assim como todas as bilhões de galáxias e suas incontáveis estrelas e vácuos estão neles. Aceita o uno. Aceita o tudo e o nada, o belo e o grotesco. Ele sabe que, ao mesmo tempo, é micro e o macro, maldade e bondade, caos e ordem, ciência e poesia. Enfim, ele sabe que nada sabe, mas não se importa, pois não é necessário. Assim sendo, as vezes, ali sentado, defronte da floresta que é ele mesmo, chora emocionado.

NÚCLEO AUDIOVISUAL DE CAMBÉ

CLIK E ASSISTA

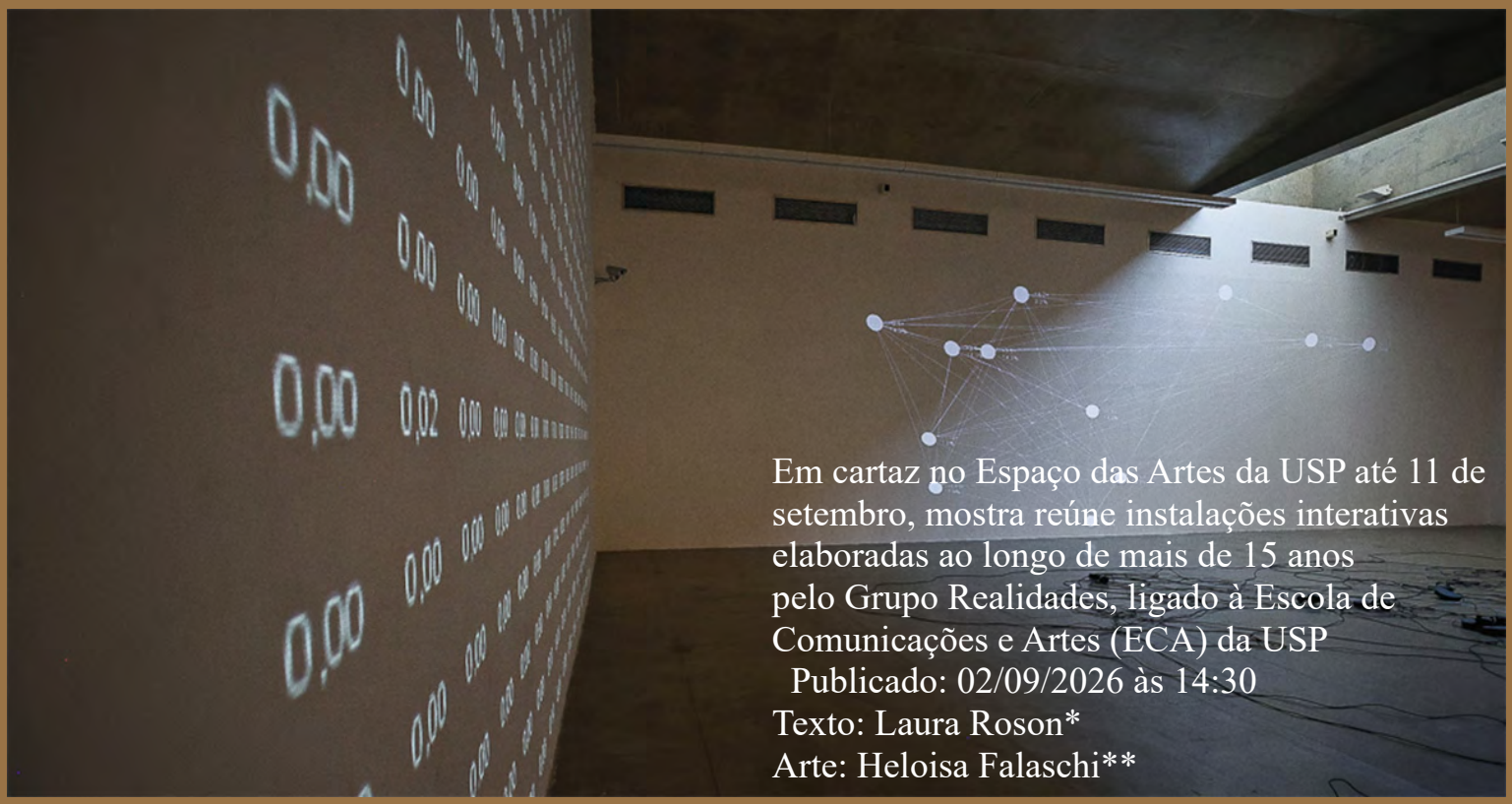





UMA AVENTURA DE AMOR, RECICLAGEM E MUITA CONFUSÃO!
QUERO CASAR


TERRA DE DENTRO
TEM GENTE QUE ACHA QUE A TERRA NÃO FALA.
MAS ELA LEMBRA DE QUEM FICOU.
BASEADO NA OBRA DE
MARIA HELENA DE OLIVEIRA MORAIS

Exposição gera discussões sobre como os algoritmos moldam a experiência humana



Em cartaz no Espaço das Artes da USP até 11 de setembro, mostra reúne instalações interativas elaboradas ao longo de mais de 15 anos pelo Grupo Realidades, ligado à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP

Publicado: 02/09/2026 às 14:30

Texto: Laura Roson*
Arte: Heloisa Falaschi**

A exposição Grupo Realidades: Arte, Ciência e Tecnologia, em cartaz no Espaço das Artes da USP – Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Há décadas, a humanidade reflete sobre os avanços tecnológicos e seus possíveis impactos sobre a autonomia e a capacidade crítica dos indivíduos. De Admirável Mundo Novo (1932), Eu, Robô (1950) e Fahrenheit 451 (1953) a produções mais recentes, como Matrix (1999) e Black Mirror (2011), diferentes obras têm expressado as inquietações da sociedade diante da possibilidade de um futuro em que a tecnologia exerça um papel cada vez mais dominante sobre a vida humana. Por outro lado, há quem enxergue esse cenário com mais otimismo, preferindo explorar todas as possibilidades que o rápido desenvolvimento da inteligência artificial generativa nos últimos anos possa oferecer.

Essa é uma das discussões que o Grupo de Pesquisa e Extensão Realidades, da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, busca suscitar com a exposição Grupo Realidades: Arte, Ciência e Tecnologia, em cartaz até o dia 11 deste mês no Espaço das Artes da USP, na Cidade Universitária, em São Paulo. De acordo com a coordenadora do grupo, a professora Silvia Laurentiz, docente do Departamento de Artes Plásticas e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, ambos da ECA, a mostra também tem o intuito de celebrar a trajetória de mais de 15 anos do coletivo, fazendo uma espécie de recorte dessa história e apresentando diferentes momentos, questões e modos de produção com que os integrantes da entidade se depararam ao longo do tempo.



A professora Silvia Laurentiz, da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP - Foto: ECA-USP



A obra "Contra a Cegueira da Ordem Estabelecida V2" pode ser interpretada como uma analogia ao funcionamento dos algoritmos na internet - Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Uma interrogação sobre as tecnologias emergentes
O título da exposição, além de fazer referência ao nome do grupo, reúne a palavra "arte" com "ciência" e "tecnologia", campos que, à primeira vista, podem parecer distantes entre si. Apesar disso, segundo o Realidades, um dos principais interesses da mostra é encontrar zonas de contato e tensão entre essas áreas. "A tecnologia não é entendida por nós simplesmente como ferramenta, assim como a ciência não entra apenas como fornecedora de dados ou conceitos para a produção artística", diz Laurentiz.

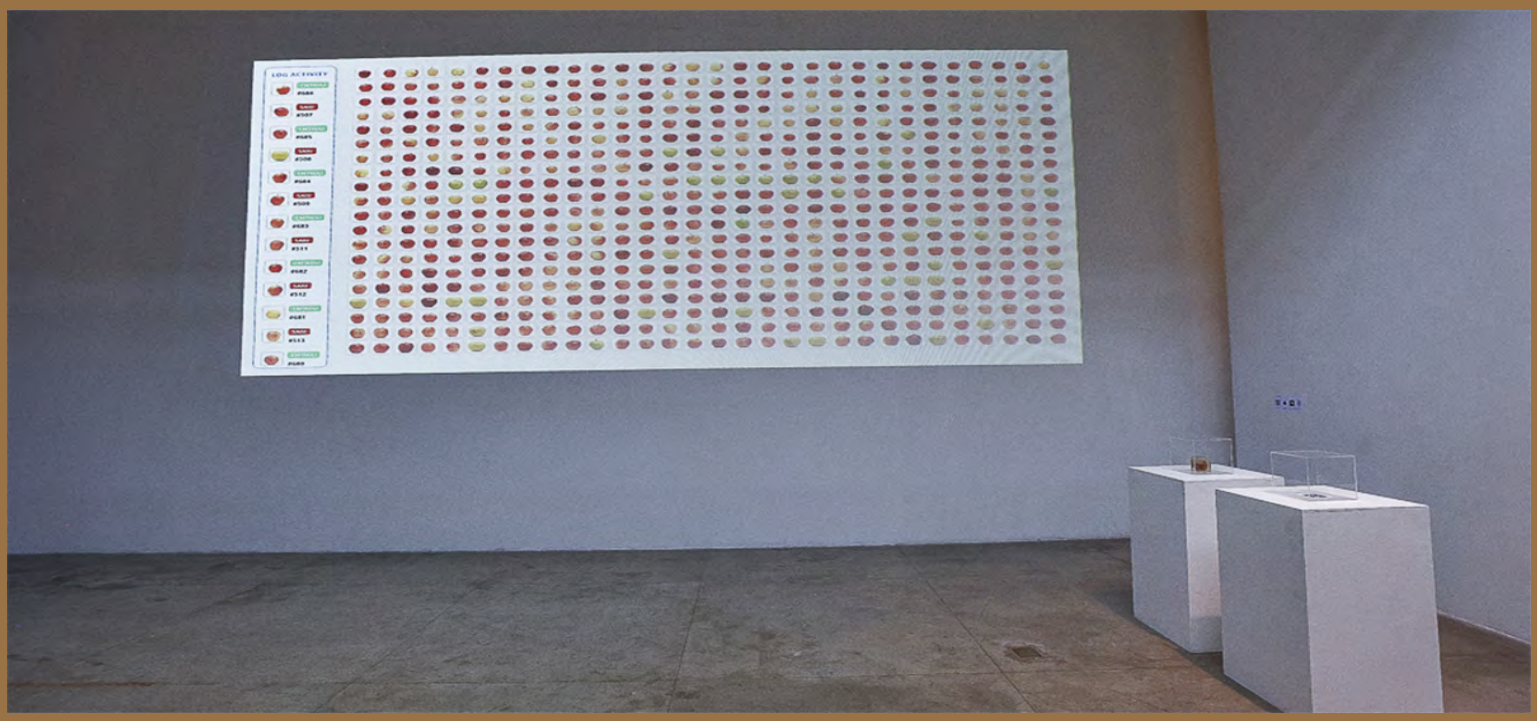
Contudo, explorar a ligação entre esses campos não é o único objetivo da exposição. "Mais do que apresentar tecnologias emergentes, esta exposição propõe interrogá-las. Cada obra investiga como os dispositivos técnicos participam da construção da percepção, da memória, do tempo e da imaginação. Ao deslocar essas estruturas para o campo da arte, o Grupo Realidades transforma a experimentação em prática crítica, questionando as formas hegemônicas de representação", explica a professora.

Um exemplo dessa ideia se encontra numa das obras presentes na mostra, a instalação Contra a Cegueira da Ordem Estabelecida V2. Nela, o visitante — preferencialmente acompanhado — é convidado a olhar para o interior de uma caixa de madeira, posicionando-se de costas para a projeção exibida na parede ao fundo. Para quem participa da ação, aparentemente nada acontece. Já o acompanhante assiste, no telão, a uma sequência do curta-metragem Um Cão Andaluz (1929), na qual o olho do visitante é inserido, por meio de inteligência artificial, na famosa cena em que uma mulher tem o globo ocular cortado por uma navalha. Segundo Silvia Laurentiz, a obra pode ser interpretada como uma analogia ao funcionamento dos algoritmos na internet: enquanto o indivíduo acredita estar apenas realizando uma ação trivial, seus dados são coletados, processados e utilizados sem seu conhecimento ou consentimento.

A arte e as IAs

O que entendemos por realidade quando imagens são produzidas por inteligência artificial e algoritmos passam a mediar nossa percepção do mundo? Essa é uma das perguntas que abrem a exposição do Grupo Realidades

Para ilustrá-la, a instalação interativa Keep It Real, de Silvia Laurentiz, apresenta uma galeria de imagens de maçãs geradas por uma inteligência artificial treinada com fotografias reais. O visitante é convidado a selecionar três dessas imagens e, a partir dessa escolha, o sistema calcula matematicamente uma média entre elas, gerando uma nova maçã. A imagem criada é então incorporada ao banco de dados da obra, passando a integrar a galeria disponível para os próximos participantes. Além disso, a instalação inclui uma maçã real preservada em resina e um QR Code que permite visualizar em 3D, por meio de um site, a maçã criada pelo visitante — mais vibrante, mais colorida e visualmente mais atraente. Diante dessa comparação, Laurentiz lança a pergunta que



A obra "Keep It Real" buscar levantar a discussão sobre o conceito de realidade no contexto da inteligência artificial - Foto: Marcos Santos/ USP Imagens

orienta a reflexão proposta pela obra: afinal, qual delas é uma maçã "de verdade"?

Ao serem questionados sobre o papel do artista diante das novas possibilidades abertas pela inteligência artificial, os integrantes do Grupo Realidades defendem que o uso dessa tecnologia não elimina a autoria artística. "Entendemos que alguém que trabalha artisticamente com inteligência artificial pode continuar sendo chamado de artista", destaca Laurentiz. "O que define a prática artística não é a execução manual de uma imagem. Há escolhas, elaboração conceitual, construção de procedimentos, seleção, contextualização, programação, projeto, produção de sentido e, acima de tudo, motivação poética envolvidos na prática do artista."

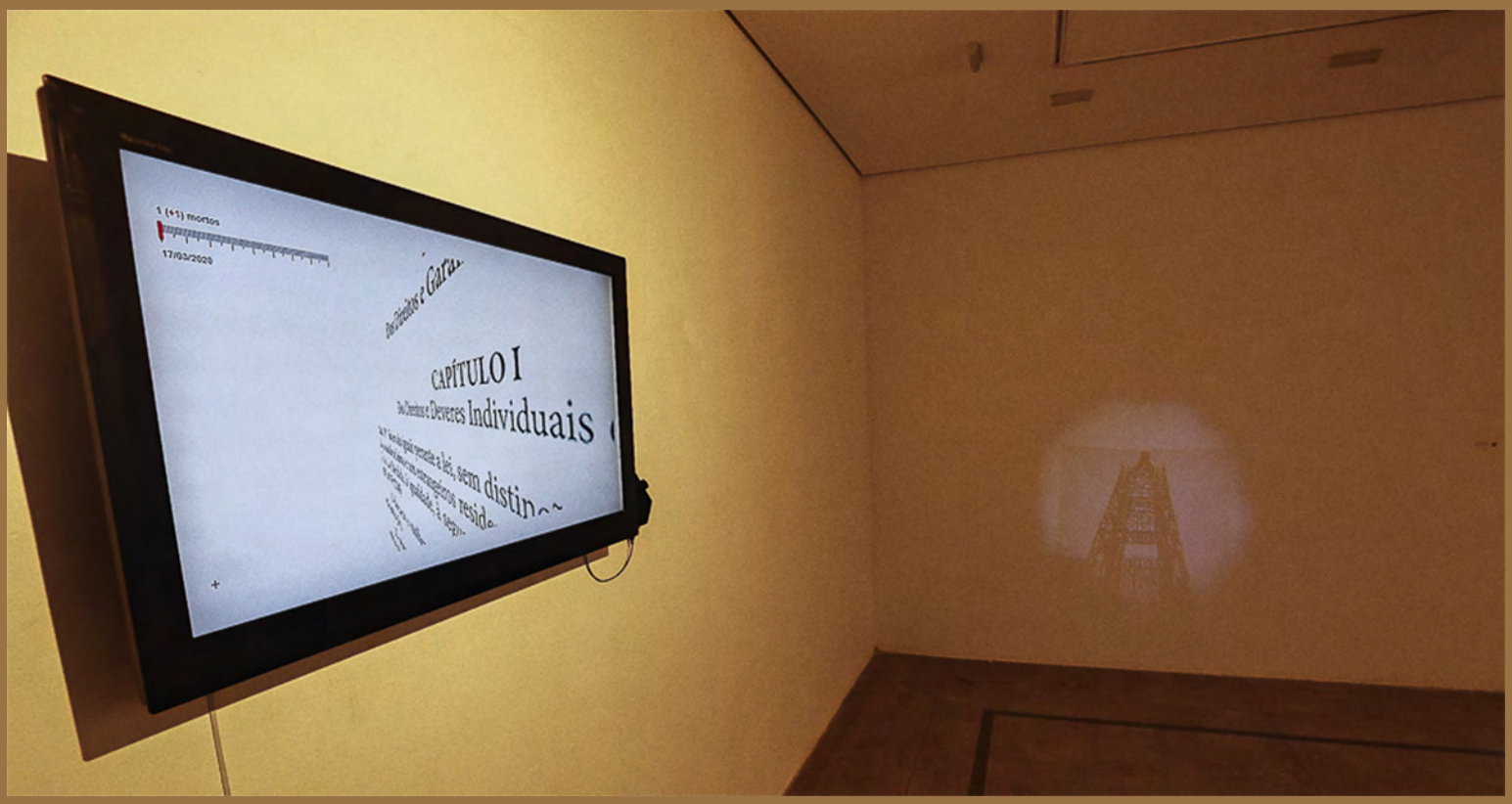
"Não esperamos que o visitante saia da exposição compreendendo tecnicamente como funciona cada dispositivo. Esse não é o objetivo principal. Gostaríamos que ele saísse com mais perguntas do que quando entrou."
— Silvia Laurentiz, coordenadora do Grupo Realidades da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP

Contudo, a professora faz algumas ressalvas e defende que as discussões levantadas pela mostra não esgotam o debate acerca do uso de inteligência artificial na arte. "Sobre direitos autorais e plágio, acredito serem questões fundamentais. Isso exige discutir autoria, apropriação, consentimento, remuneração e transparência. São debates ainda em transformação, inclusive juridicamente. Mas que não cabem para as obras desta exposição especificamente."

Instalação faz homenagem às vítimas da covid-19

Criada em 2021, a obra InMemoriam integra a exposição como uma homenagem do Grupo Realidades às vítimas da covid-19. A instalação consiste em uma arte digital interativa equipada com dois seletores do tipo dial. Ao girá-los, o visitante acompanha trechos da Constituição Federal que tratam de direitos humanos e, no canto da tela, a evolução do número de mortes causadas pela pandemia no Brasil. À medida que o número de mortos aumenta, os pixels dos caracteres do texto constitucional começam a se desintegrar visualmente, associando o fracasso das políticas públicas e sanitárias nacionais à alienação dos direitos adquiridos e trazendo dimensão à tragédia. De acordo com Luca de Andrade Ribeiro, um dos integrantes do grupo, "essa é uma maneira de mostrar que cada pessoa não é apenas um número, mas tem um impacto na consumação dos nossos direitos".

A exposição Grupo Realidades: Arte, Ciência e Tecnologia fica em cartaz até o dia 11 setembro, de segunda a sexta-feira, das 10h às 21h, no Espaço das Artes da USP (Rua da Praça do Relógio, 160, Cidade Universitária, em São Paulo). Entrada grátis.* Estagiária sob supervisão de Roberto C. G. Castro - ** Estagiária sob supervisão de Simone Gomes



A obra "InMemoriam" é uma homenagem do Grupo Realidades às vítimas da covid-19 - Foto: Marcos Santos/USP Imagens



A obra "Extentio", de Sergio Venancio, gera desenhos de forma automatizada - Foto: Marcos Santos/USP Imagens



QUANDO A TECNOLOGIA COMEÇA A OCUPAR A NOSSA MENTE

Por Wilson Inacio

TECNOSTRESS: QUANDO A TECNOLOGIA COMEÇA A OCUPAR A NOSSA MENTE

Arte, tecnologia e o nascimento de uma nova sensibilidade diante da aceleração digital

Vivemos conectados. Trabalhamos conectados, conversamos conectados, consumimos informação conectados e, cada vez mais, produzimos arte dentro de ambientes tecnológicos. O smartphone tornou-se extensão da mão; as redes sociais, extensão da memória; os algoritmos, filtros invisíveis daquilo que vemos; e a inteligência artificial começa a participar de processos que até pouco tempo atrás eram considerados exclusivamente humanos.

Mas existe um preço para essa conexão permanente: o "tecnostress".

O termo surgiu para descrever o estresse associado ao uso e à adaptação às tecnologias, mas sua dimensão contemporânea ultrapassa a relação entre indivíduo e equipamento. Hoje, o fenômeno envolve a velocidade das informações, a necessidade de respostas imediatas, a multiplicação das plataformas, as notificações constantes, a exposição contínua às telas e a sensação de que nunca estamos completamente desconectados.

A questão que interessa à arte, entretanto, é outra: o que acontece com a nossa sensibilidade quando a tecnologia modifica a maneira como percebemos o mundo?

A vida em modo de atualização

Durante séculos, a experiência humana foi marcada por intervalos. Havia o tempo da espera, da observação, da contemplação e do silêncio. A cultura digital introduziu outra lógica: a atualização permanente. Uma página precisa ser atualizada. Uma mensagem exige resposta. Uma notícia substitui outra poucos minutos depois. Um vídeo termina e imediatamente outro começa. A imagem seguinte está sempre à espera.

Nesse ambiente, a atenção transforma-se em um recurso disputado. A tecnologia não apenas oferece ferramentas para produzir e consumir cultura. Ela também reorganiza nossos comportamentos. O problema deixa de ser simplesmente quanto tempo passamos diante da telae passa a envolver como a tela reorganiza nossa relação com o tempo, com a informação e com os outros. É nesse ponto que o tecnostress encontra a arte.

A tecnologia como extensão do corpo

O artista contemporâneo trabalha em um território no qual a tecnologia já não pode ser compreendida apenas como ferramenta. Câmeras digitais, softwares de edição, tablets, realidade virtual, inteligência artificial, modelagem 3D, algoritmos generativos e redes sociais modificaram profundamente os processos de criação, circulação e recepção das obras.

O pincel pode transformar-se em uma interface digital. A tela pode tornar-se um ambiente imersivo. O espectador pode participar da obra. Uma imagem pode ser criada por um algoritmo. Um filme pode ser produzido sem uma câmera física. Uma exposição pode existir simultaneamente em diferentes lugares do mundo.

A tecnologia amplia possibilidades, mas também introduz novas formas de pressão. O artista precisa aprender continuamente novas ferramentas, acompanhar plataformas, compreender tendências, produzir conteúdo, divulgar seu trabalho e disputar atenção em ambientes saturados de imagens. A obra de arte passa, portanto, a existir dentro de um ecossistema de velocidade.

Quando o excesso vira linguagem

É justamente nesse cenário que o Stressionismo encontra uma possibilidade de diálogo com a cultura digital. Ao compreender o stress não apenas como um estado individual, mas como uma condição de tensão, excesso, instabilidade e fricção da experiência contemporânea, o Stressionismo pode observar o tecnostress como um fenômeno cultural.

A saturação visual, a fragmentação da atenção,

o excesso de informação, a aceleração e o ruído digital deixam de ser apenas problemas externos à obra e podem tornar-se matéria artística. Uma imagem carregada de elementos pode reproduzir a sensação de excesso. Uma montagem cinematográfica acelerada pode traduzir a fragmentação da experiência. Uma instalação interativa pode colocar o espectador diante de estímulos simultâneos. Uma obra generativa pode revelar a instabilidade dos sistemas algorítmicos. Nesse sentido, a arte não precisa representar o tecnostress de maneira literal. Ela pode fazer o público experimentar a tensão.

A estética da sobrecarga

Existe uma diferença importante entre representar o caos e organizar artisticamente o caos. A cultura digital produz uma espécie de arquitetura do excesso: milhares de imagens, sons, textos, notificações, vídeos e informações convivendo simultaneamente. O artista pode simplesmente reproduzir essa saturação. Mas também pode transformá-la em linguagem.

É nesse território que surge uma possibilidade de estética da sobrecarga.

Fragmentação, repetição, ruído, velocidade, sobreposição, glitch, distorção, excesso cromático, múltiplas telas e fluxos de informação podem funcionar como elementos formais de uma linguagem artística capaz de traduzir a experiência contemporânea. A obra deixa de ser apenas uma janela para o mundo e passa a funcionar como um campo de tensão.

Inteligência artificial: aceleração ou ampliação?

A chegada da inteligência artificial acrescenta uma nova camada ao debate. Ferramentas capazes de gerar imagens, textos, músicas, vozes, animações e vídeos aceleram processos que antes exigiam horas, dias ou até meses de trabalho.

Para o artista, isso pode representar uma expansão extraordinária das possibilidades criativas. Mas a mesma tecnologia também aumenta a velocidade do ambiente cultural. Se qualquer pessoa pode produzir centenas de imagens em poucos minutos, surge uma nova pergunta: como fazer uma obra ser percebida em meio a milhões de outras imagens?

A abundância pode gerar liberdade, mas também pode produzir saturação**.** A inteligência artificial, portanto, não elimina o problema do tecnostress. Em determinadas situações, pode ampliar a velocidade do sistema no qual estamos inseridos. O desafio artístico passa a ser também encontrar significado dentro do excesso.

A pausa como ato estético

Talvez uma das questões mais importantes da arte diante do tecnostress seja justamente a possibilidade da pausa. Em uma cultura baseada na atualização permanente, parar pode adquirir um significado político, cultural e estético.

Uma obra silenciosa pode chamar mais atenção do que uma obra barulhenta. Uma imagem estática pode confrontar uma sucessão infinita de vídeos.

Uma instalação que exige tempo de contemplação pode funcionar como contraponto à velocidade das redes.

O vazio pode tornar-se linguagem.
O silêncio pode tornar-se matéria.
A demora pode tornar-se experiência.

Nesse contexto, a arte não precisa necessariamente competir com a velocidade tecnológica. Ela pode fazer o movimento contrário: criar espaços de desaceleração dentro do próprio ambiente tecnológico.

O artista diante da máquina

O debate sobre tecnologia e arte frequentemente pergunta se a máquina substituirá o artista.Talvez uma pergunta mais interessante seja: que tipo de artista estamos nos tornando ao trabalhar permanentemente com máquinas? Se a tecnologia altera nossas ferramentas, ela também altera nossos hábitos perceptivos.

O artista contemporâneo não está simplesmente diante de um computador. Está inserido em

uma rede de softwares, plataformas, algoritmos, bancos de dados, sistemas de recomendação e inteligências artificiais. A criação tornou-se um processo distribuído.

Nesse novo cenário, compreender a tecnologia não significa apenas aprender a utilizá-la. Significa compreender como ela transforma aquilo que somos capazes de perceber, imaginar e produzir.

O tecnostress como matéria da arte contemporânea

O tecnostress é, portanto, mais do que uma consequência indesejada da vida digital. Ele pode ser entendido como um dos sintomas de uma transformação maior: a passagem para uma cultura em que a experiência humana acontece cada vez mais em ambientes tecnológicos.

Para a arte, isso representa um território fértil. A tensão entre homem e máquina, velocidade e contemplação, excesso e vazio, conexão e isolamento, criação humana e geração algorítmica constitui uma das questões centrais da sensibilidade contemporânea.

A arte pode documentar essa transformação.

Pode questioná-la.
Pode criticá-la.
Pode incorporá-la.

E pode, sobretudo, transformar aquilo que nos sobrecarrega em matéria de reflexão e criação. Talvez essa seja uma das tarefas da arte no século XXI: não fugir do excesso tecnológico, mas olhar diretamente para ele e perguntar o que está acontecendo conosco enquanto tudo isso acontece.

Porque, quando a tecnologia deixa de ser apenas uma ferramenta e passa a participar da construção da nossa percepção, o tecnostress deixa de ser somente um problema tecnológico. Ele se transforma em uma questão cultural, humana e estética. E é justamente nesse território de tensão que a arte contemporânea encontra uma de suas matérias mais urgentes.



Imigrantes no Paraná



Neste artigo, será mostrado a história de imigrantes no Paraná, dando destaque aos fotógrafos Haruo Ohara, José Juliani e George Craig Smith. A história de Alfredo Andersen e releituras de suas obras e a localização das regiões onde esses imigrantes se estabeleceram.

História do Paraná, desde o pai da pintura paranaense, o educador e pintor Alfredo Andersen, algumas releituras por estudantes da 1 a série do ensino médio, até os principais fotógrafos de Londrina, como Haruo Ohara.

A estudante de Arte do Ensino Médio, Ana Luísa Bulgarelli, Cambé , com habilidade artística, realizou esta pesquisa sob orientação da arte educadora Daniela F Chineider Troiano.

ALFREDO ANDERSEN

o pai da pintura paranaense

Suas Obras e História

Alfredo Andersen (1860–1935) foi um pintor, desenhista, escultor e professor nascido na Noruega. Em uma viagem à América do Sul, chegou ao Paraná e decidiu morar no Brasil. Primeiro viveu em Paranaguá e, depois, mudou-se para Curitiba, onde fundou uma escola de desenho e pintura. Graças ao seu trabalho e à formação de diversos artistas, ficou conhecido como o "Pai da Pintura Paranaense". Sua contribuição foi fundamental para o desenvolvimento das artes plásticas no estado do Paraná.

Duas Raças (1932)



Duas Raças é uma das obras mais conhecidas de Alfredo Andersen. A pintura retrata duas crianças, uma branca e uma negra, simbolizando a diversidade, a igualdade e o respeito entre as pessoas. Com cores suaves e traços delicados, o artista valoriza a convivência entre diferentes culturas e a beleza da diversidade humana.



Alfredo Andersen e seu legado

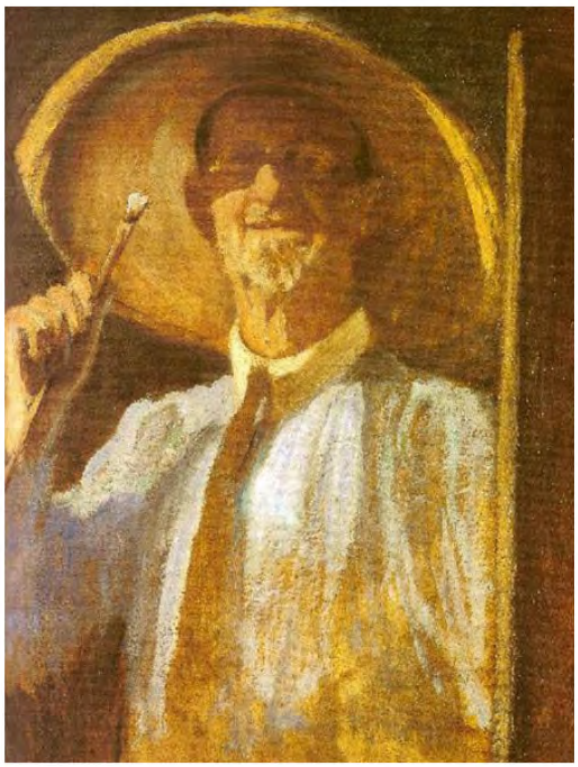
Alfredo Andersen (1860–1935) foi um pintor, desenhista, escultor e professor nascido na Noruega. Em uma viagem à América do Sul, chegou ao Paraná e decidiu morar no Brasil. Primeiro viveu em Paranaguá e, depois, mudou-se para Curitiba, onde fundou uma escola de desenho e pintura. Graças ao seu trabalho e à formação de diversos artistas, ficou conhecido como o "Pai da Pintura Paranaense". Sua contribuição foi fundamental para o desenvolvimento das artes plásticas no estado do Paraná.

Obras de Andersen

Aqui estão alguns exemplos de obras efetuadas por Alfredo Andersen.



Pinheiros (1926)
Óleo sobre a tela.



Auto Retrato (1930)
Óleo sobre a tela.



Lavando Roupa (1925)
Óleo sobre a tela.



Intimidade ll (sem data)
Óleo sobre a tela.

Releitura de obras

A pedido da professora, os alunos, separados em grupos, confeccionaram releituras das obras de Alfredo Andersen. Após a confecção, fizemos uma seleção dos desenhos.



Estrada de Ferro (1925)
Releitura por: Ana Luísa Bulgarelli



Obra original de Alfredo Andersen



Rocio (1896)
Releitura por: Isadora Santos



Obra original de Alfredo Andersen

Releitura de obras

A pedido da professora, os alunos, separados em grupos, confeccionaram releituras das obras de Alfredo Andersen. Após a confecção, fizemos uma seleção dos desenhos.



Estrada de Ferro (1925)
Releitura por: Yasmin Vitória de Paula



Obra original de Alfredo Andersen



Auto-Retrato (1932)
Releitura por: Alana Vitória Araujo



Obra original de Alfredo Andersen

Releitura de obras

A pedido da professora, os alunos, separados em grupos, confeccionaram releituras das obras de Alfredo Andersen. Após a confecção, fizemos uma seleção dos desenhos.



Estrada de Ferro (1925)
Releitura por: Pietra Feijó



Obra original de Alfredo Andersen

IMIGRANTES NO PARANÁ

História

A imigração no Paraná teve grande importância para a formação da população e da cultura do estado. A partir do século XIX, diversos grupos de imigrantes chegaram ao Paraná em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida. Entre eles estavam italianos, alemães, poloneses, ucranianos, japoneses, espanhóis e sírio-libaneses.

Esses grupos se estabeleceram principalmente em diferentes regiões do estado, onde contribuíram para a agricultura, o comércio, a indústria e o desenvolvimento das cidades. Além do trabalho, os imigrantes trouxeram costumes, comidas, festas, religiões, músicas e tradições que passaram a fazer parte da cultura paranaense.

A presença desses povos ajudou a tornar o Paraná um estado culturalmente diverso. Muitas tradições trazidas pelos imigrantes continuam presentes até hoje, mostrando a importância da imigração na construção da identidade e da história do Paraná.













Fotos: sites.uel.br

QUAIS FORAM

Italianos

A imigração italiana no Paraná ganhou força a partir de 1875, impulsionada pela crise econômica e social na Itália e pela necessidade da Província paranaense de povoar o solo e desenvolver a agricultura. Cerca de 90% dos imigrantes eram de origem vêneta, fixando-se inicialmente em colônias próximas a Curitiba e ao litoral

Alemães

A imigração alemã no Paraná começou por volta de 1829, com a chegada de famílias pioneiras à região de Rio Negro. Os imigrantes ajudaram a criar colônias agrícolas, desenvolveram o comércio e impulsionaram a cultura, a culinária e as cooperativas em cidades como Curitiba, Castro e no norte do estado.

Poloneses e Ucranianos

A imigração de poloneses e ucranianos para o Paraná, intensificada a partir do final do século XIX, moldou a identidade do estado. Atraídos pela promessa de terras férteis e fugindo da pobreza e de conflitos na Europa, esses imigrantes instalaram-se em colônias agrícolas, formaram a maior comunidade ucraniana da América Latina e deixaram profundo legado cultural

Japoneses

O Paraná abriga a segunda maior população de origem japonesa do Brasil, com cerca de 276 mil nikkeis. Os primeiros imigrantes chegaram ao norte e ao litoral do estado no início do século XX, transformando a agricultura local com o cultivo de café, algodão e horticultura, e fundando colônias marcantes como a de Assaí

Árabes

A imigração árabe no Paraná começou no final do século XIX, impulsionada por crises no Império Otomano. Sírios e libaneses iniciaram a trajetória como mascates no interior, evoluindo para o comércio em Curitiba. Posteriormente, a partir dos anos 1950, Foz do Iguaçu recebeu uma expressiva comunidade árabe na Tríplice Fronteira.

Fotos: sites.uel.br













QUAIS FORAM

Italianos

A presença de portugueses no Paraná começou no período colonial com a fundação de vilas litorâneas como Paranaguá, Antonina e Morretes. Nos séculos XIX e XX, novos fluxos chegaram atraídos pelo comércio, pela expansão urbana e pelas lavouras de café, integrando-se profundamente à formação cultural, econômica e social do estado.

Espanhóis

A presença espanhola no Paraná possui duas vertentes históricas marcantes: a colonização no século XVI na antiga Província do Guairá (oeste paranaense) e a imigração moderna nos séculos XIX e XX, quando milhares de famílias espanholas se estabeleceram no estado para trabalhar na agricultura e nas cidades.

Fotografia

O Paraná possui uma rica história na fotografia, marcada pelo trabalho de importantes fotógrafos, como Haruo Ohara, José Juliani e George Craig Smith. Por meio de suas fotografias, eles registraram diferentes aspectos da vida paranaense, como paisagens, pessoas, costumes, cidades e momentos do cotidiano. Seus trabalhos contribuíram para preservar a memória e a cultura do Paraná, tornando a fotografia uma importante forma de conhecer o passado do estado.













Fotos: sites.uel.br

Fotos de José Juliani

Em uma época em que a fotografia era ainda uma arte em desenvolvimento, um homem de origem humilde com uma paixão pela captura de imagens tornou-se um importante fotógrafo brasileiro, responsável por registrar a expansão da frente pioneira do Norte do Paraná. José Juliani, nascido em Piracicaba, interior de São Paulo, em 1876, encontrou seu destino na cidade de Londrina no ano de 1933, onde deixou um legado que transcende o tempo.



Passeata em homenagem a Willie Davids, Londrina

Em uma época em que a fotografia era ainda uma arte em desenvolvimento, um homem de origem humilde com uma paixão pela captura de imagens tornou-se um importante fotógrafo brasileiro, responsável por registrar a expansão da frente pioneira do Norte do Paraná. José Juliani, nascido em Piracicaba, interior de São Paulo, em 1876, encontrou seu destino na cidade de Londrina no ano de 1933, onde deixou um legado que transcende o tempo.



Câmera do fotógrafo José Juliani

Juliani montou o seu próprio estúdio fotográfico particular, chamado "Photo Studio". Com o passar do tempo, em sua última fase trabalhando como fotógrafo, atuou com o "lambe-lambe", na praça da Bandeira, próximo à Catedral de Londrina. Muita gente fez a sua foto 3x4 quase instantânea com o Seu Juliani.

José Juliani faleceu em 1976. Seu legado vive por meio de suas imagens. O acervo do fotógrafo pioneiro, preservado no Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, é composto por 440 fotografias, 390 negativos de vidro e um álbum com 108 imagens



"Photo Studio", Residência de José juliani - Década de 1930

Fotos de George Craig Smith

A história de Londrina guarda George Craig Smith como o personagem emblemático que, em um ano marcante, liderou a primeira caravana da Companhia de Terras do Norte do Paraná a chegar por estas terras. Era o ano de 1929, quando o jovem pioneiro iniciou sua jornada na região conhecida como Patrimônio Três Bocas, e que depois tornou-se Londrina. Trouxe consigo a promessa de uma nova vida em meio às vastas florestas habitadas por indígenas e alguns colonos.



George Craig Smith e cachorro Júpiter (1925)



A teus pés, Londrina - Década de 30

As fotografias de Craig Smith denotam a intenção de mostrar uma vida urbana e social em meio ao ambiente rústico de um lugar ainda selvagem. Em suas imagens, é possível ver pessoas vestindo roupas claras, em contraste à precariedade diante da pouca estrutura e das densas florestas que precisavam ser derrubadas

Para além da trajetória de liderança nos primórdios da cidade, Smith também contribuiu como fotógrafo. Com sua câmera sempre ao alcance, registrou imagens que revelam animais de carga e homens de coragem, sendo os primeiros a se aventurarem nesse território pouco explorado. Logo em seguida, os instantes fotográficos mostram veículos motorizados e famílias inteiras que cruzaram o rio Tibagi, estabelecendo-se nesta terra promissora.

Por meio da fotografia, George Craig Smith congelou no tempo gestos, feições e momentos corriqueiros que nos aproximam de uma época que não pode ser totalmente reconstituída. Em seus registros, estão os atoleiros, as risadas das mocinhas com suas luvinhas brancas, a refrescância de um mergulho no rio, o esforço dos trabalhadores e o entusiasmo dos compradores de terras



Primeiro Casamento em Londrina (1932)

londrinahistorica.com.br

Fotos de Haruo Ohara

Imigrante, lavrador e fotógrafo, Haruo Ohara nasceu em Kochi, no Japão, em 1909. Aos 17 anos, veio para o Brasil com seus pais e irmãos, e cultivou a terra ao longo de boa parte de sua vida adulta com dedicação e arte, ao mesmo tempo que fotografava sua vida e a de seus familiares.



Brincadeira no canteiro de flores (1950)



Família reunida (1950)

Sua obra, alinhada com a fotografia moderna e humanista de meados do século XX, contribui para mostrar que alguns dos antagonismos atávicos da cultura brasileira, como o que contrapõe o campo e a cidade como símbolos do arcaico e do moderno, herança de nosso período colonial extrativista e escravocrata, não resiste ao surgimento de uma nova personagem histórica na passagem do século XIX para o XX: o imigrante europeu ou asiático, que renova cultural e economicamente o país a partir do campo e que, no caso específico de Haruo Ohara, encarna tanto o homem da terra quanto o homem da cultura. Ao lado do trabalho diário na lavoura, Haruo cultivou a delicadeza dos infindáveis registros fotográficos possíveis da luz, delineando formas abstratas a partir de volumes e texturas dos objetos e da natureza presentes em seu ambiente e no entorno. Produziu também marcantes imagens documentais e humanistas de sua família, de sua região e do mundo do trabalho associado à abertura da nova fronteira agrícola no norte do Paraná pelos imigrantes japoneses e de outras nacionalidades que para lá acorreram.

ims.com.br



Mestre José Juliani (1958)

Onde se estabeleceram?



Italianos:

Os italianos ocuparam principalmente a região de Curitiba e o litoral paranaense, além de áreas do norte e oeste do estado. Muitos trabalharam na agricultura, na produção de alimentos e posteriormente no comércio e em outras atividades urbanas.

Japonêses:

Os imigrantes japoneses se estabeleceram principalmente no Norte do Paraná, em cidades como Londrina, Assaí e Uraí. A região oferecia boas condições para a agricultura, especialmente para o cultivo de café e outros produtos agrícolas.

Árabes:

Os imigrantes sírio-libaneses se estabeleceram principalmente em Curitiba e outras cidades do Paraná, onde atuaram especialmente no comércio. Com o tempo, formaram comunidades e contribuíram para o desenvolvimento econômico e cultural do estado.

ims.com.br

Espanhóis:

Os espanhóis se espalharam por diferentes regiões do Paraná, com presença importante em Curitiba e no Norte do estado. Muitos trabalharam na agricultura, no comércio e em atividades urbanas, contribuindo para o desenvolvimento econômico das cidades.

Ucranianos:

Os ucranianos se estabeleceram principalmente no centro-sul e sudeste do Paraná, em cidades como Prudentópolis, Mallet e União da Vitória. Nessas regiões, desenvolveram a agricultura e mantiveram fortes tradições culturais e religiosas.

Kesia Rodrigues



Meu Nordeste

FUNCAP
FUNDAÇÃO DE CULTURA E ARTE APERIPÊ DE SERGIPE

SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

LEI PAULO GUSTAVO

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

“Meu Nordeste”: Kesia Rodrigues lança EP autoral que celebra a tradição do forró

A cantora e produtora cultural Kesia Rodrigues apresenta ao público seu mais novo trabalho autoral, o EP “Meu Nordeste”, um projeto que nasce como um verdadeiro tributo à identidade, à memória afetiva e à força da cultura nordestina. Com lançamento marcado para o dia 23 de maio em todas as plataformas digitais, o EP chega em sintonia com o período junino, reforçando a conexão com uma das mais importantes manifestações culturais da região.

Com uma sonoridade que valoriza o forró tradicional, o trabalho mergulha nas raízes do gênero, preservando elementos que atravessam gerações e mantêm viva a essência do autêntico forró nordestino. Ao mesmo tempo, o repertório dialoga com o presente ao trazer nuances do forró romântico, criando uma experiência musical que convida tanto à dança quanto à escuta sensível.

O EP é composto por cinco faixas, incluindo a canção “Meu Nordeste”, já conhecida pelo público em parceria com João Araújo, além de quatro músicas inéditas. As composições e a produção musical foram construídas de forma colaborativa, reunindo parcerias com artistas e amigos, em um processo criativo que fortalece os laços afetivos e artísticos presentes na trajetória da cantora.

Mais do que um lançamento musical, “Meu Nordeste” representa também a potência das políticas públicas de incentivo à cultura. O projeto foi viabilizado com recursos da Lei Paulo Gustavo, contando com o apoio da FUNCAP e do Governo de Sergipe, reafirmando a importância do investimento público para a continuidade e valorização da produção artística local.
Com este trabalho, Kesia Rodrigues reafirma seu compromisso com a valorização da cultura nordestina, apresentando um EP que não apenas celebra o forró, mas também contribui para a manutenção e difusão de uma tradição que é patrimônio vivo do Brasil.



Seminário nacional de cultura/etapa Nordeste


Divulgação

O Seminário Regional Nordeste do Programa Nacional dos Comitês de Cultura (PNCC) foi realizado entre 15 e 17 de setembro em Salvador (BA), com debates voltados à participação social e à construção de políticas públicas de cultura a partir das experiências e das diferentes realidades dos territórios nordestinos.

Realizada no Cine Glauber Rocha, no Centro da capital baiana, a abertura reuniu representantes do Ministério da Cultura (MinC), de Institutos Federais parceiros do programa, Agentes Territoriais de Cultura, integrantes dos Comitês de Cultura, pesquisadores e representantes da sociedade civil envolvidos com as políticas culturais na região Nordeste.

A ministra da Cultura, Margareth Menezes, participou da abertura do encontro. A secretária de Articulação Federativa e Comitês de Cultura do MinC, Roberta Martins, também esteve presente nas atividades desta terça-feira.
Na oportunidade, Aldo Moraes o jornalista responsável pela Revista D'arte presenteou a Ministra da cultura com o livro "batuque na caixa 25 anos", de sua autoria.

Um dos principais momentos da programação foi o painel "A política cultural a partir dos territórios: escuta, participação e transformação", dedicado à discussão sobre a formulação de políticas culturais considerando as experiências desenvolvidas localmente, os mecanismos de participação social e as especificidades de diferentes comunidades e regiões.

O debate abordou a relação entre território e política cultural e a participação de agentes, redes e comunidades nos processos de elaboração e execução de políticas públicas. As experiências produzidas nos diferentes estados nordestinos também integraram as discussões realizadas ao longo da tarde.

No dia 16, o músico e escritor Aldo Moraes apresentou sua experiencia como artista, gestor do Instituto Cultural Arte Brasil e como agente territorial de Sergipe, na sala 3 da escola de administração da UFBA. No dia seguinte, representou o estado de Sergipe na mesa temática


Divulgação

que apresentou os resultados do programa ATCs vinculado aos comitês regionais de cultura.

O Seminário Regional Nordeste integra as ações formativas do Programa Nacional dos Comitês de Cultura e é realizado em parceria com o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN).

Programa Nacional dos Comitês de Cultura

Instituído em 2023, o PNCC atua por meio de uma rede formada por Comitês de Cultura e Agentes Territoriais de Cultura. Entre as atividades desenvolvidas estão ações de mobilização social, formação, comunicação e orientação relacionadas ao acesso às políticas públicas de cultura nos diferentes territórios do país.

Os Comitês de Cultura articulam agentes, coletivos, organizações e instituições e desenvolvem atividades relacionadas à participação social e às políticas culturais. Já os Agentes Territoriais de Cultura atuam diretamente nos territórios, com ações de mobilização, comunicação, mapeamento e articulação com comunidades e agentes culturais.



Aldo Moraes e a Mnistra Margareth Menezes/Divulgação

PERNAMBUCO: ARTE, CULTURA, HISTÓRIA E SOCIEDADE



Divulgação

Por Aldo Moraes

As próximas edições da Revista D'arte vão trazer uma espécie de diário de bordo com impressões artísticas, sociais, culturais, pessoais e históricas de Recife e Olinda, em Pernambuco onde fiquei por uma semana.

Hospedado no Villa Hotel, conheci a história de Henrique Dias e no meio da rua que leva o nome do grande general negro, pude visitar a Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Igreja das fronteiras) onde o líder religioso e humanista Dom Helder Câmara abrigou jovens e lideranças políticas e sociais perseguidos pela ditadura militar.

Acompanhado da musicoterapeuta Pollyanna Sela (responsável por boa parte das fotos das matérias), conheci o marco zero de Pernambuco (com seus prédios históricos e em arquitetura barroca; estátua em homenagem a Naná Vasconcelos e Mercado São José. Em seguida visita ao centro histórico: Memorial Luiz Gonzaga, Memorial Chico Science, Igreja de São Pedro dos clérigos, casa da cultura/ antigo presídio (onde encontramos pegadas das memórias de Graciliano Ramos quando foi encarcerado), Casa do carnaval e o Núcleo Cultura afro-brasileira onde nosso já amigo e parceiro cultural Chacon zela pelo maracatu tradicional e o legado de Naná Vasconcelos. As impressões são muito fortes e revelam o Brasil ancestral, com enorme contribuição negra ao país.

Em Olinda, fomos guiados por Fábio Fidélis da Silva, hoje guia turístico e que foi uma criança adotada por Dom Helder Câmara. Fábio nos conduziu pela Catedral da Sé, casa dos bonecos gigantes de Olinda, casa do Preto Velho, Igreja Nossa Senhora da Conceição e pelo agradável e apetitoso restaurante Art Grill.

Salustiano é meu sobrenome. Espero ao final da série de matérias ter um encontro com a família de meu pai e a confirmação de parentesco com Mestre Salustiano (mestre das rabecas, pandeiros e do maracatu rural) e fazer o relato aos leitores da revista. Até a próxima edição!

Aldo Moraes (MTB 0010993/PR)



Divulgação



Divulgação



Divulgação




FAÇA O SEU PEDIDO
E DEIXE A SUA
CONTRIBUIÇÃO
A FÉ MOVE MONTANHAS



Em 11 de setembro de 2026 visitei a exposição sobre o carnaval popular de Estância, sul sergipano, no Casarão da Memória/ Memorial da Cultura, antiga Casa Estanciana de Artes. Fui recebido pelo importante diretor teatral e escritor Adonys Diniz.

O Casarão da Memória – Memorial da Cultura foi inaugurado em 5 de junho de 2026 em Estância, para preservar e valorizar a história e as tradições do município.

O Casarão é Um centro cultural dedicado a guardar a trajetória de artistas, mestres e agentes que formam a identidade estanciana e periodicamente reúne exposições de arte, artesanato, gastronomia e apresentações musicais, incluindo o projeto mensal Varanda Cultural.

Divulgação

A exposição sobre o carnaval reune fantasias, instrumentos musicais, bandeira de escolas de samba e adereços. O carnaval de Estância, em Sergipe, é famoso por ser o único do estado a manter a tradição dos desfiles de escolas de samba, misturando o ritmo da avenida com shows de blocos de rua na sede e no litoral.

Há mais de 60 anos, agremiações desfilam pelo Centro comercial da cidade com carros alegóricos, comissões de frente, alas de baianas e baterias. Além das escolas, desfilam grupos de batucada e blocos carnavalescos.

Aldo Moraes (MTB 0010993/PR)



Divulgação



Divulgação



Divulgação

PARA REVISTA D'ARTE

Aldo Moraes

Desde o inicio convivo com o ambiente artístico e cultural do Memorial da Cultura de Estancia, no sul de Sergipe. Neste importante e histórico prédio, realizo uma mentoria literário com autoras e autores sergipanos (Rafael Cruz, Ana Mércia e Claudia Borges) por meio de um projeto da Politica Nacional Aldir Blanc da Fundação de Arte e Cultura Aperipê/SE.

O Casarão Memorial da Cultura é um espaço voltado para a preservação e valorização da rica história e identidade local. Ele abriga exposições permanentes, como a do tradicional Barco de Fogo, destacando o artesanato pirotécnico e os festejos juninos da cidade.

O local serve como um ponto de encontro e memória, celebrando mestres, artistas e agentes culturais que mantêm vivas as manifestações populares estancianas. O município também é amplamente conhecido por sua forte herança cultural, contendo símbolos como o Forródromo e a famosa Salva de Estância.

Em 2026, a Galeria Félix Mendes foi reinaugurada no local, ampliando o espaço para exposições de artistas da cidade e visitas de estudantes.
Entre as principais funções do memorial estão:
- Expor obras de artistas locais.
- Realizar exposições temáticas, saraus, palestras e atividades educativas.
- Preservar a memória das manifestações culturais de Estância.
- Abrigar entidades culturais, como o Conselho Municipal de Políticas Culturais, a Academia Estanciana de Letras e o Clube dos Poetas Estancianos.

Um dos destaques do espaço é a exposição permanente sobre o Ciclo do Fogo, que apresenta a tradição da fabricação dos fogos de artifício, dos buscapés, das espadas e do famoso Barco de Fogo, uma das maiores expressões da cultura estanciana e patrimônio imaterial da cidade.

Em uma das salas há uma pequena mas importante exposição de livros, cordéis e reportagens representativas da literatura estanciana, como Zé de Porcino, cujo nome verdadeiro era José Rodrigues de Oliveira (1885–1956), foi uma das figuras mais influentes do século XX em Estância. Homem de posses e líder político, atuou como vereador e delegado de polícia, além de ter sido o fundador e mantenedor da extinta Filarmônica Recreio Estanciano.

Entre as personalidades históricas da literatura nacional nascidas em Estancia está Gilberto Amado, primo de Jorge Amado. Gilberto de Lima Azevedo Sousa Ferreira Amado de Faria foi advogado, diplomata, jurisconsulto, escritor, jornalista e político brasileiro.

Nasceu em 7 de maio de 1887, em Estancia e foi membro da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1963. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1969 Destaco aqui a dedicação da Secretaria Municipal de Cultura de Estancia para a revitalização e manutenção do espaço e a permanente valorização que o setor cultural dá ao local e as histórias que o circundam.



Divulgação


EXPOSIÇÃO
G.R.E.S -
Império do Samba:
Memória, Fantasia e História.

Divulgação



ENTREVISTA – VALDIR RAY RODRIGUES
(Redação da Revista D'arte)

Nosso entrevistado é renomado ator, diretor, poeta e dramaturgo com peças encenadas no Brasil e na Europa. Valdir Ray Rodrigues, nascido no Paraná no final dos anos 70, também é Psicanalista e terapeuta integrativo e compartilha sua paixão e conhecimento com adolescentes e jovens através das oficinas do Batuque na Caixa.

Olá Valdir, é uma satisfação te entrevistar para a prestigiada Revista D'arte. Fale um pouco das suas primeiras relações com a arte e como se definiu como profissão em sua vida: A arte não foi uma escolha… foi um chamado.

Desde muito cedo, eu percebia que existia algo dentro de mim que precisava ser expresso. Era como se a emoção não coubesse no corpo — ela precisava virar palavra, gesto, cena. A poesia veio antes mesmo da consciência técnica. Era sentimento bruto. Com o tempo, o teatro entrou como um caminho de expansão.

Ele me ensinou a viver outras vidas, a sentir outras dores, a compreender o ser humano em profundidade.

E foi exatamente aí que tudo começou a fazer sentido… porque eu percebi que a arte não era só expressão — era transformação. Hoje, eu não me defino apenas como artista ou terapeuta.

Eu me vejo como alguém que trabalha com o humano em sua essência. Seja no palco ou no consultório, o que eu faço é acessar aquilo que muitas vezes está escondido — e dar forma, consciência e direção.

Como você define o processo de criação e encenação das suas obras?

O meu processo de criação nasce da dor…, mas também da esperança. Eu não crio a partir da superfície. Eu mergulho. Vou até aquilo que incomoda, que provoca, que muitas vezes ninguém quer olhar. Porque é ali que está a verdade.

Minhas obras têm uma base muito forte no que eu chamo de Neo-Romantismo — uma mistura de intensidade emocional, linguagem contemporânea e profundidade simbólica. Eu trabalho muito com metáforas, com imagens internas… como se cada cena fosse um espelho da alma.

Na encenação, eu gosto de verdade. Não gosto de atuação mecânica. Eu busco presença. O ator precisa sentir. Precisa viver. Porque quando ele vive de verdade… o público não assiste, ele se reconhece. E quando o público se reconhece… a arte cumpre seu papel.

Quais os desafios da sociedade na relação cotidiana com a ansiedade, o medo e o stress?

O maior desafio hoje é que as pessoas não param. Vivemos em uma sociedade acelerada, onde tudo é urgente, tudo é para ontem…, mas ninguém foi ensinado a lidar com o que sente. A ansiedade não é o problema em si.

O problema é o acúmulo de emoções não processadas. É o excesso de pensamentos. É viver no automático. O medo também não é o inimigo. Ele é um sinal. Mas quando a pessoa não entende isso, ela começa a fugir… e essa fuga vira padrão.

E o mais grave: as pessoas aprenderam a funcionar…, mas não aprenderam a se escutar. É por isso que hoje vemos tanta gente aparentemente forte…, mas internamente cansada, sobrecarregada e perdida.

Como a arte e a espiritualidade podem ajudar nos desafios da vida moderna?

A arte e a espiritualidade têm algo em comum: ambas nos reconectam com o essencial. A arte nos faz sentir. Ela quebra a rigidez, abre espaço para emoção, para reflexão. Ela nos tira do automático. Já a espiritualidade nos dá direção. Nos lembra que existe algo além do caos, além da correria. Nos traz presença.

Quando essas duas forças se encontram… acontece algo muito poderoso. A pessoa começa a se perceber. Começa a entender seus padrões. Começa a reorganizar sua mente, suas emoções, sua energia. E isso não é algo abstrato… isso é transformação prática. Eu vejo isso todos os dias, tanto no palco quanto no consultório.

Fale sobre a importância do patrocínio e

financiamento para os projetos culturais, como o caso do Batuque na Caixa: O financiamento cultural não é apenas investimento em arte… é investimento em transformação social. Projetos como o Batuque na Caixa levam muito mais do que cultura.

Eles levam oportunidade, expressão, autoestima. Muitos jovens não têm espaço para se expressar. Não têm voz. E quando encontram isso através da arte… algo muda. A arte pode evitar caminhos destrutivos. Pode despertar talentos. Pode transformar realidades.

Por isso, o apoio de instituições, empresas e políticas públicas é fundamental. Quando alguém investe em cultura… está investindo diretamente no futuro.
Desta forma, como diretor do Instituto Cultural Arte Brasil e profissional envolvido com as atividades agradeço a J Macedo, o Ministério da Cultura, a Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, parceiros como a Escola Municipal Maria Shirley, o Colégio Estadual Marcelino Champagnat, a Escola Popular, o Instituto Conhecimento Liberta, Lupa do bem, Sindicato Bancários de Curitiba, Revista D'arte, Podcast podechefe e demais parceiros.



Deixe uma palavra ou um poema para o leitor da Revista D'arte:

Clamor
Invocação ao canto de Castro Alves

Serão estes versos
A reencarnação da voz da liberdade?!!!
Que clama por justiça?!
Tentando quebrar as correntes
Que incansáveis insistem,
As mãos dos homens?!!!
- Não busco asilo como Fagundes!...
No lugar do álcool
Aconchego-me na rua lima,
Entre o amor e os pássaros!!!
Qual maior dor?
De ter como cenário
A escravidão?...
A guerra?...
A fome?...
E saber que é real
Mesmo depois que o condor,
Teve como irmão o povo?!!!
Gritem!!! Gritem!!!
Não se acalmem homens!
Pequeno e escravo
É aquele que tem como morta - a voz!...
O grito por liberdade!!!...
Valdir Ray Rodrigues
Escrito em Balneário Camboriú 2003

Redes sociais do entrevistado:
Instagram: @valdirrayrodrigues e @palco_nu



ENTREVISTA BATUQUE NA CAIXA/ MARCELA BRISOLA

A Revista D'arte recebe a educadora cultural e pesquisadora de tradições populares,Marcela Brisola. Aluna do curso de farmácia, atua como educadora do batuque na caixa, no município de Centenário do Sul e Londrina (este com patrocínio da Política Nacional Aldir Blanc, Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, Ministério da Cultura e Governo Federal) respectivamente com oficinas de culinária e artes visuais. Nesta entrevista, ela reflete sobre cultura, culinária, tradições e a juventude de hoje.

Fale um pouco da sua relação com a culinária e as artes visuais

Desde muito cedo descobri que a culinária e a arte têm algo em comum: ambas despertam emoções, contam histórias e aproximam as pessoas. Encontrei nessas duas áreas uma forma de ensinar, criar e transformar o cotidiano. Gosto de mostrar que cozinhar pode ser um ato criativo e que a arte pode estar presente nas pequenas experiências do dia a dia, tornando o aprendizado mais significativo e prazeroso.

Como têm sido suas oficinas com públicos tão diferentes, como crianças e senhoras?

Cada público tem sua forma especial de aprender e de compartilhar experiências. Com as crianças, o trabalho é marcado pela imaginação, pela curiosidade e pela descoberta.

Já com as senhoras, há uma rica troca de vivências, memórias e conhecimentos. Em ambos os casos, procuro criar um ambiente acolhedor, onde todos se sintam valorizados e capazes de aprender algo novo. Essas experiências têm sido extremamente gratificantes e enriquecedoras.

Quais os desafios da sociedade na relação cotidiana com uma alimentação saudável?

Um dos maiores desafios é conciliar a rotina acelerada com escolhas alimentares conscientes. Muitas vezes, a praticidade acaba substituindo alimentos naturais por produtos ultraprocessados. Além disso, ainda existe a ideia de que comer de forma saudável é caro ou difícil.

Acredito que a educação alimentar, o planejamento e o aproveitamento integral dos alimentos são caminhos importantes para tornar uma alimentação equilibrada mais acessível a todos.

Como o desenho e a criatividade podem ajudar no desenvolvimento da criança?

O desenho estimula a imaginação, a coordenação motora, a concentração e a expressão dos sentimentos. Quando a criança cria, ela desenvolve autonomia, confiança e aprende a resolver problemas de maneira criativa. A arte também fortalece habilidades sociais, incentiva o pensamento crítico e contribui para um desenvolvimento mais completo e sensível.

Como é este trabalho de reaproveitamento de alimentos e criação de receitas?

Esse trabalho busca mostrar que é possível reduzir o desperdício e valorizar cada alimento em sua totalidade. Cascas, talos e sementes, que muitas vezes sãodescartados, podem ser transformados em receitas nutritivas e saborosas. Além do aspecto econômico, essa prática promove a sustentabilidade, incentiva hábitos mais conscientes e demonstra que criatividade e responsabilidade podem caminhar juntas na cozinha.

Deixe uma palavra final para os leitores da revista.

Acredito que a arte, a educação e a alimentação têm o poder de transformar vidas. Quando cultivamos a criatividade, o conhecimento e o cuidado com as pessoas e com o meio ambiente, construímos uma sociedade mais consciente e humana. Que nunca nos falte disposição para aprender, ensinar, criar e inspirar aqueles que estão ao nosso redor.









Divulgação

ENTREVISTA BATUQUE NA CAIXA/ MARCELO BARRETO

A Revista D'arte recebe o educador, treinador físico e pesquisador de danças tradicionais Marcelo Barreto. Graduado em educação física e pedagogia, com especialização em educação especial e gestão educacional o profissional atua como educador do batuque na caixa, no município de Centenário do Sul e Londrina (este com patrocínio da Política Nacional Aldir Blanc, Secretaria Municipal de Cultura de Londrina, Ministério da Cultura e Governo Federal) e é atuante em várias frentes com crianças e adolescentes, como seu projeto futsal cidadão

Fale um pouco da sua formação e experiência com aplicação da dança e esportes para crianças?

Atuo como professor de Educação desde 2015 com aulas de Futsal para crianças de 05 a 15 anos, por meio projeto social. Apesar do projeto de Futsal também aceitar tanto meninas quanto meninos, a procura maior são de meninos, na expectativa de realizar uma atividade que atraísse também o público feminino surgiu a dança.

Quais os desafios da sociedade na relação cotidiana com uma vida saudável?

Acredito que sãos os hábitos da vida moderna, a alimentação não saudável, geralmente a comida industrializada, cada dia que passa as crianças vão perdendo o interesse nas brincadeiras que se movimentam, isso devido a falta de um local adequado seguro para brincar, o que faz com que as crianças acabem se interessando mais pelos telas, o que consequentemente impacta no sono, da perda da mobilidade, transformando em adulto sedentário.

Como a dança e os esportes podem ajudar nos desafios de desenvolvimento da criança?

A dança e os esportes contribuem de forma muito ampla para o desenvolvimento integral da criança, ajudando a enfrentar desafios físicos, emocionais, sociais e cognitivos, pois trabalham o Desenvolvimento motor, Desenvolvimento cognitivo, saúde bem-estar, Socialização, Aspectos emocionais, Disciplina e responsabilidade, Criatividade e tudo isso contribui como facilitador na Aprendizagem, ou seja, dança e esporte não trabalham apenas o corpo.

Deixe uma palavra final para os leitores da revista

Que o movimento desperte sonhos, transforme vidas e inspire novos caminhos!
Redes sociais do entrevistado:
@marcelobarreto8619
Face: Marcelo Barreto



Divulgação

CIA PEDRAS: IARA RIBEIRO E ADRIANO BRAGA, UMA HISTÓRIA DE ARTE, HUMANIDADE E RESISTÊNCIA



Divulgação

Arquitetura da Resistência: Os 32 Anos da Cia Pedras Teatro Circo e a Poética do Encontro em Maringá
Introdução: A Pedra que Edifica o Caminho
No universo das artes cênicas independentes do Brasil, completar mais de três décadas de atividade contínua é um marco de profunda resiliência. Em Maringá, no noroeste paranaense, a Cia Pedras Teatro Circo celebra seus 32 anos de história consolidada não apenas como um grupo de repertório, mas como um verdadeiro território de invenção humana, afeto e pensamento crítico. Fundada em 1994, a companhia transformou-se em um dos pilares da cultura paranaense ao recusar a espetacularização vazia e apostar em uma arte que dialoga diretamente com as urgências da sociedade.

O percurso da Cia Pedras é, antes de tudo, uma crônica sobre encontros. Encontros entre o teatro e o circo, a literatura e a cena, a tradição e a contemporaneidade, o palco institucional e a liberdade da rua. E no centro dessa engrenagem artística pulsam dois nomes inseparáveis: Iara Ribeiro e Adriano Braga. Juntos, eles representam as dimensões complementares de uma mesma trajetória: a criação e a presença, a palavra e o movimento, a direção e o corpo.

Iara Ribeiro: A Matriz Poética e Conceitual
Fundadora da companhia, Iara Ribeiro é o eixo estruturante de toda a produção conceitual e dramatúrgica do grupo. Sua trajetória literária e acadêmica — marcada pela graduação em Letras, especializações em Literatura, Dança e Teatro-Educação, além do mestrado em Filosofia pela UEM — reflete-se diretamente na consistência dos espetáculos que concebeu e dirigiu.

Ao longo de mais de trinta anos, Iara assinou obras fundamentais do repertório da companhia, como Anjos, O Bêbado e a Equilibrista, Cordel Canta Dor, Parasitas e Revolução, além de transitar com naturalidade pela literatura com livros publicados como Vespas na Retina e Andarilhos de Cordel. Sob sua batuta, a direção artística nunca buscou o mero entretenimento; pelo contrário, buscou o incômodo necessário, a poesia que desafia o olhar e a reflexão filosófica inserida no cotidiano.

Adriano Braga: A Pulsação Corporal e a Polifonia
Se Iara desenha a arquitetura intelectual e poética da Cia Pedras, Adriano Braga injeta nela o sopro vital da corporalidade e do ritmo. Integrante do grupo desde 2003, Adriano expandiu as fronteiras da companhia ao transitar com maestria entre a atuação cênica, a acrobacia circense, a capoeira, a pedagogia e a música.

Formado em Educação Física e com sólida formação em música e educação musical, Adriano trouxe para a cena uma pesquisa minuciosa sobre o pífano e outros instrumentos artesanais sonoros. Essa investigação sonora, somada à sua bagagem circense e corporal, conferiu à Cia Pedras uma identidade polifônica única, onde a cultura popular e o artesanato encontram o rigor do teatro contemporâneo. Sua parceria com Iara transcendeu a coautoria de textos — como no aclamado Cordel Canta Dor — para se tornar a própria engrenagem motora dos processos criativos do grupo.

A Rua como Extensão da Vida e da Cidadania
Uma das contribuições mais marcantes da Cia Pedras para o cenário cultural de Maringá é a recusa em manter a arte confinada aos espaços tradicionais. A companhia sempre defendeu que o teatro deve ocupar o espaço público, dissolvendo a barreira histórica entre a obra e o espectador.

Essa filosofia encontrou sua expressão máxima na Mostra Pé na Rua, iniciativa criada por Iara Ribeiro em 2011 e que celebrou edições históricas marcando o vigor do grupo. Na rua, o público não precisa de ingressos ou de rituais solenes; basta parar, observar, questionar e participar. Espaços cotidianos transformam-se, por alguns instantes, em territórios de imaginação coletiva. A rua, para a Cia Pedras, é o lugar onde a arte cumpre seu papel mais democrático: o de devolver o espaço urbano aos cidadãos.

Uma Comunidade Artística: Humanidade e Resistência
O lema "Humanidade e Resistência" não é apenas um slogan institucional da Cia Pedras; é a diretriz ética que sustentou o grupo através de diferentes eras da política e da cultura brasileira. Em trinta e dois anos de estrada, a companhia formou gerações de artistas, oferecendo oficinas e cursos contínuos de teatro e circo que enraizaram a cultura circense e cênica no interior do Paraná.

A sede da companhia, mais do que um endereço físico, consolidou-se como uma "presença humana". Como bem aponta a história do grupo, uma trupe teatral não se resume a um acervo de figurinos, palcos ou prêmios. Ela é feita de pessoas, de memórias compartilhadas e de relações que sobrevivem ao fechar das cortinas.

Conclusão: O Legado de 32 Anos
Ao celebrar 32 anos de fundação, a Cia Pedras Teatro Circo reafirma a força da criação independente. Iara Ribeiro e Adriano Braga provaram que é possível fazer arte com rigor, ética e lirismo longe dos grandes eixos hegemônicos, fincando raízes profundas na identidade cultural paranaense.

A metáfora contida no próprio nome da companhia resume perfeitamente essa jornada. Existem pedras que servem apenas para barrar o caminho, tornando a caminhada árdua. Mas existem aquelas pedras que servem para construir os alicerces de uma travessia sólida. Há mais de três décadas, Iara e Adriano utilizam a arte não para impedir a passagem, mas para pavimentar um horizonte onde a sensibilidade, o pensamento crítico e a humanidade continuam guiando o porvir das artes cênicas no Brasil.



Divulgação



Divulgação



Divulgação



Divulgação

Câmara dos Deputados aprovou, nesta terça-feira (1º), o Projeto de Lei (PL) nº 5.894/2025, que institui o novo Plano Nacional de Cultura (PNC),



Câmara dos Deputados aprovou, nesta terça-feira (1º), o Projeto de Lei (PL) nº 5.894/2025, que institui o novo Plano Nacional de Cultura (PNC), instrumento de planejamento que estabelece princípios, diretrizes e objetivos para orientar as políticas públicas de cultura no Brasil pelos próximos dez anos. A proposta, que organiza as prioridades para o setor e prevê mecanismos de acompanhamento e participação social, segue agora para análise do Senado Federal.

Previsto no artigo 215 da Constituição Federal, o Plano Nacional de Cultura orienta o planejamento de longo prazo para o setor cultural. O texto aprovado pela Câmara está organizado em oito eixos e reúne 22 diretrizes, que abrangem temas como diversidade cultural, acesso e participação na vida cultural, preservação do patrimônio e da memória, formação artística e cultural, cultura de base comunitária e desenvolvimento de territórios criativos e sustentáveis.

A proposta também contempla a presença da cultura no ambiente educacional e sua articulação com outras políticas públicas.

A elaboração do novo PNC contou com diferentes etapas de participação social. Uma das referências para a construção da proposta foram as 30 prioridades definidas durante a 4ª Conferência Nacional de Cultura, realizada em março de 2024, em Brasília.

As contribuições da Conferência subsidiaram a elaboração de um texto-base, posteriormente debatido em oficinas e outras etapas de participação. O processo incluiu oficinas territoriais realizadas nas capitais brasileiras e consulta pública digital, com contribuições de representantes da sociedade civil, gestores públicos e agentes culturais.

O projeto do novo Plano Nacional de Cultura foi encaminhado ao Congresso Nacional em novembro de 2025.

Acompanhamento do Plano

O projeto prevê uma estrutura de governança participativa para acompanhar a execução do PNC, com a presença dos entes federativos e da sociedade civil. Durante o período de vigência, deverão ser realizadas pelo menos duas Conferências Nacionais de Cultura.

A proposta também estabelece articulação com o Sistema Nacional de Cultura (SNC), que organiza a cooperação entre União, estados, Distrito Federal e municípios na gestão das políticas culturais. Pelo texto aprovado na Câmara, estados e municípios terão até 2028 para integrar o SNC como condição para o recebimento de recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura.

Metas, ações estratégicas e indicadores deverão orientar o monitoramento da implementação do PNC e a avaliação de seus resultados ao longo dos dez anos.

Próximas etapas

Após a aprovação na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei nº 5.894/2025 segue para análise do Senado Federal. O novo Plano Nacional de Cultura ainda precisa concluir as etapas previstas no processo legislativo antes de entrar em vigor.

Categoria Cultura, Artes, História e Esportes
Tags: PNCCULTURA

A OBRA É SUA, MAS VOCÊ CONSEGUE PROVAR?

Por Vandira Evelyn



Como documentar o processo criativo e proteger a história de uma criação

Uma obra raramente surge pronta.
Antes de chegar à tela, ao palco, ao livro, à música ou à exposição, ela passa por ideias, rascunhos, testes, anotações, fotografias, gravações, versões descartadas, conversas e mudanças de direção. Tudo isso faz parte do processo criativo e também pode ajudar o artista a demonstrar como e quando determinada obra foi desenvolvida.
Muitos artistas começam a se preocupar com a autoria somente quando encontram sua criação reproduzida sem autorização, publicada sem os devidos créditos ou apresentada por outra pessoa como se fosse própria. Nesse momento, surge uma pergunta importante: como provar que fui eu quem criou?
A resposta pode estar justamente nos registros que foram produzidos durante o caminho.

A PROTEÇÃO NÃO COMEÇA COM O REGISTRO

Uma dúvida frequente entre artistas é: “Se eu não registrei minha obra, ainda tenho direitos sobre ela?”
Sim. No Brasil, o registro não é o que faz nascer o direito autoral.
A Lei nº 9.610/1998 estabelece, em seu artigo 18, que a proteção aos direitos autorais independe do registro da obra. Isso significa que uma criação intelectual pode ser protegida desde o momento em que é exteriorizada, ou seja, quando deixa de existir somente no campo das ideias e passa a assumir uma forma que possa ser percebida, identificada ou registrada.

Uma música gravada no celular, um poema escrito em um caderno, uma fotografia, uma escultura, uma ilustração digital, um roteiro, um desenho, uma coreografia registrada em vídeo ou um projeto audiovisual podem receber proteção autoral mesmo que ainda não tenham sido publicados, expostos ou formalmente registrados.

Portanto, não é necessário esperar que a obra seja concluída, lançada ou apresentada ao público para que exista proteção. Dependendo de suas características, versões preliminares, rascunhos, estudos e esboços também podem ser protegidos, desde que possuam elementos criativos próprios e estejam expressos de alguma forma.
A proteção não alcança apenas obras famosas, comercializadas ou produzidas profissionalmente. A legislação não exige reconhecimento público, sucesso comercial ou avaliação sobre o valor artístico da criação. Uma obra não precisa estar em uma galeria, editora, gravadora, plataforma digital ou festival para ser protegida.

O QUE A LEI CONSIDERA UMA OBRA PROTEGIDA?

O artigo 7º da Lei de Direitos Autorais considera protegidas as criações do espírito expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, conhecido ou que venha a ser inventado.
A legislação apresenta uma lista ampla de obras que podem receber proteção, entre elas:

- textos literários, artísticos e científicos;
- conferências, discursos e outras obras apresentadas oralmente;
- obras dramáticas e dramático-musicais;
- coreografias e outras criações de movimento, quando sua execução estiver fixada por escrito ou por outra forma;
- composições musicais, com ou sem letra;
- obras audiovisuais;
- fotografias;
- desenhos, pinturas, gravuras, esculturas e litografias;
- ilustrações, mapas e outras criações semelhantes;
- projetos, esboços e obras relacionadas à arquitetura, engenharia, cenografia e ciência;
- adaptações, traduções e outras transformações de obras anteriores, quando apresentadas como novas criações intelectuais;
- coletâneas, enciclopédias, antologias e bases de dados cuja seleção ou organização demonstre uma contribuição criativa.

Essa lista ajuda a perceber que os direitos autorais não protegem apenas livros e músicas. A proteção pode alcançar diversas linguagens artísticas e culturais, inclusive criações produzidas ou divulgadas em ambiente digital.

Uma ilustração feita em um tablet, por exemplo, não recebe menos proteção do que um desenho feito em papel. Da mesma forma, uma fotografia publicada apenas nas redes sociais continua sendo uma obra fotográfica. O suporte utilizado não elimina os direitos do autor.

IDEIAS NÃO SÃO PROTEGIDAS DA MESMA FORMA QUE OBRAS

Embora a lei proteja diversas formas de criação, ela não concede exclusividade sobre ideias isoladas.
O artigo 8º da Lei nº 9.610/1998 estabelece que não são objeto de proteção autoral, entre outros elementos, as ideias, os métodos, os sistemas, os conceitos, os procedimentos e as regras para realização de atividades.
Essa distinção é fundamental para quem trabalha com arte.
A ideia de criar uma pintura sobre solidão, compor uma música sobre um relacionamento ou produzir uma série fotográfica sobre a vida urbana não pode ser



apropriada exclusivamente por uma pessoa. Diferentes artistas podem trabalhar com o mesmo tema.
O que o direito autoral protege é a maneira particular como cada artista transforma aquela ideia em uma criação concreta.
Imagine que dois artistas decidam representar uma mulher caminhando sob a chuva. O tema é semelhante, mas cada um poderá escolher diferentes cores, traços, enquadramentos, perspectivas, personagens, cenários e técnicas. São essas escolhas criativas, organizadas em uma forma de expressão própria, que podem receber proteção.
Por isso, comunicar uma ideia a alguém não é o mesmo que criar uma obra protegida. Quanto mais a criação estiver desenvolvida e documentada, mais fácil será identificar os seus elementos autorais.



QUEM É CONSIDERADO AUTOR?

Segundo o artigo 11 da Lei de Direitos Autorais, autor é a pessoa física criadora da obra literária, artística ou científica.
Em termos simples, autor é quem efetivamente realiza a contribuição criativa. Não é necessariamente quem pagou pela produção, quem divulgou a obra, quem encomendou o trabalho ou quem possui fisicamente o objeto em que ela foi incorporada.

Uma pessoa pode comprar uma pintura e se tornar proprietária do quadro físico, por exemplo, sem adquirir automaticamente os direitos autorais para reproduzir a imagem da obra em camisetas, cartazes, embalagens ou campanhas publicitárias.
Da mesma maneira, contratar um fotógrafo não significa, por si só, receber todos os direitos patrimoniais sobre as fotografias produzidas. A extensão da autorização e os usos permitidos devem ser analisados conforme o contrato e as circunstâncias da contratação.
A pessoa jurídica poderá ser titular de determinados direitos autorais nas situações admitidas pela legislação, especialmente quando esses direitos forem transferidos por contrato. Entretanto, a criação intelectual é atribuída à pessoa ou às pessoas que efetivamente participaram de sua elaboração criativa.

QUAIS DIREITOS NASCEM COM A CRIAÇÃO?

O artigo 22 da Lei nº 9.610/1998 assegura ao autor direitos morais e direitos patrimoniais sobre a obra.
Os direitos morais estão relacionados ao vínculo pessoal entre o artista e a sua criação. Entre eles, o artigo 24 garante ao autor o direito de:
- reivindicar, a qualquer tempo, a autoria da obra;
- ter seu nome, pseudônimo ou sinal indicado quando a obra for utilizada;
- conservar a obra inédita;
- assegurar a integridade da criação;
- opor-se a modificações que possam prejudicar a obra, sua honra ou sua reputação;
- modificar a obra antes ou depois de sua utilização;
- retirar a obra de circulação em determinadas situações previstas pela lei e mediante eventual indenização a terceiros.

São esses direitos que permitem ao artista exigir o reconhecimento de sua autoria e contestar, por exemplo, a retirada indevida de seus créditos ou uma alteração capaz de desfigurar a criação.
Dar o crédito ao artista, contudo, não substitui a necessidade de autorização. Uma pessoa pode identificar corretamente o autor e, ainda assim, realizar um uso indevido da obra. Os direitos patrimoniais, por sua vez, estão relacionados à exploração econômica da criação.

O artigo 28 assegura ao autor o direito exclusivo de utilizar, aproveitar economicamente e dispor da obra. Já o artigo 29 determina que diferentes formas de utilização dependem de autorização prévia e expressa do autor ou do titular dos direitos, ressalvadas as exceções previstas na própria legislação.
Essa autorização pode ser necessária para práticas como:

- reproduzir uma obra;
- editar ou publicar;
- adaptar ou transformar;
- traduzir;
- incluir a criação em uma produção audiovisual;
- distribuir exemplares;
- utilizar a obra em produtos;
- expor ou comunicar a criação ao público;
- disponibilizar o conteúdo na internet;
- armazenar a obra em sistemas digitais para fins de utilização ou acesso.

Isso significa que encontrar uma obra na internet não a transforma em conteúdo livre.
Uma fotografia publicada em um perfil aberto, por exemplo, não pode ser automaticamente retirada da página e utilizada em um anúncio comercial. Uma ilustração exposta em um portfólio não está necessariamente autorizada para reprodução em camisetas. Uma música disponível em uma plataforma digital não pode ser livremente inserida em um vídeo publicitário.
A visibilidade da obra não representa renúncia aos direitos autorais.

EXISTEM USOS PERMITIDOS SEM AUTORIZAÇÃO?

Os direitos autorais não são absolutos. A própria Lei nº 9.610/1998 estabelece determinadas limitações, especialmente em seu artigo 46.
A legislação admite, em situações específicas, alguns usos que não constituem violação dos direitos autorais. Entre eles estão determinadas citações para fins de estudo, crítica ou debate, desde que sejam observados os limites legais e indicados o nome do autor e a origem da obra.
Entretanto, não basta afirmar que o uso possui finalidade educativa, cultural ou "sem fins lucrativos" para concluir que ele está automaticamente permitido. Cada situação deve ser analisada considerando a finalidade, o contexto, a extensão do conteúdo utilizado e os possíveis prejuízos à exploração da obra.

Também é necessário diferenciar inspiração, referência, releitura, adaptação e reprodução. Essas práticas podem produzir consequências jurídicas diferentes.

O REGISTRO É INÚTIL, ENTÃO?

Não. Dizer que a proteção independe de registro não significa que o registro não tenha utilidade.
O artigo 19 da Lei de Direitos Autorais permite que o autor registre sua obra no órgão público competente, conforme a natureza da criação. Esse registro possui caráter declaratório, ele não cria a autoria, mas formaliza informações sobre a obra apresentada e pode servir como um importante meio de prova.
Na prática, o registro pode contribuir para demonstrar que, em determinada data, uma obra identificada foi apresentada por uma pessoa que se declarou sua autora ou titular.

Isso pode ser relevante em disputas sobre autoria, titularidade, reprodução não autorizada ou anterioridade da criação. Contudo, o registro deve ser compreendido como parte de um conjunto de provas, e não como uma garantia absoluta que elimina a necessidade de analisar outros documentos e circunstâncias.
Por essa razão, registrar somente a versão final da obra não substitui a preservação dos rascunhos, arquivos originais, fotografias do processo, mensagens,



contratos e versões anteriores.
A proteção nasce com a criação exteriorizada. O registro reforça a segurança jurídica. E a documentação do processo ajuda a contar, com mais clareza, a história de como aquela obra foi construída.

POR QUANTO TEMPO A OBRA É PROTEGIDA?

Como regra geral, os direitos patrimoniais do autor permanecem protegidos durante toda a sua vida e por 70 anos contados a partir de 1º de janeiro do ano seguinte ao seu falecimento, conforme dispõe o artigo 41 da Lei nº 9.610/1998. Existem regras específicas para determinadas categorias de obras e situações, como obras anônimas, pseudônimas, audiovisuais e fotográficas. Depois do encerramento do prazo de proteção patrimonial, a obra entra em domínio público. Isso permite sua utilização econômica sem a necessidade de autorização dos herdeiros ou titulares patrimoniais.

Ainda assim, devem ser respeitados aspectos como o reconhecimento da autoria e a integridade da obra. Também é necessário verificar se a utilização envolve outros elementos que continuam protegidos, como uma tradução, adaptação, fotografia ou edição mais recente.

PROTEÇÃO, REGISTRO E PROVA NÃO SÃO A MESMA COISA

Para compreender esse assunto de forma simples, é possível separar três conceitos:
A proteção é o reconhecimento jurídico concedido à criação intelectual a partir de sua exteriorização, independentemente de registro.
O registro é um procedimento facultativo que formaliza informações sobre a obra e pode fortalecer a segurança jurídica.
A prova é o conjunto de elementos utilizado para demonstrar quem criou, quando criou, como participou e quais direitos possui sobre a obra.
Uma criação pode estar juridicamente protegida e, ainda assim, seu autor enfrentar dificuldades para provar os fatos se não tiver preservado nenhum documento sobre o processo.
É justamente por isso que a documentação deve começar enquanto a obra está sendo construída e não apenas depois que surge um conflito.

POR QUE DOCUMENTAR O PROCESSO CRIATIVO?

Documentar uma criação não significa transformar a arte em burocracia. Significa preservar a sua trajetória.
Imagine que um artista publique uma ilustração e, algum tempo depois, encontre uma versão muito semelhante sendo comercializada por outra pessoa. A publicação original pode ser uma evidência importante, mas, isoladamente, talvez não revele todo o percurso da obra.
Quando o artista possui rascunhos, arquivos editáveis, fotografias das etapas de produção, mensagens trocadas durante o desenvolvimento e versões anteriores, torna-se possível apresentar uma sequência coerente, como a criação começou, quais mudanças foram realizadas e quando ela chegou à sua forma final.
Essa documentação pode auxiliar em diferentes situações, como:

- Reprodução não autorizada da obra;
- Retirada ou omissão dos créditos do autor;
- Uso da criação em produtos;
- Conflitos entre integrantes de projetos coletivos;
- Questionamentos sobre quem participou da criação;
- Inscrição em editais e exposições;
- Negociação de licenças;
- Elaboração de contratos;



● Apresentação de provas em notificações ou processos judiciais.
Nenhum documento deve ser analisado isoladamente. Quanto mais coerente for o conjunto de registros, mais elementos existirão para reconstruir a história da obra.

O QUE O ARTISTA PODE GUARDAR?

Não existe uma única forma de documentar um processo criativo. O método pode variar conforme a linguagem utilizada e a realidade de cada artista.
Artistas visuais podem guardar esboços, estudos de composição, testes de cores, fotografias da obra em diferentes etapas e arquivos digitais editáveis.
Fotógrafos podem preservar os arquivos originais, inclusive os arquivos em formato RAW, as sequências de imagens produzidas no ensaio, os dados técnicos e os documentos relacionados à contratação do trabalho.
Escritores podem manter anotações, estruturas de capítulos, primeiras versões, arquivos revisados e mensagens enviadas a leitores, editores ou colaboradores.
Músicos podem guardar gravações iniciais, letras manuscritas, arquivos de sessões, versões de arranjos, projetos de produção musical e documentos que identifiquem os participantes da composição.
Quem trabalha com performances, dança ou teatro pode registrar ensaios, roteiros, movimentos, orientações de direção, desenhos de cena, figurinos e vídeos das etapas de criação.
Também é recomendável preservar contratos, comprovantes de envio, e-mails, mensagens profissionais, notas fiscais e documentos de participação em editais, exposições ou eventos.
O objetivo não é acumular arquivos sem organização, mas construir um histórico compreensível.

PRINTS E PUBLICAÇÕES NAS REDES SOCIAIS SÃO SUFICIENTES?

As redes sociais ajudam a demonstrar que uma obra foi publicada em determinada conta e período. Entretanto, não devem ser a única forma de documentação.
Publicações podem ser apagadas, alteradas ou retiradas do ar. Contas também podem ser invadidas ou desativadas. Além disso, um print isolado pode não demonstrar todo o contexto da criação.
Por isso, o ideal é conservar os arquivos originais e os demais elementos do processo, sem depender exclusivamente das plataformas.
Também é importante lembrar que publicar uma obra na internet não significa autorizar qualquer utilização. O fato de uma imagem, música, fotografia ou texto estar disponível em um perfil público não transforma automaticamente essa criação em conteúdo livre para reprodução, alteração ou exploração comercial.
Salvo nas hipóteses permitidas pela legislação, o uso da obra por terceiros depende de autorização do autor ou do titular dos direitos patrimoniais.

QUANDO A CRIAÇÃO É COLETIVA

A documentação torna-se ainda mais importante quando a obra envolve várias pessoas.
Projetos coletivos podem reunir autores, intérpretes, produtores, fotógrafos, ilustradores, designers, músicos, roteiristas, diretores e outros profissionais. Nem toda participação, porém, produz os mesmos direitos.
Ter participado de uma reunião, executado uma tarefa técnica ou feito uma sugestão não significa, automaticamente, ser coautor. Por outro lado, uma contribuição verdadeiramente criativa não deve desaparecer pela ausência de uma conversa prévia.
Antes da divulgação ou comercialização da obra, o grupo deve definir por



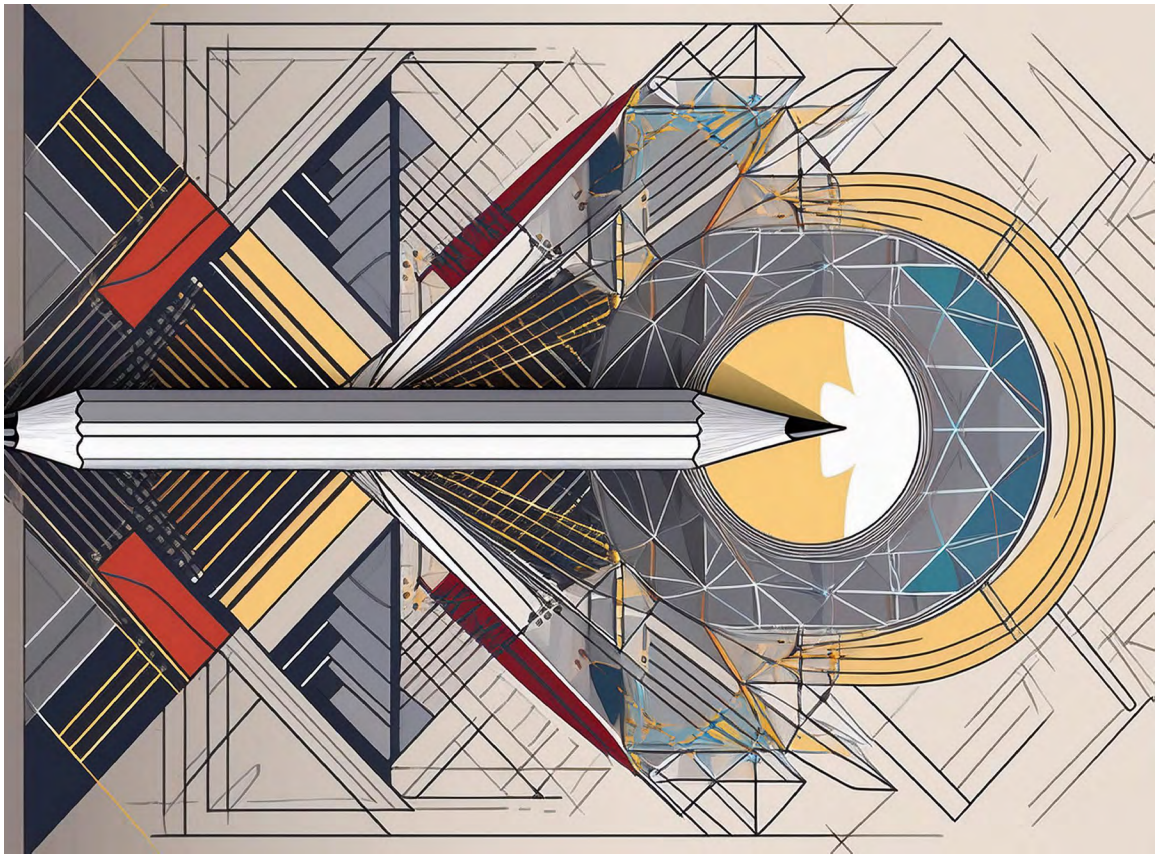
escrito:
1. Quem são os autores e quais foram suas contribuições;
2. Como os créditos serão apresentados;
3. Quem poderá autorizar a utilização da obra;
4. Como eventuais receitas serão divididas;
5. Em quais meios a criação poderá ser divulgada;
6. O que acontecerá se alguém deixar o projeto.

O contrato não deve ser visto apenas como um documento para situações de conflito. Ele também é um instrumento de transparência e respeito entre os participantes.

FONTES E REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Artigo 5º, incisos XXVII e XXVIII.
BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Legislação sobre direitos autorais.
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Escritório de Direitos Autorais (EDA).
Este conteúdo possui caráter exclusivamente educativo e informativo. A aplicação das normas de direitos autorais depende das circunstâncias de cada caso e, quando necessário, deve ser acompanhada de análise jurídica específica.

BIO:
Vandira Evelyn é advogada com atuação em Propriedade Intelectual e vice-presidente da Comissão de Propriedade Intelectual da OAB Duque de Caxias/RJ. Atua na proteção de marcas, direitos autorais e ativos criativos, prestando assessoria jurídica a artistas, produtores culturais, empreendedores e a negócios inovadores. Possui certificações pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) em Indicações Geográficas, Marcas Coletivas e Registro de Programas de Computador, além de formação complementar em Propriedade Intelectual para Startups, LGPD aplicada às empresas, comercialização e internacionalização do setor audiovisual, desenvolvimento de produtos e modelos de negócios inovadores. É certificada pela PUCRS em Gestão, Liderança e Tecnologia, com ênfase em Gestão de Riscos, e atualmente cursa Extensão em Direito do Entretenimento pelo CEPED-UERJ.





TELA BRASIL

Assistir a obras audiovisuais brasileiras na plataforma

A plataforma Tela Brasil é um serviço público digital que permite ao cidadão assistir gratuitamente a obras audiovisuais brasileiras pela internet.

O serviço funciona no formato de vídeo sob demanda (streaming público), sem cobrança de assinatura, e integrado à conta gov.br, facilitando e tornando mais seguro o acesso do usuário.

O acervo reúne obras audiovisuais brasileiras, abrangendo diferentes gêneros, como ficção, documentário, animação e experimental, contribuindo para a difusão cultural em todo o território nacional. Na plataforma, a maior parte do catálogo dos filmes conta com recursos de acessibilidade, como legendas descritivas, audiodescrição e tradução em Libras, promovendo inclusão e garantindo que mais pessoas possam acessar e usufruir dos conteúdos disponíveis.

O objetivo é ampliar e democratizar o acesso da população ao audiovisual brasileiro, valorizando a produção nacional e promovendo a diversidade cultural do país.

Ao disponibilizar gratuitamente conteúdos audiovisuais pela internet, o serviço contribui para reduzir barreiras de acesso — geográficas, econômicas e sociais —, permitindo que mais pessoas tenham contato com obras brasileiras.

ASSISTA AGORA



YouTube

ASSISTA AGORA

Gaúcha, nascida e criada no Rio Grande do Sul e atualmente morando no Rio de Janeiro, Belle Kinzel é cantora, compositora e atriz. A artista, que tem 23 anos, desenvolve um trabalho musical marcado pela emoção e pela autenticidade, transformando vivências pessoais em canções intensas e envolventes. Em 2026, Belle passa a explorar múltiplos gêneros musicais, ampliando sua identidade artística e apresentando novos sons, estéticas e narrativas.

PODE, CHEFE? PODCAST

UMA MARCA REGISTRADA QUE INSPIRA HISTÓRIAS E CONEXÕES

Pode, Chefe?® PODCAST

PODE, CHEFE? PODCAST: O ESPAÇO DO DIÁLOGO E APRENDIZADO

Criado e apresentado por Aurélio Pereira e Ronilson Rony, o podcast tem como missão dar voz a pessoas que transformam suas áreas de atuação por meio da cultura, educação, empreendedorismo, gestão, inovação e desenvolvimento humano.
Mais do que entrevistas, cada episódio se transforma em uma oportunidade de reflexão, troca de conhecimento e inspiração.



O projeto vem conquistando espaço nas principais plataformas digitais, fortalecendo sua comunidade e ampliando seu alcance a cada temporada.

O registro da marca representa um importante marco institucional, garantindo proteção jurídica e consolidando o valor construído ao longo dos anos. É o reconhecimento de um trabalho pautado pela seriedade, criatividade e compromisso com a comunicação.



CLIQUE AQUI

AURÉLIO PEREIRA

RONILSON RONY


SERVIÇO DE
CHEF
no seu evento
EVENTOS EM GERAL
CARDÁPIOS PERSONALIZADOS
ASSESSORIA COMPLETA
DECORAÇÃO
MESA POSTA
CONTATO
43 98807-4789
@chefeluiviamantovani
@mantovanieventos



https://nanu.blog.br/



O streaming gratuito dos cinemas negros

A diversidade afrodiaspórica pelas lentes

de pessoas negras

https://www.ubuplay.com/







Divulgação/Paulão

Paulo Cesar Troiano, vulgo Paulão Rock n Roll, produtor cultural e apresentador.

Idealizou o projeto Azylo Hotel, com eventos e programas na TV e no rádio. Atualmente o projeto conta com três programas na UEL FM, Zappa N UEL, Azylo XXTREMUS e Blues Hotel.

Radialista/produtor do Programa Azylo Hotel nas rádios: Rádio FM Cidade 102.9(Cambé); Rádio Paiquere FM(Londrina);Rádio Antena 1 (Londrina); Rádio Aquarius Fm (Arapongas); Rádio 104.5 (Cornélio); Rádio Cidade FM(Londrina); Rádio UEL (Londrina); Alma Londrina Rádio Web;

Apresentador dos programas: Azylo Vídeo Hotel na TV Tibagi de Apucarana; Azzyllo Resort no Canal 20; TV Metrópoles na TV Tibagi;
Autor do Projeto radiofônico e televisivo "Azylo Hotel " desde 1982/atual;

Produção/Apresentação dos shows de rock no "Dia Mundial do Rock" na Concha Acústica de Londrina, edições: 2013 à 2019;

Autor do Projeto com certificado da Universidade Estadual de Londrina "Papo de Rock" com palestras educativas sobre a história do Blues nas Escolas Estaduais de Londrina nos anos 2003 à 2005;
Produtor/Apresentador do Projeto "Azylo Hotel Live" gravado no Bar Valentino, transmitido nos canais Azylo Hotel e Rock Pé Vermelho em 2020;

Sábado às 20h
Reprise quarta-feira às 23h

Blues Hotel é um programa focado nas influências do Blues na música rock dos anos 70, o programa tem como objetivo educar e entreter os ouvintes, revelando as conexões entre esses gêneros. A proposta é mostrar que Blues está presente onde menos se espera, enriquecendo a música das bandas favoritas dos ouvintes. Voltado para fãs de rock clássico e curiosos por história musical, "Blues Hotel" estreiou em setembro, prometendo uma jornada sonora única e reveladora.

Contato
Rua Fernando de Noronha, 433
Londrina-Paraná
(43)9 8818-2604
projetoazylohotel@gmail.com
https://www.instagram.com/azylohotel https://www.facebook.com/PauloCesarTroiano Canal Azylo Hotel (YouTube)


DISQUE 100
RACISMO
RACISMO É CRIME! DENUNCIE!
AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!
LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.



TÍTULO: ECOS DE VOZ FUTURISTA
TÉCNICA: LÁPICES DE COLOR Y ESFEROGRÁFICO
DIMENSIONES: 30 X 42 CM
AÑO: 2025
PAÍS: ECUADOR



Desenho a lápis de autoria
de Cristiane Ventre Porcini

D ARTE

CADERNO DE LITERATURA

#41



Ilustração - Susano Correia

Para situar a Ciência no Inferno de Dante

O Redemoinho dos Amantes (The Lovers' Whirlwind) ou Francesca da Rimini e Paolo Malatesta [1824 e 1827] de William Blake. Ilustração para a Divina Comédia de Dante Alighieri, retratando o Canto V do Inferno, que descreve o círculo dos luxuriosos. A cena representa Paolo e Francesca sendo punidos por um turbilhão eterno de vento, simbolizando a paixão desenfreada que os levou ao pecado | Fonte: Wikimedia Commons



https://outraspalavras.net/poeticas/para-situar-a-ciencia-no-inferno-de-dante/

Em obra finalista do prêmio Jabuti, Pablo Rubén Mariconda examina o trabalho de Galileu sobre a obra-prima de Dante. Seu estudo revela como o jovem cientista já anunciava a arquitetura intelectual da modernidade ao matematizar um objeto poético

OutrasPalavras
Poéticas
Por Eliakim Ferreira Oliveira
Publicado 28/07/2026 às 21:04 - Atualizado 08/08/2026 às 01:55



O livro Galileu e a Arquitetura do Inferno de Dante (Scientiae Studia/EDUSP, 2025), finalista do Jabuti, condensa de modo exemplar a trajetória intelectual de Pablo Rubén Mariconda (1949-2025), cuja produção percorreu quatro décadas de filosofia e história da ciência. O livro não é apenas mais um estudo sobre Galileu, mas reúne, em um único empreendimento, temas que acompanharam o autor desde seus primeiros trabalhos, sobre Popper e Duhem, até suas investigações sobre tecnociência e valores, passando pelos seus estudos sobre a Revolução Científica. Com revisão de Maria Cecilia Casini (USP), o livro apresenta a primeira tradução integral para o português das Duas lições à Academia Florentina acerca da figura, lugar e tamanho do Inferno de Dante, acompanhada de um estudo introdutório que reconstrói o ambiente cultural da Florença renascentista. Mariconda mostra como, naquele contexto, poesia, matemática, arquitetura, cartografia e filosofia natural compunham um mesmo universo intelectual. A estranheza contemporânea diante de um matemático que comenta Dante decorre de categorias posteriores, que não pertencem, portanto, ao século XVI. A Divina Comédia era entendida, na verdade, como "a expressão mais acabada da cosmografia medieval" (Mariconda, 2025, p. 16), e sua geografia do Inferno constituía um problema de interpretação erudita que exigia tanto exegese quanto conhecimento matemático.

É nesse horizonte que se situam os projetos concorrentes de Antonio Manetti e Alessandro Vellutello para reconstruir a arquitetura do Inferno. Galileu avalia matematicamente essas propostas para determinar qual "se aproxima mais à verdade, ou seja, à mente de Dante" (Galileu apud Mariconda, 2025, p. 132). Com base em Euclides e Arquimedes, o cientista italiano demonstra que apenas o modelo cônico de Manetti preservava proporções compatíveis com o poema e com a geometria. Mariconda evidencia, ainda, que essa disputa não é apenas hermenêutica, uma vez que também revela uma forma de pensar os objetos por meio de relações quantitativas, convertendo o Inferno de Dante em construção geométrica.

Essa análise permite identificar uma das teses centrais do livro: ao matematizar um objeto poético, Galileu pressupõe que a "mente do Poeta" é formalizável. Nesse sentido, as Duas Lições já anunciam a concepção matematizante da natureza que estruturará a ciência madura de Galileu.

A matematização não é mero método ou uma simples ferramenta de representação, mas um modo de constituir objetos científicos. A comparação entre os projetos mostra, de um ponto de vista geométrico (e, em certo sentido, mecânico), que o Inferno de Vellutello implicaria dimensões impossíveis, inclusive estruturas incapazes de sustentar o próprio peso — antecipando questões que Galileu desenvolverá nas Duas Novas Ciências, obra também traduzida por Mariconda no final dos anos 1980.

Outro mérito do livro é a reconstrução da cultura florentina, na qual arquitetura, engenharia militar, cartografia, perspectiva e matemática se entrelaçam. O Inferno torna-se objeto cartográfico e arquitetônico, e Mariconda acompanha a circulação dessas tradições para explicar por que um problema aparentemente extravagante podia ocupar o jovem Galileu.

A propósito, essa articulação entre filologia, história e filosofia caracteriza toda a produção galileana de Mariconda, desde Galileu e a Nova Física (Scientiae Studia, 2020) até suas traduções comentadas do Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo ptolomaico e copernicano (Scientiae Studia/Editora 34, 2011) e das Duas Novas Ciências (Scientiae Studia, 2026, no prelo).

O novo livro funciona, assim, como um coroamento dos estudos galileanos do filósofo brasileiro: retorna às primeiras manifestações do pensamento do cientista pisano para mostrar como ali já se encontram elementos que estruturariam a ciência moderna.

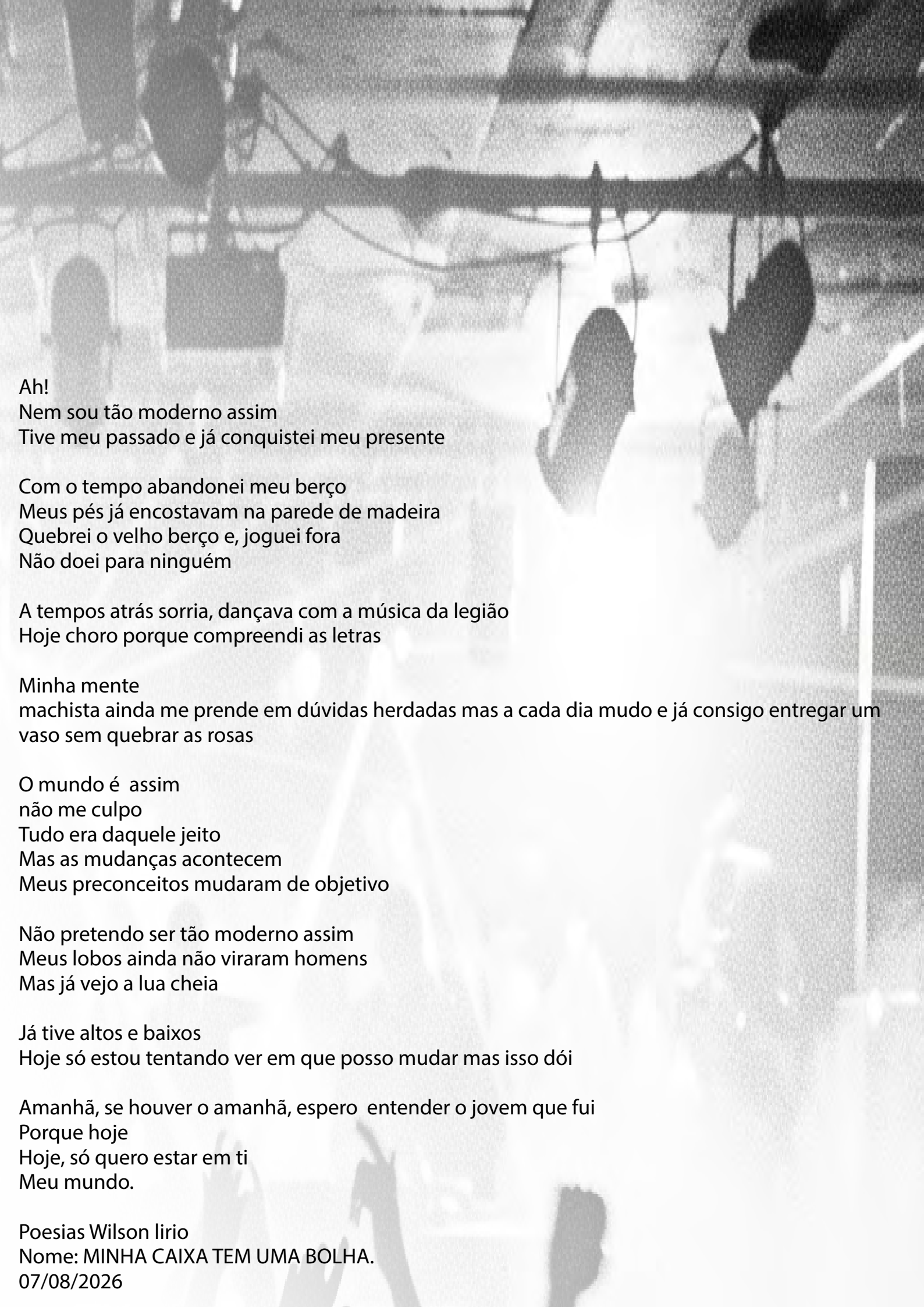
O estudo ganha ainda mais sentido quando situado no conjunto da obra de Mariconda. Seu percurso, que vai da filosofia clássica da ciência à análise da tecnociência e dos valores, encontra continuidade na investigação das origens da racionalidade galileana. Ao examinar a constituição histórica da matematização da natureza, o autor ilumina a gênese de ideais de racionalidade que sustentam a ciência moderna e suas implicações tecnológicas. Essa perspectiva se articula com o modelo de interação entre valores e atividade científica desenvolvido com Hugh Lacey, que coloca em nova perspectiva os valores da imparcialidade, da neutralidade e da autonomia científicas, além de mostrar que o pluralismo estratégico melhor se adéqua ao ideal de abrangência da própria ciência.

As Duas Lições também revelam o momento nascente de um estilo de pensamento que concebe a natureza como domínio de descrição quantitativa — estilo que está na raiz da dicotomia moderna entre fato e valor, largamente estudada por Mariconda A ciência aparece como prática histórica e situada, sem perda de objetividade, embora o livro evite a leitura das Duas Lições enquanto uma interpretação retrospectiva que tomaria esse texto apenas como prenúncio das grandes obras.

Por fim, o livro impressiona pela integração das figuras que sempre compuseram Mariconda: filósofo, historiador, tradutor, comentador e editor. A tradução revela o filólogo atento ao italiano renascentista; a reconstrução histórica da Florença de Galileu revela o historiador aplicado; a reconstituição da análise geométrica, o filósofo perspicaz; o diálogo com Dante, o humanista vigilante às relações inaparentes; e o evidente cuidado material do volume, o editor rigoroso.

A tradução das Duas Lições simboliza, com isso, a continuidade de um projeto intelectual dedicado a aproximar o público brasileiro das fontes fundamentais da tradição científica. Galileu e a Arquitetura do Inferno de Dante é, assim, mais que um estudo sobre Galileu: é o ponto de convergência de uma vida dedicada à filosofia e à história da ciência, revelando a arquitetura intelectual da modernidade científica.





Ah!
Nem sou tão moderno assim
Tive meu passado e já conquistei meu presente

Com o tempo abandonei meu berço
Meus pés já encostavam na parede de madeira
Quebrei o velho berço e, joguei fora
Não doei para ninguém

A tempos atrás sorria, dançava com a música da legião
Hoje choro porque compreendi as letras

Minha mente
machista ainda me prende em dúvidas herdadas mas a cada dia mudo e já consigo entregar um vaso sem quebrar as rosas

O mundo é assim
não me culpo
Tudo era daquele jeito
Mas as mudanças acontecem
Meus preconceitos mudaram de objetivo

Não pretendo ser tão moderno assim
Meus lobos ainda não viraram homens
Mas já vejo a lua cheia

Já tive altos e baixos
Hoje só estou tentando ver em que posso mudar mas isso dói

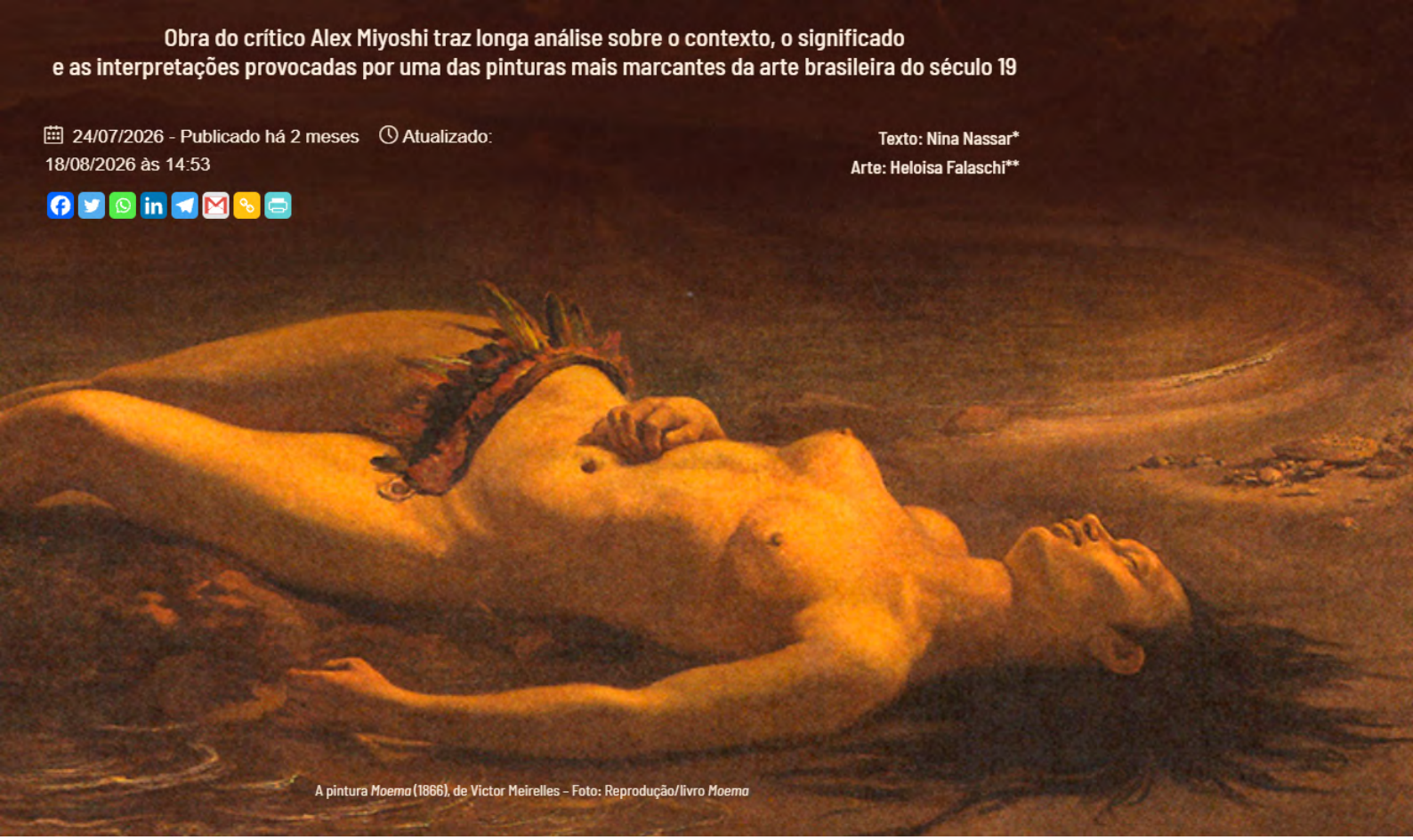
Amanhã, se houver o amanhã, espero entender o jovem que fui
Porque hoje
Hoje, só quero estar em ti
Meu mundo.

Poesias Wilson lirio
Nome: MINHA CAIXA TEM UMA BOLHA.
07/08/2026

Obra do crítico Alex Miyoshi traz longa análise sobre o contexto, o significado e as interpretações provocadas por uma das pinturas mais marcantes da arte brasileira do século 19

24/07/2026 - Publicado há 2 meses Atualizado: 18/08/2026 às 14:53

Texto: Nina Nassar*
Arte: Heloisa Falaschi**



A pintura *Moema* (1866), de Victor Meirelles – Foto: Reprodução/livro *Moema*

Moema está, realmente, morta? A tela de Victor Meirelles (1832-1903), exposta pela primeira vez em 1866 na Academia Imperial de Belas Artes sob discreta repercussão inicial, retrata a tragédia da indígena encontrada afogada da epopeia Caramuru, do poeta mineiro Santa Rita Durão (1722-1784). Desde então, eternizou-se profundamente viva no imaginário artístico brasileiro e, até hoje, a figura retratada impõe-se para interpretações, ainda despertando novos olhares e leituras. Moema, de Alex Miyoshi – crítico e historiador da arte e pós-doutor pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP -, representa o sétimo volume da coleção Prismas, da Editora da USP (Edusp). Coordenada pelo professor Jorge Coli, a coleção propõe uma análise complexa acerca de uma única obra de arte em cada volume, na intenção de proporcionar ao leitor um diálogo educativo e histórico que valorize o patrimônio artístico brasileiro. Inspirada no canto O Afogamento de Moema, presente em Caramuru, a pintura de Victor Meirelles permite que o autor do novo volume de Prismas caminhe entre suas diversas faces: o contexto de sua produção e recepção, o retrato dos corpos e da nudez no período, as diferentes versões da personagem em criações culturais e interpretações da obra em relação ao lugar entregue à mulher indígena na arte.

A releitura de Meirelles de Caramuru

Apesar de Santa Rita Durão ser referência da literatura colonial e árcade brasileira, seu canto em Caramuru, de 1781, antecipou características do Romantismo indianista no Brasil, movimento voltado para a construção do indígena e da natureza como símbolos da identidade nacional. A epopeia conta a tragédia da indígena Moema, que morre no mar tentando alcançar a nado o navio no qual seu amante, Diogo, parte com a esposa Paraguaçu. O poema celebra a colonização e a conversão dos povos nativos ao catolicismo, e a partida de Diogo com Paraguaçu representa o triunfo dos valores ocidentais cristãos. A personagem Moema, por outro lado, concentra a ambígua representação da "natureza selvagem", romântica, indomável e rebelde, ao mesmo tempo frágil e irracional. O arrebatamento de Moema simboliza o destino dos indígenas que resistiram ou que não se adequaram ao projeto colonizador da dominação religiosa europeia.

No quadro – atualmente parte do acervo do Museu de Arte de São Paulo (Masp) -, o exagero do poema dá lugar à contenção, demonstrando certo cuidado com doutrinas do catolicismo da época. A obra não é, por si só, de intenções religiosas, no entanto, se comparada à Primeira Missa do Brasil, também de Meirelles, notam-se, nesta, cores azuladas, como a representação de uma nação abençoada pela Igreja, em contraste com Moema, de dimensão trágica e tom avermelhado. "Seguindo a fábula épica de Caramuru, podemos inferir que não há outro destino para uma indígena que rejeita a fé católica senão a morte", interpreta Miyoshi.

Outro elemento de forte presença no quadro que não existe nos versos de Durão é o agrupamento de indígenas ao fundo – justamente o que traz à imagem uma narrativa não estática, evocando um horror antecipatório daquela aldeia prestes a encontrar o corpo na praia. "Ao homogeneizar o quadro de forma tênue e desvelar a narrativa aos poucos, o artista convida os olhos a vagar pela pintura", escreve Miyoshi sobre a linguagem literária presente na imagem, que aproxima o observador da mulher sacrificada e o distancia do grupo ao fundo, imprimindo um tom dramático à narrativa e um alento piedoso às personagens. O autor compara, até, o coro celestial do poema, que representa a conversão dos indígenas ao catolicismo e que ecoa na pintura, a um coro de ópera, considerando o exotismo imaginário e



Outra releitura da personagem Moema, atribuída a Pedro Américo - Foto: Pedro Américo/Wikimedia Commons

teatral. Ele escreve que o único rosto identificável da tela é o de um homem de cocar, assombrado como quem percebe a tragédia antes dos demais, e que é, provavelmente, Xerenimbó, o pai de Moema. "Durão optou por não cantar os sentimentos da aldeia diante da perda; Meirelles concedeu-lhes a chance do reencontro", completa.

As influências do quadro e o retrato da mulher indígena nua

No livro da coleção Prismas, Miyoshi sustenta que as referências para Moema saíram mais de outras referências artísticas do que da literatura, por si só. O retrato da mulher solitária, adormecida ou morta na natureza, desde meados do século 18, transformou-se em uma figura recorrente, primeiro de forma bucólica no Arcadismo, depois, como tragédia sentimental no movimento romântico. O escritor estadunidense Edgar Allan Poe, autor de O Corvo, relata que essas pinturas se tornaram tão dignificadas quanto santidades porque, de todos os temas melancólicos, o mais poético seria a morte aliada à ideia de beleza, contado sob os olhos de quem sofreu essa perda. Alex Miyoshi explica que havia certa perversidade nesse gosto do período pela experimentação simultânea do exótico e do erótico: os artistas passaram a aproveitar da popularidade do romantismo para representar as mulheres em seu "último estágio da sensualidade passiva com total impunidade", como disse o crítico Bram Dijkstra, citado no livro.

O autor, então, faz uma série de comparações com outras criações artísticas semelhantes, como A Jovem Mártir, de Paul Delaroche, A Morte de Ofélia, de Eugene Delacroix, e Virgínia, de Bernardin de Saint-Pierre. Ele encontra um ponto que difere Moema de todas elas: enquanto as obras europeias trazem mulheres brancas retratadas quase totalmente vestidas ou com parcial nudez como santas renascentistas, a Moema de Victor Meirelles assume a forma de uma mulher indígena completamente despida.

O retrato da mulher indígena nua e as compreensões de Moema

Após Moema, Meirelles deixou os nus de lado em sua carreira, da mesma forma que fizeram Manet e Courbet, depois de obras de sucesso. Sobre esse pudor adotado em seu olhar, Miyoshi considera que o que sempre esteve em jogo em Moema era, mais do que a beleza física, a beleza moral. Essa ideia se reforça pela análise do esboço a lápis antes da versão final do quadro por Meirelles, na qual a indígena era pintada de bruços, olhando para o mar, com certa deformação do corpo advinda de uma possível tentativa dele de trabalhar a nudez ao mesmo tempo em que se esforça para ocultá-la.

A principal tese defendida por Alex Miyoshi trabalha com a ideia de que nunca é dito explicitamente, nem no poema nem na pintura, que Moema de fato morreu – a tragédia e a dramaticidade das obras não se concentra ou resume na morte em si, destino este que foi historicamente construído por críticas e comentários, assim como a alegoria da personagem como símbolo do País. Na pintura, "tanto o corpo de Moema quanto a paisagem evocam a ideia de exaustão, sugerindo a ruína de um projeto de nação", escreve Miyoshi. Assim se explicariam a repercussão discreta do quadro e o incômodo político e moral do Império e da República em adquirir a obra. Para o autor, com a facilidade do acesso à obra de Meirelles – que pode ser vista no Masp -, narrativas e imaginários em torno da pintura agora podem ser revisitados e aprofundados a partir, também, das leituras e interpretações de povos originários. "Moema, afinal, não está morta."

Moema, de Alex Miyoshi, coleção Prismas, Editora da USP (Edusp), 197 páginas, R$ 90,00

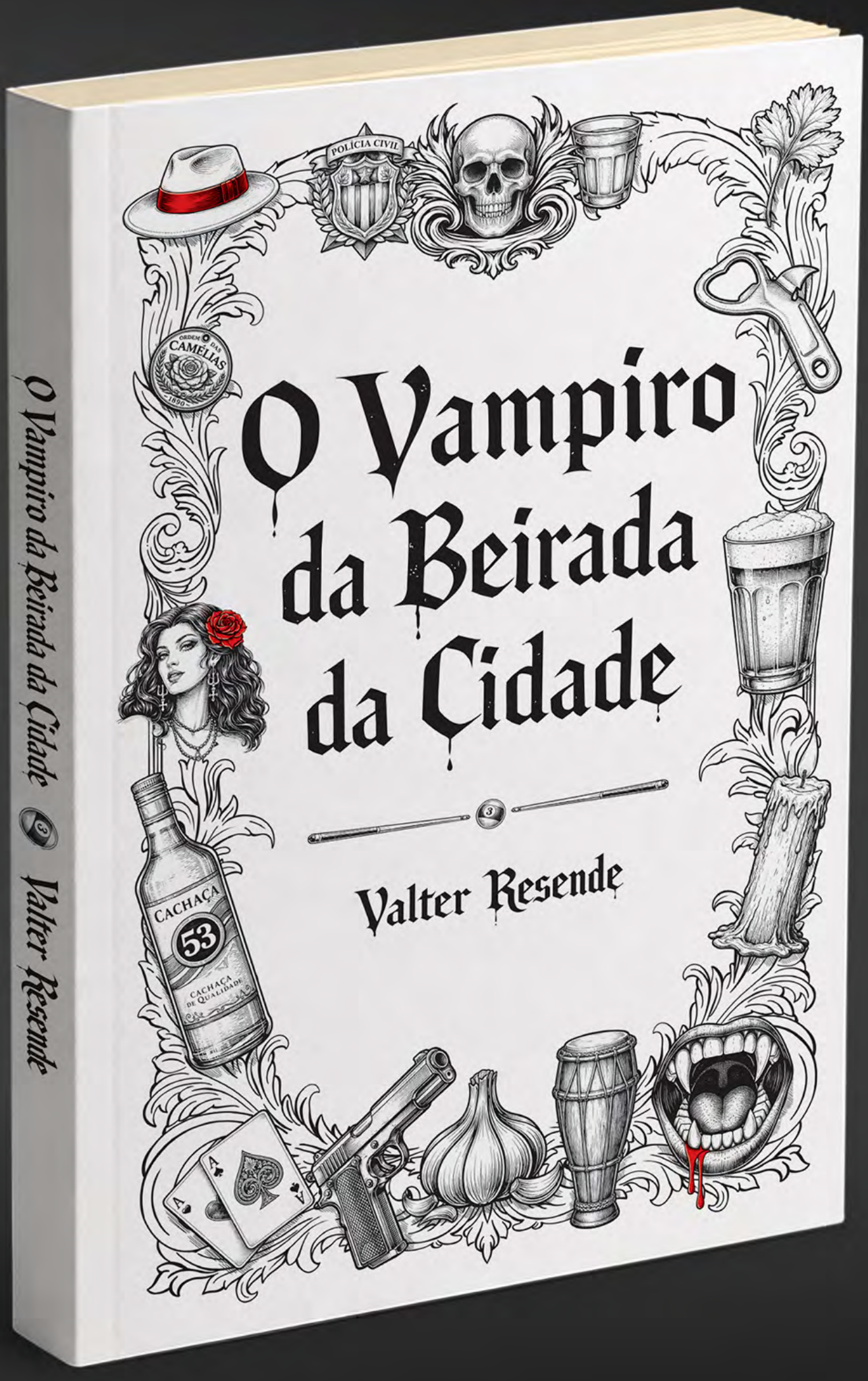
* Estagiária sob supervisão de Marcello Rollemberg e Roberto C. G. Castro - Estagiária sob supervisão de Simone Gomes



"Ophelia", de John Everett Millais, de 1852, retrata a personagem de Shakespeare de forma angelical e totalmente vestida - Foto: Reprodução/livro "Moema"



Estudo a lápis de Victor Meirelles, antes da versão final de "Moema" - Foto: Victor Meirelles /Wikimedia Commons


POLÍCIA CIVIL
ORDEM DAS CAMÉLIAS
1890
CACHAÇA
53
CACHAÇA DE QUALIDADE
O Vampiro da Beirada da Cidade
Valter Resende



Vampiro circula pela periferia paulistana em novo livro de Valter Resende

O escritor Valter Resende lança O Vampiro da Beirada da Cidade, obra que mistura horror urbano, suspense e crítica social em uma narrativa ambientada na periferia de São Paulo. Com 216 páginas, o livro apresenta ao leitor um vampiro incomum: longe dos castelos europeus e das mansões góticas, o personagem conhecido como Sangue Bom percorre ruas, bares, pontos de ônibus e bairros populares, observando as transformações da cidade e de seus habitantes.

A obra reúne histórias que exploram desaparecimentos misteriosos, encontros improváveis e situações marcadas pela violência urbana, desigualdade social, humor e elementos da cultura popular brasileira. O resultado é uma abordagem original do mito do vampiro, transportado para um cenário reconhecível por milhões de brasileiros.

Segundo o autor, a proposta foi criar um personagem fantástico inserido em um ambiente cotidiano, aproximando o horror da realidade vivida nos grandes centros urbanos. O livro também dialoga com tradições da literatura fantástica nacional, sem abrir mão de referências à vida nas bordas da metrópole.

A edição especial vendida diretamente pelo autor conta com capa com orelhas e ilustrações impressas na parte interna da capa. Essa versão pode ser adquirida por R$ 45,00 mais frete, mediante contato pelo e-mail valteresende@gmail.com.

Para leitores que vivem fora do Brasil, a opção mais prática é a edição um pouco mais simples mas com o mesmo conteúdo disponível pela Amazon.com, comercializada por aproximadamente US$ 10,00.

Já os leitores digitais podem adquirir o eBook Kindle na Amazon Brasil por R$ 5,00. Assinantes do Kindle Unlimited têm acesso à obra sem custo adicional durante o período em que ela permanecer disponível no programa.

Combinando horror, mistério e um olhar atento para a realidade brasileira, O Vampiro da Beirada da Cidade apresenta uma nova perspectiva sobre uma das figuras mais tradicionais da literatura fantástica, provando que até mesmo um vampiro pode encontrar seu lugar na maior cidade do país.







Sobre a multiartista: Você transita por muitas áreas — dança, poesia, literatura, terapias e vídeo. Como você lida com a cobrança da sociedade para que o artista escolha uma só profissão?

Na verdade, quem cobra que o artista escolha apenas uma atividade é aquele modelo de capitalismo obsoleto que ficou para trás, lá pelos anos 70 e 80. Mas que ainda muitas pessoas teimam em seguir. Naquela época era mais fácil para indústria do entretenimento seguir o raciocínio frio do mercado, por causa dos seguintes pontos:

- Facilidade de venda: naquele tempo era mais fácil vender produtos fáceis de classificar pela goela abaixo do público.

- Identidade fixa: era mais fácil vender uma imagem de um poeta que é só poeta ou de um músico que é só músico.

- Lucro financeiro: naquela época empresas preferiam investir nos artistas de um nicho só.

Mas agora, em 2026, tudo isso mudou. Porém muita gente ainda acredita nesse modelo dos anos 70 e 80. Em 2026, principalmente, depois da pandemia, entramos num mundo globalizado, onde os profissionais precisam saber de tudo um pouco dentro das áreas deles porque o próprio público exige artistas polivalentes.

Sou a verdadeira autora do livro Lendas Curitibanas. Aliás pesquiso sobre causos da cidade desde 1980, ou seja, desde quando eu tinha 6 anos de idade.

Em novembro de 2024, uma outra moça com o primeiro nome igual ao meu, lançou um tipo de tour onde entravam lendas curitibanas. Isso causou confusão no meu público.

Resultado: perdi patrocínio, tive um prejuízo tremendo e precisei investir em outros lados artísticos meus como: Dança e Dramatização. Se não fosse isso, eu estaria numa Depressão profunda agora.

Sobre o digital e as redes: De que forma a internet e as redes sociais influenciam essa sua necessidade de criar através de tantas linguagens diferentes?

Muitos artistas têm, a Internet, como segunda fonte de renda, isso se intensificou muito durante a pandemia. Pois, artistas que não puderam fazer shows presenciais, foram se apresentar em lives de Internet, onde patrocinadores e fãs mandavam dinheiro, brindes ou Pix. Comigo não foi diferente, no meu caso, como não tenho Pix trabalho com parcerias e patrocínios.

Antes da pandemia, eu postava vídeos de forma esporádica. Pois meu forte era a produção literária. Porém depois da pandemia, precisei postar mais vídeos e fotos com meus trabalhos, principalmente, porque o número de pessoas que consomem Arte, na Internet, aumentou. Então as redes sociais se tornaram o principal cartão de visita de qualquer artista.

Você pesquisa bastante sobre a angústia temporal e a "agostite". O ritmo acelerado da rede afeta sua ansiedade ou seu processo de criação?

Na verdade, nos anos 90, fiz um curso livre chamado: Os Meses do Ano e o Comportamento das Pessoas. Então aprendi que todo o mês do ano provoca um comportamento diferente na maioria da população.

Por exemplo: a angústia de agosto influi no ser humano desde a Roma Antiga, quando o imperador Augusto criou o mês de agosto porque ficou com inveja do imperador Júlio que inspirou o mês de julho. Aliás, era no mês de agosto que o imperador Augusto libertava as bruxas.

Também era nesse mês que muitos homens partiam para guerras. Todos esses acontecimentos sobre o mês de agosto ficou no inconsciente coletivo das pessoas que vivem no Ocidente.

Mas eu não me deixo abater por isso. Com relação ao ritmo acelerado nas redes, isso não influi tanto na minha criação. Pois antes da popularização da Internet, eu gostava de inventar algo diferente todo o dia.

Sobre o sucesso e a viralização: Seu RAP ultrapassou um milhão de visualizações. Como é para você ver sua arte circulando em massa e gerando tanto impacto digital?

Em 2024, quando coloquei nas redes o meu RAP, "Não Quero Fazer Demonização Facial", eu não esperava que viralizasse. Na verdade, eu fiz como resposta para algumas pessoas que falavam que eu deveria fazer sobrancelha da Nike, preenchimento labial e emagrecer.

Então a intenção era só criticar a ditadura da beleza. Mas no mesmo dia, teve várias visualizações no TikTok. Aliás, vários músicos fizeram a versão musicada com instrumentos e colocaram minha voz por cima, dentre eles os renomados Atila KW e Gui Valentim. Assim isso foi muito gratificante.

Sobre o tecnoestresse: Toda essa rotina intensa de produção e exposição gera algum tipo de esgotamento ou desgaste no seu dia a dia?

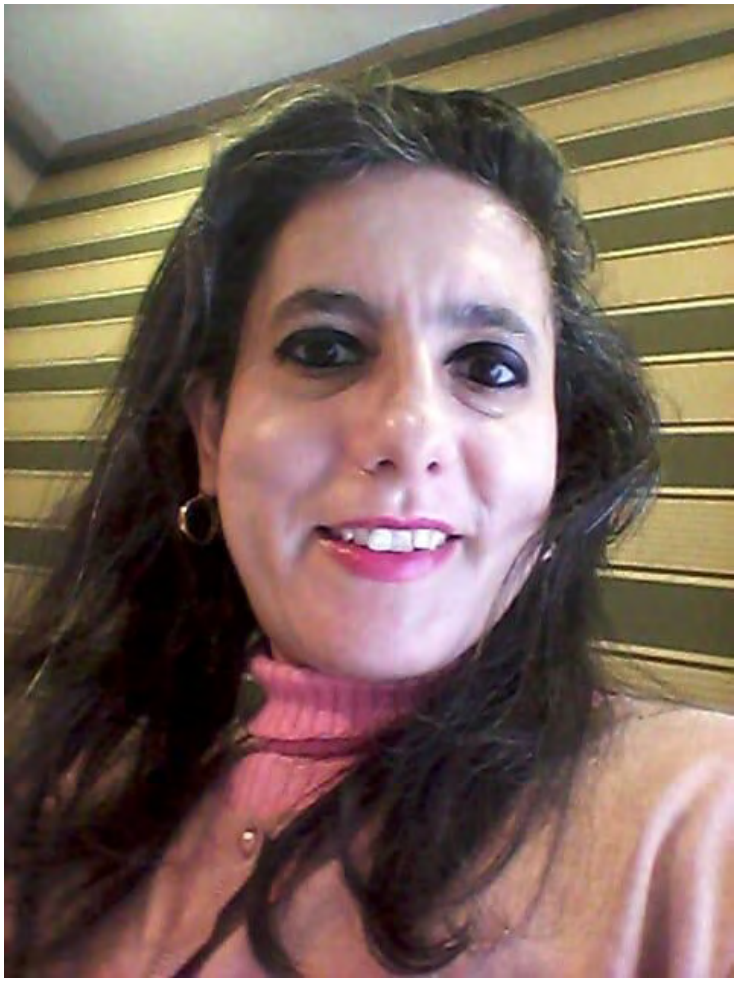
Não gera esgotamento ou desgaste. Mas já trouxe alguns problemas. Pois pessoas já pegaram fotos minhas e colocaram nudes com a ajuda da Inteligência Artificial. Mas eu denunciei para que as plataformas tirassem esse conteúdo pornô no ar. Já fizeram cadastro meu em plataformas de conteúdo adulto, sem eu solicitar. Também já fizeram Fakes.

Em dezembro de 2025 até o final de janeiro de 2026, a Meta tirou meus perfis principais do Facebook e do Instagram, isso sim gerou muita angústia. Porém com a ajuda das autoridades de Proteção ao Consumidor, as plataformas devolveram meus perfis. Sou rimadora de improviso, bailarina folclórica, pesquisadora de causos e escrevi um livro chamado Lendas Curitibanas.

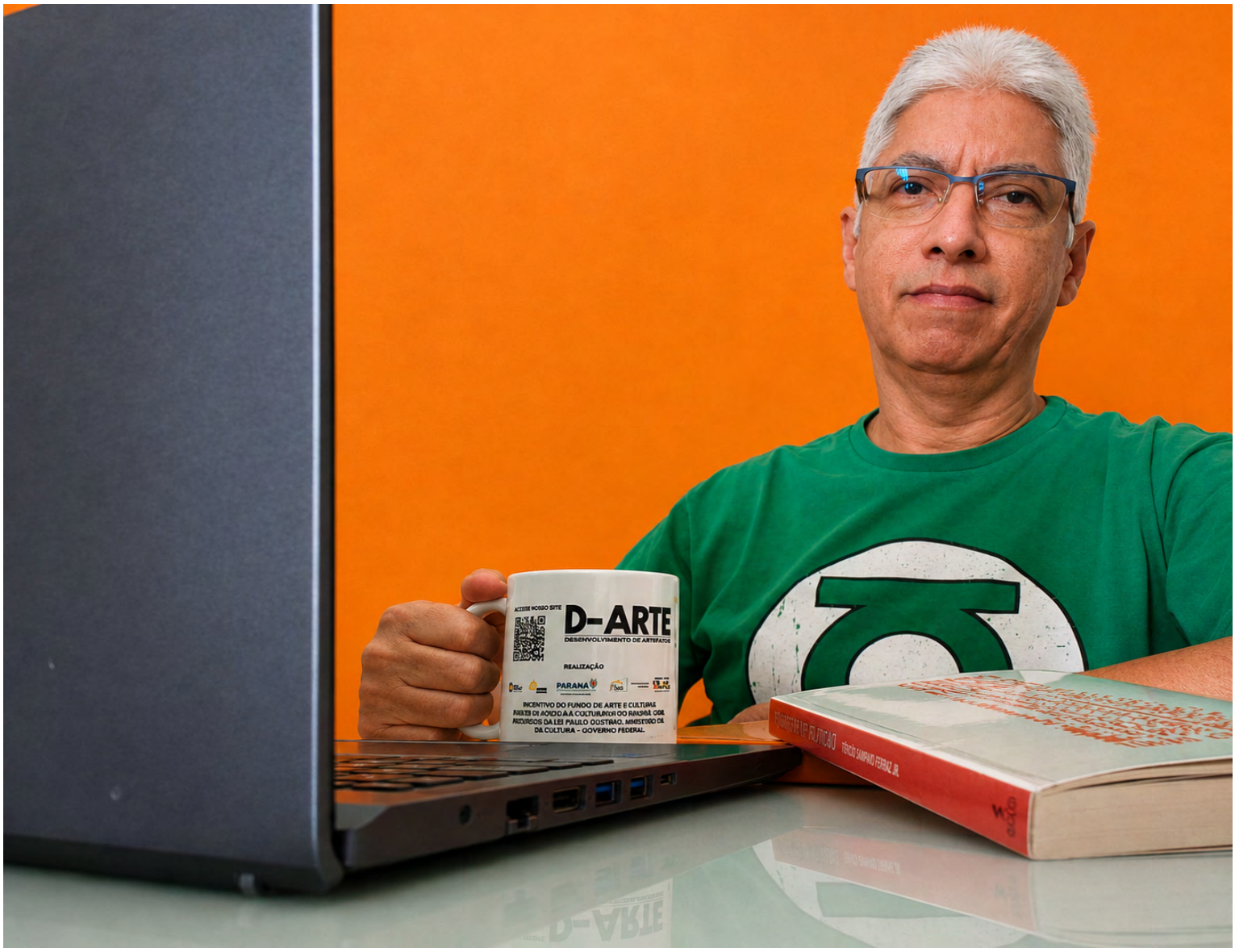
Realizo uma apresentação voluntária chamada: Lendas, Repentes e Danças. Eu também trouxe a Vesteterapia, que é o estudo místico através das roupas, para o Brasil sempre ressaltando o sagrado feminino.

Além de ser assexual, que é a orientação das pessoas que não curtem sexo. Aliás, também tenho histórias do bullying que vivi na escola. Meu whats é: 41996512567. Além disso, sou especialista sobre a angústia de cada mês. Agora gostaria de falar sobre a agostite, ansiedade que aparece no mês de agosto. Também sou bailarina de Natal e outros eventos.

Meu RAP, Não Quero Fazer Demonização Facial teve mais um milhão de visualizações nas redes. Estou disponível para matérias e entrevistas gratuitas. Também tenho interesse em escrever, gratuitamente, para seus veículos.



BATE PAPO COM O ESCRITOR EVENDRO VALENTIM



Quem é Evandro Valentim e como foi a sua imersão no mundo da literatura?

Sou o resultado da longa trilha percorrida há 63 anos. Nasci em Brasília, quando a cidade contava 3 anos. Sou pai de dois filhos, Danilo e Artur, e de uma filha, Ana Clara. Avô do Igor e da Júlia. Casado com a Fernanda, que divide a vida comigo há 31 anos (bodas de madrepérola em 2026).

Da Literatura (sempre escrevo com "L" maiúsculo) aproximei-me como leitor assíduo, tão logo descobri o prazer de ler sem ser obrigado, graças a um amigo que me emprestou, no ensino médio, a trilogia "Os subterrâneos da liberdade", de Jorge Amado. Nunca mais parei. Sou um leitor voraz. Fácil eu ler 4 livros simultaneamente, sem confusão de tramas. Pratico isso há tempos. Depois, e graças à leitura, aperfeiçoei a capacidade de redigir. Nas várias experiências profissionais, tornou-se comum eu ser demandado a escrever ou revisar as correspondências das equipes de que fiz parte. Ao atuar por décadas na área de Gestão de Pessoas, ou RH, como é mais comum ser chamada, testemunhei ou vivenciei muitas histórias, de todo tipo: desilusões, alegrias, tragédias... Um dia resolvi juntar parte dessas histórias em um livro, o meu inaugural, com matéria-prima garimpada de minha experiência laboral, à época, 26 anos de trabalho. "Causos" de RH, o livro" (Livre Expressão, 2011). Tomei gosto pela coisa e danei a escrever. Prova disso é que a partir de 2015 além de outros livros lançados, passei a participar de concursos literários de todo o Brasil e, vez em quando, de Portugal.

Quais suas principais obras?

Em 2025, cheguei ao décimo terceiro livro publicado. Passeei pela Literatura infantil; infantojuvenil, crônicas e contos. Meio ambiente e sustentabilidade são temáticas recorrentes em meus escritos, mas não no "idioma" acadêmico.

O desafio consiste em transformar a linguagem especializada em algo palatável, de fácil compreensão para o leigo. Nessa direção, destaco outra trilogia, desta vez feita em parceria. Experiência exitosa, que muito marcou minha caminhada literária de forma especial, pois fui acompanhado por um menino, Paulo Sérgio, à época com 8 anos de idade, e há pouco experienciando a perda pai. A fim de resgatá-lo daquele contexto, pedi à mãe dele (grande amiga), que me permitisse algo.

A partir do sinal verde materno, eu e Paulo Sérgio escrevemos e ilustramos três livros infantis:

- Aventura na floresta: bichos e lendas daqui e dacolá" (Assis, 2016);
- Aventura no Cerrado" (Assis, 2017); e
- Guardiões do Cerrado" (Assis, 2018).

Esses livros nos renderam vários convites de escolas em Brasília, quando professoras e coordenadoras pedagógicas tomaram conhecimento da inusitada parceria (um senhor grisalho e um menino). Duplo interesse: a história da parceria e as histórias nos livros. Momento ímpar.

Qual o seu estilo de escrita?

Resp.: Estudante do ensino médio, quando li "O encontro marcado", do saudoso Fernando Sabino, tornei-me fã do estilo dele. À época nem nos meus mais inusitados planos para o futuro, via-me como escritor. A vida traz surpresas...

Longe de mim querer comparar o incrível talento do Sabino com o que produzo, contudo, é bom ter um norte. Fernando Sabino ocupa esse lugar quando escrevo.

Como conheceu e como foi o seu contato com a Revista?

Há alguns meses, provocado por minha amiga e editora Ivone de Assis, decidi inventariar quantos textos meus já haviam sido publicados e/ou premiados. A iniciativa proporcionou-me grande alegria ao notar o quanto de mim está espalhado por aí, nesse mundão. Organizado o arquivo localizei minha primeira participação na D-Arte.

Nossa primeira vez ocorreu na Edição n.º 19, de setembro/2021, págs. 88/89, com o conto "Trajetória exemplar".

A D- Arte sempre foi acolhedora. E adiciono, tem uma proposta visual diferenciada, um quê de ousadia, de provocação. Gosto disso!

De setembro/2021 até hoje acompanho a D-Arte. Um marco nessa relação prazerosa foi o 1º Concurso de Radionovelas criado pela revista.

Fui um dos selecionados, trazendo, uma vez mais, certa personagem que já me rendeu várias alegrias: Lia Lovely, drag queen detentora de um segredo que a liga a outro tema que me encanta, o folclore brasileiro.

Para encerrar, conte-nos sobre seu trabalho recente e futuras obras.

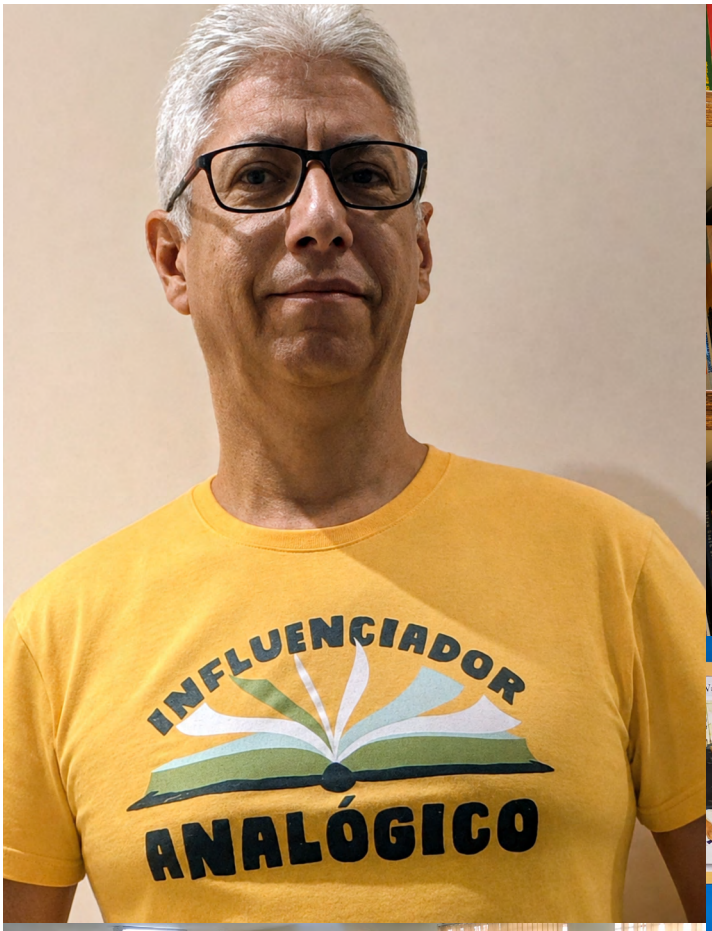
Meu livro mais recente reúne contos de estilos variados, em bela edição de capa dura: "Breves infinitos: vidas em contos e encontros" (Tagore, 2025).

Algumas pessoas generosas que o leram encorajaram-me a inscrevê-lo no Jabuti, aberto a obras daquele ano. Arrisquei. Vai que...

Em atrevida paródia a Stephen King, procuro manter o hábito de escrever com regularidade. A produção tem sido destinada, principalmente, a revistas literárias que admiro, como é o caso da D-Arte. Há duas outras: a Barbante e a Ecos da Palavra.

Sobre o futuro, uma ideia foi plantada e deriva do material que envio às revistas. Talvez eu selecione os textos mais bem avaliados por quem me lê e
os reúna em nova coletânea. Mas não tenho pressa; meu mote na relação com a Literatura é jamais deixar o estresse se sentar à mesa.



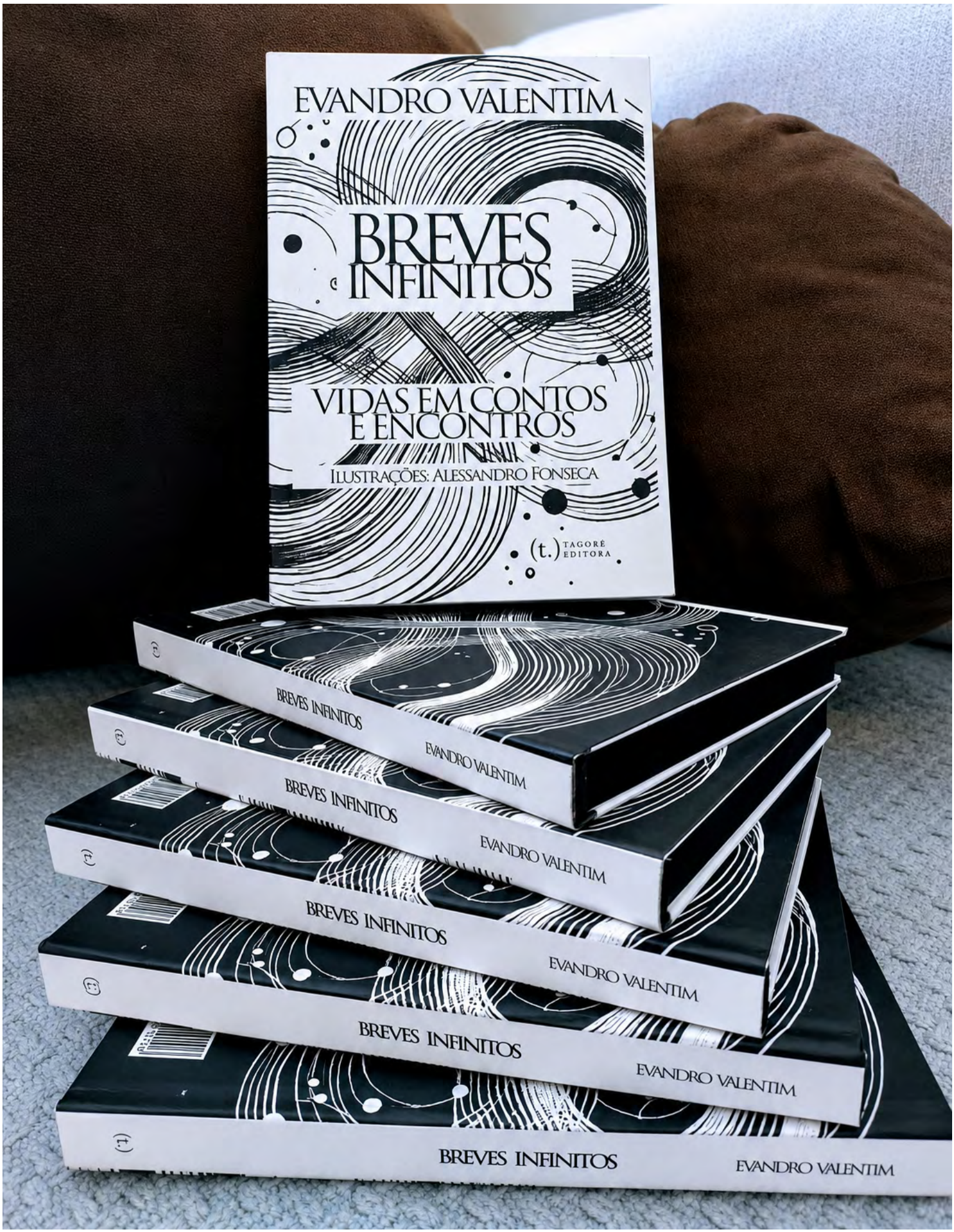

INFLUENCIADOR
ANALÓGICO




INSPIRAÇÃO
CARISMA
Paulo Sérgio Cavalcanti Galvão
Aventura no Cerrado
Evandro Valentim de Melo
Paulo Sérgio Cavalcanti Galvão




Salão de Jogos
Espaço Fitness
BREVES INFINITOS


EVANDRO VALENTIM
BREVES INFINITOS
VIDAS EM CONTOS E ENCONTROS
ILUSTRAÇÕES: ALESSANDRO FONSECA
(t.) TAGORÊ EDITORA
BREVES INFINITOS
EVANDRO VALENTIM

Título
Evandro Valentim

Merece explicação e a apresento: “Crônicas de um fim de século”1, de Zuenir Ventura, tem me servido de inspiração com certa constância. Há poucas semanas concluí sua leitura. Culpa do autor ao trafegar com maestria por temas que despertam o desejo de discorrer sobre. Reproduzo mais um, para enriquecer esta crônica.

“(...) passam horas sentados, com o olhar fixo num espaço luminoso de algumas polegadas, trocando não só o dia pela noite, como o mundo real pela realidade virtual.

O trecho nos induz à suspeição de que Zuenir se refere ao aparelho celular. Na verdade, não. Tratava-se do computador, em 1999 o celular ainda não dominava os seres humanos como ocorre hoje, mas a carapuça serve aos usuários intensivos de celular.

Permanecendo na temática do avanço tecnológico e seus desdobramentos para o bem e para o mal, transcrevo outra provocação, desta vez, parte de uma entrevista2:

“— (...) A gente vê que 40% das músicas de hoje, nas plataformas digitais são feitas por IA”. — Comenta a entrevistadora.

— “Eu tenho horror a isso, fico muito escandalizada (...”). — Responde a entrevistada.

Diálogo garimpado do podcast “Vozes da vez”, que eu ouvia enquanto rumava a uma cafeteria. Entrevista conduzida por Fabiane Pereira com a nobilíssima cantora/compositora Zelia Duncan.

De repente, o tema IA surgiu e, no decorrer da fala da entrevistada, ela lembrou da canção de enorme sucesso, composta por Rita Lee e Roberto de Carvalho. A própria Rita Lee revelou que o casal ainda transpirava depois de terem namorado, quando pegaram o violão e compuseram a belíssima “Mania de você” (criação totalmente humana!).

Na sequência trouxeram à tona mais uma das canções do novo álbum de Zélia Duncan, da qual reproduzo parte: “E aí? E agora? E então? Esquecemos o DNA, o suor, a aflição, e o prazer da carne. Nem sal, nem vinagre. Nem luar, nem outras fases. A vida é toda ficção (...)”. Que lindeza!

Em outro contexto, imagine-se a seguinte cena em um hospital: Seu João, adoentado, entra, senta-se em frente à mesa do médico. Acha-o jovem demais, portanto, inexperiente. Apesar desses pensamentos, relata o que o levou a procurar atendimento.

O médico escuta, ausculta, faz perguntas e, em seguida, direciona sua atenção ao computador sobre a mesa, digita e lê o que lhe surge na tela. O paciente dissimula e aguarda pacientemente (perdão pelo trocadilho), o que virá.

Concluída a leitura, o médico prescreve os medicamentos e as posologias. Seu João recebe o documento, agradece e se retira. Algum tempo depois, já em casa comenta com a esposa:

— Teve de pesquisar no computador pra saber qual remédio me receitar. Esses médicos de hoje...

Sob a ótica do médico, tem-se que usou mesmo o computador e consultou o gigantesco banco de dados da IA, pois, diante dos sintomas relatados pelo paciente, sua idade e dos dados obtidos na anamnese, poderia prescrever, ao menos, três medicamentos que, segundo ele, seriam apropriados. A pesquisa via IA objetivou encontrar o histórico de uso desses medicamentos e o resultado mais exitoso obtido. Em poucos segundos, a IA forneceu a resposta que, avaliada pelo médico, ajudou-o a prescrever a melhor dentre as três opções.

IA é tema para discussões infindáveis... Há quem a enxergue como solução para tudo. Há quem a condene, apontando-a como redutora da capacidade humana de pensar/refletir criticamente. Caminhamos no fio da navalha entre tais extremos. Impossível não reconhecer o quanto se pode agilizar determinadas atividades e atuar com mais precisão frente ao seu enorme potencial. Já quanto à utilização de IA para a criação artística, eu sigo o voto da relatora Zélia Duncan.

==========

(1) Livro “Crônicas de um fim de século” (Objetiva, 1999). Zuenir Ventura.

(2) Podcast da Nova Brasil FM “Vozes da vez”. Fabiane Pereira. Episódio de 15 de junho de 2026, com Zélia Duncan.

A verdadeira arte

Sábado de manhã.
Fatia de pão. Manteiga. Mel. Suco de maçã.
Na caixa postal, um par de bons dias. Adiante, algumas notícias, a previsão do tempo, temperatura agradável, sol no começo, nuvens à tarde, quase sem vento.
Devo pegar o jornal de ontem e sair para a praça? Procurar um banco à sombra e deixar-me ficar, ao sussurro das folhas e o estridente passaredo?

Examino a programação de cinema. Dos filmes argentinos, três estreias, duas no começo da tarde. Deixo o apartamento pensando na praça, para ler notícias velhas em espanhol. Mas a praça está fechada, por motivo de segurança.

Sigo para a estação do metrô, rumo ao centro. Ainda é cedo quando ressurjo na superfície, o sol no meu rosto, batendo no obelisco no meio de um céu ainda azul.
Há tempo para duas fatias de pizza a la barra e um refrigerante na Corrientes. Em seguida, cruzando a avenida famosa, um expresso.

No calçadão da Calle Lavalle, hesitante, compro um ingresso: o filme escolhido, na verdade ainda não estreou, e fico com a minha segunda opção. La vida anterior.

A sessão está marcada para o meio dia e dez. Faltam cinco minutos. Experimento a porta e descubro que está fechada. Experimento uma a uma cada porta de vidro. Fechadas. Olho em redor e percebo o público confuso, querendo entrar. Espio através do vidro e não vejo ninguém. Volto ao bilheteiro e este diz que já vai começar. Aguardo.



Mais cinco, dez minutos. Funcionários começam a chegar, entrando por uma porta que mal é aberta e em seguida se fecha. Meio dia e vinte e a entrada é liberada. Um rapaz com cara de índio pede que aguardemos no saguão. Aguardamos.

Quando ouvimos o chamado, seguimos para a sala 10, onde o rapaz com cara de índio recolhe as entradas. Uma velhinha comenta sua preocupação com o atraso, e ele responde, sorrindo, que ainda temos a tarde inteira para alcançar o horário da programação.

Somos poucos na plateia. Escolho uma poltrona. Ela range. Avanço uma fileira e tudo parece bem. Em poucos instantes a projeção começa, sem trailers. Acomodo-me para La vida anterior.

A narrativa avança e pouco a pouco vai me envolvendo. Até então, nesses dois meses vivendo em Buenos Aires, mais de uma dúzia de filmes argentinos. Alguns bons, outros nem tanto. Mas ali, algo distinto acontece. Na tela, ópera, tango, pintura e poesia.

A montagem se revela precisa. A fotografia não apenas bela, mas exata em cada cena. A trilha sonora, em cada detalhe, se soma às emoções sem transbordar. As músicas, tango, ópera, são lindas. Cada ator, cada atriz apresentam seus personagens sem exagero, de forma contida. Há uma tragédia a se formar, lentamente a se construir. Mas a história segue contida.

As lágrimas são poucas, as falas apenas comentam, admitem serenamente as tragédias da vida. Segundo Woody Allen, a tragédia seria a arte superior, pois trágica é sempre a vida. Ou, seria a comédia, que admitindo nossa tragédia, aponta que a nós somente resta o riso.

Na tela, num fluxo irrevogável, a tragédia segue a se construir. Talvez, do riso da comédia não possamos evitar alguma melancolia. Talvez, da tragédia, possamos apenas nos salvar pelo gesto contido do lirismo.

Uma vez ouvi que a verdadeira arte é sempre contida.

Verdade? Arte?

A verdadeira arte.

Fernando Vugman
Buenos Aires/2013

Bacharel em Biologia Médica (USP); doutor em Literatura e Cinema (UFSC). Pós-doutorado no Instituto Gino Germani (UBA) e visiting professor na The Univ. of Texas at Austin. Autor de A casa sem fim (2009); Ficção e pesadelos (pós)modernos (2012); A invenção do monstro: do Golem ao zumbi (2018); Viagem (2025). Coautor em dezenas de coletâneas.

MODERNIDADE

Os homens foram à lua
Enviaram uma sonda à Marte
E deram ré num foguete.
Enquanto isso
Na rua Pede,
o menino,
um Real.

Elismar Santos - Locutor Publicitário - Boston Studio’s



LIBERDADE

Um dia serei duro, sem alma.
Um dia serei puro, e leve.

Tão leve que mesmo o vento
Feito uma pena me leve
Jogando-me aos ares
De leve.



Elismar Santos - Locutor Publicitário - Boston Studio’s

Kisis da Fontoura

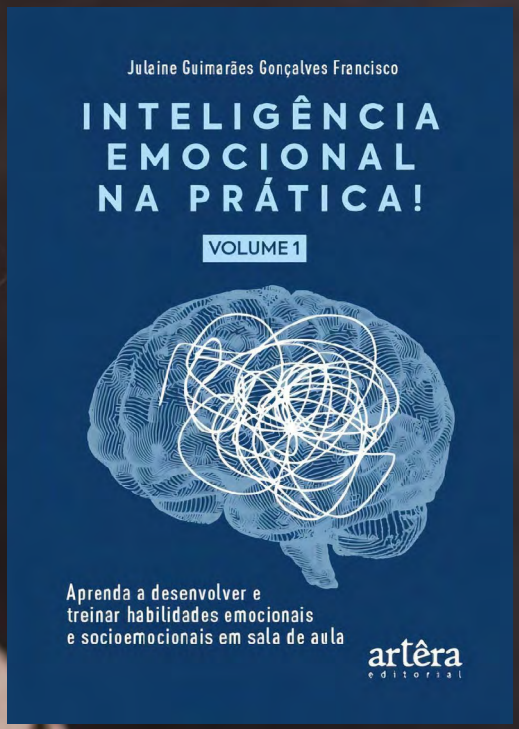


Designação

O sexo não me mata de cansaço sou mulher, sou homem sou livre, sou recluso os homens da minha cidade estão cheios de veneno as mulheres da minha rua destilam cólera o sexo já não é mais meu não sou anjo sou sopro sou os orgastos de majestades sou os colírios de princesas mirando o espelho de aromas exóticos com a pureza em óleo mineral experimento a pressa viva consumando ares profundos.

Julaine Guimarães

A Coragem de Ser



AUTOCUIDADO NÃO É LUXO, É RECONEXÃO

Existem mulheres que conseguem cuidar de tudo: da casa, da rotina, da família, do trabalho, das emoções de todos ao redor.
Mas, aos poucos, vão se esquecendo de si.

E esse abandono nem sempre acontece de forma visível.

Ele aparece no cansaço constante.
Na irritação frequente.
Na falta de energia.
Na dificuldade de sentir prazer nas coisas simples.

Muitas mulheres aprenderam que autocuidado é excesso, vaidade ou egoísmo.
E, sem perceber, transformaram a sobrecarga em modo de vida.

Mas o corpo sente.
A mente sente.
As emoções também.

A neurociência mostra que o cérebro se adapta aos padrões que repetimos diariamente.
Quando vivemos apenas em estado de obrigação, cobrança e alerta, o corpo começa a funcionar no automático, aumentando o desgaste físico, mental e emocional.

Por isso, autocuidado não é luxo.
É necessidade.

E mais do que isso:
é uma habilidade emocional que pode ser desenvolvida.

Autocuidado não é apenas parar para descansar.
É perceber quando você está se abandonando para dar conta de tudo.

É entender que cuidar de si não diminui o amor pelo outro.

Pelo contrário:
uma mulher emocionalmente esgotada começa, aos poucos, a perder a conexão consigo, com a vida e até com aquilo que ama.

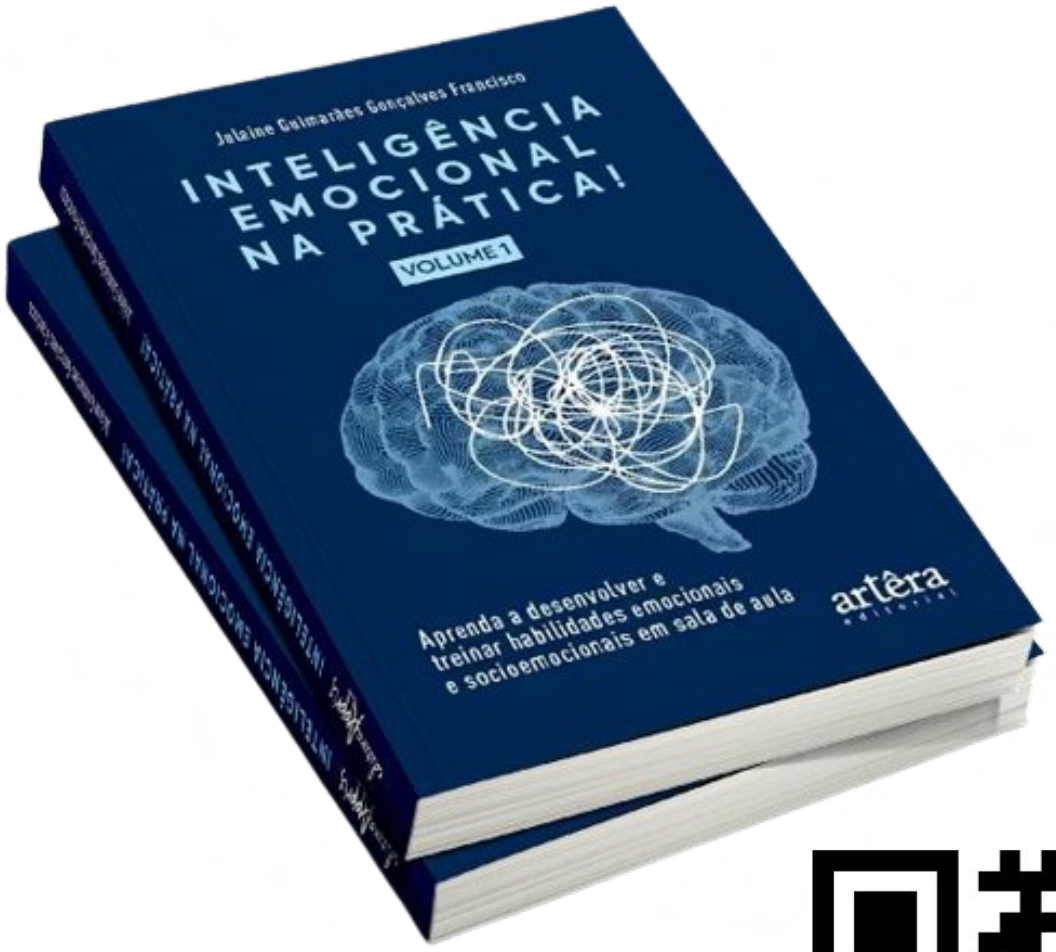
No meu livro Inteligência Emocional na Prática, falo sobre a importância de perceber os próprios estados emocionais e criar hábitos conscientes que favoreçam equilíbrio e bem-estar.
E esse processo começa em pequenos movimentos.
Respeitar seus limites sem culpa.
Dormir melhor.
Diminuir excessos mentais.
Escolher o que consome emocionalmente.
Mover o corpo.
Usar roupas que façam você se sentir bem, sem esperar uma ocasião especial para isso.
Porque não existem “roupas de sair”.
Existem roupas que representam quem você é hoje.
Autocuidado também é se olhar com mais gentileza.
É criar pequenos momentos de presença em meio à correria.
Pequenas mudanças geram novos padrões internos.
E novos padrões transformam a forma como você vive.
Talvez você não precise mudar toda a sua vida agora.
Talvez precise apenas começar a se incluir nela novamente.
Isso também é coragem.
A coragem de perceber seus limites.

De desacelerar sem culpa.
E de entender que você merece cuidado não apenas quando sobra tempo, mas porque também importa.
Se você sente que é hora de se reconectar consigo mesma, vamos investigar como estão suas emoções e sua relação com o autocuidado, clica e vem para um momento de alinhamento

Voltar para si mesma é onde tudo começa.

Este é o seu espaço de pausa, consciência e reconexão.
Nos vemos na próxima edição.
Julaine Guimarães
Mentora de mulheres | Palestrante I Escritora

Contato
Instagram: @julainegui
email: julaine.desenvolvimentohumano@gmail.com

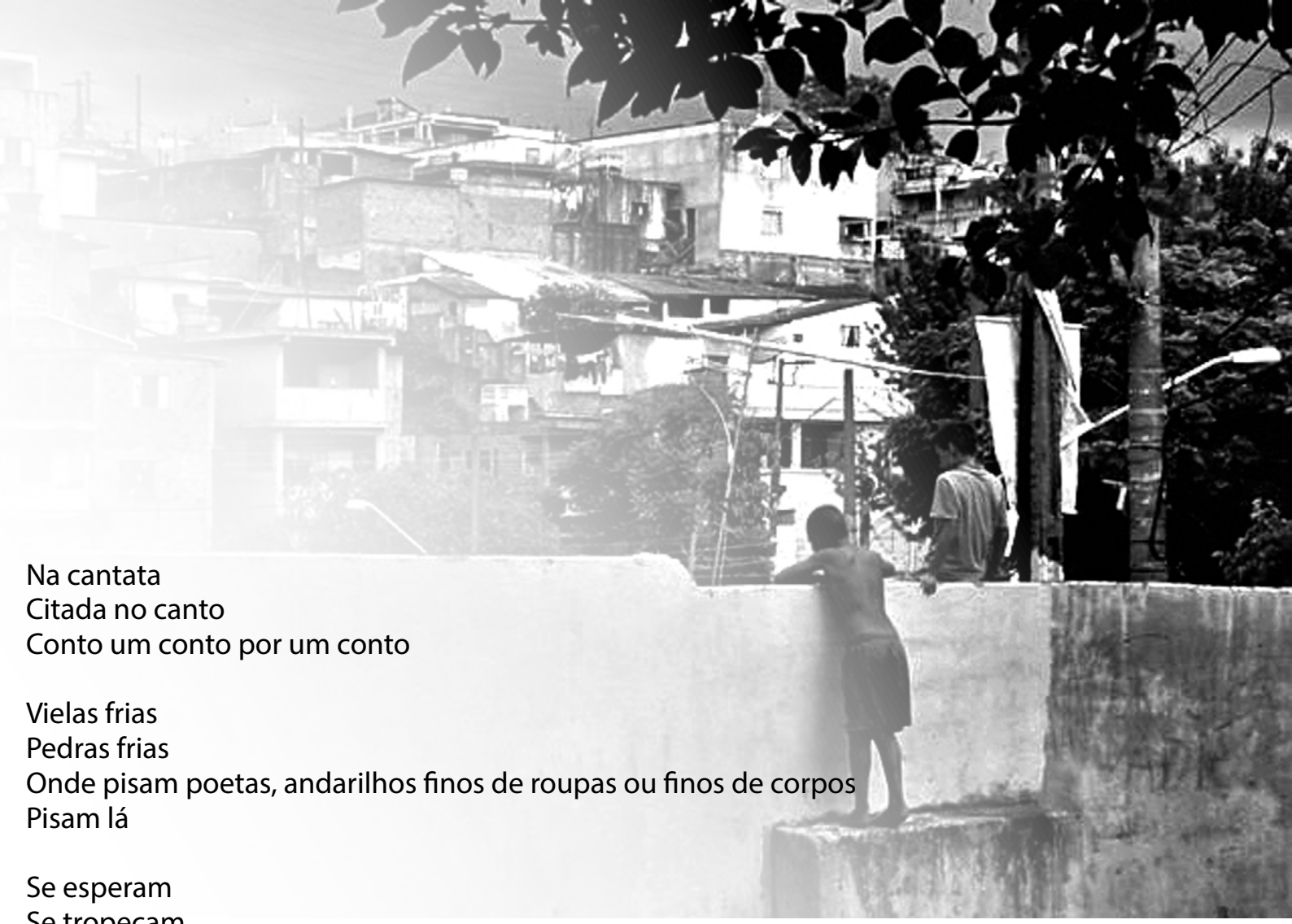


Ramsés Albertoni

Te amei com a delicadeza de um ramo de
petúnias
e me abandonastes com a crueza do silêncio

Te amei como quem cuida de uma rama
de petúnias abertas ao nascer do sol,
e via em teu olhar o brilho de um arrebol,
pintando o céu contigo, qual se fosse chama.
Tecia entre meus dedos a mais terna trama,
bordando-te um vestido leve de lençol,
e acendia por ti o mais fiel farol,
pra que não te perdesses no caminho, minha dama.
Mas vieste com a crueza fria, me deixando,
e o peito, que cantava, emudeceu ferido,
enquanto as pobres pétalas iam murchando.
O amor que dei foi puro, mas partiu vencido,
pois quem semeia afeto, à crueza vai semeando,
colhe silêncio e pó de um sonho desmedido.

Dr. Ramsés Albertoni Barbosa
Professor da Facom-UFJF
Pesquisador de Pós-doutorado em
Comunicação (PPGCOM-UFJF)
Pós-doutor em Artes (PPGCA-UFF)
Doutor em Artes (PPGACL-UFJF)
Mestre em Poética (PPGCL-UFRJ)
Mestre em Comunicação (PPGCOM-UFJF)
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5852-
9105
Lattes: http://lattes.cnpq.
br/3436230689973421



Na cantata
Citada no canto
Conto um conto por um conto

Vielas frias
Pedras frias
Onde pisam poetas, andarilhos finos de roupas ou finos de corpos
Pisam lá

Se esperam
Se tropeçam
Não se conhecem mas, parassem que todos se conhecem à um tempão
Quase até que irmãos são

Vão todos
Pela mesma estrada, vielas
Casas amarelas, verdes, azul ou salmão
Andando juntos nas pedras Sabão

Se concentram todos perto da casa de pedra
Como se fossem rezar um terço e então
Todos de mãos dadas como por espera quase que, abduzidos são

E derrepente
O por do sol
Que só para eles se apresenta então
E com o contar dos minutos
De novo
Só escuridão.

Nome:Quando tudo parecia ser de todos.

Poesias Wilson lirio
31/07/2026

Sergio Bentes



Os dois hierofantes de Elêusis

(Ariela Weiss)

Os dois hierofantes de Elêusis (Ariela Weiss) Foi numa biblioteca do Cairo que eu soube pela primeira vez dessa curiosa lenda, a qual tomo a liberdade de acrescentar alguns detalhes.

Num livro chamado Mistérios maiores e menores da Antiga Grécia, de um certo Stanley T. Liar, há uma menção ao período em que o templo de Elêusis teve mais de um sumo sacerdote ou hierofante, que era o título de quem ali exercia essa função. Tradicionalmente sempre escolhido entre os integrantes das famílias mais influentes, ele era considerado o guardião dos segredos religiosos.

Como era um cargo vitalício, essa escolha naturalmente só ocorria por ocasião do falecimento do atual ocupante. Mas certa vez aconteceu de isso ocorrer com um sacerdote ainda vivo. Muito adoentado, ele comunicou seu afastamento das atividades no templo.

E logo surgiram, vindos dos principais clãs que detinham a preferência nessa escolha, dois pretendentes ao cargo. Um e outro reinvidicavam para si a primazia, a preferência para tal. Chegaram a um ponto em que foi preciso a intervenção dos iniciados e assessores do templo para encontrar uma solução para o impasse.

Os experientes integrantes desse Conselho sugeriram então que, no terceiro dia na semana da próxima lua cheia, os pretendentes fossem reunidos em Estivali. Ali, numa praia à beira do rochedo que dava nome ao local, aguardariam um sinal dos deuses desde o momento em que o sol nascesse até o poente.

E que, se não houvesse a escolha por manifestação divina nessa oportunidade, o Conselho seria o encarregado da escolha de um terceiro nome, em outra influente família.

A partir daí, nossa história tomou outros rumos. Movido pela ambição, um dos candidatos usou de um ardil. De pronto visitou, sem que ninguém soubesse das suas intenções, a um certo Harouk, o egípcio. Este era um criador de pombos-correios, muito requisitados naquela época para comunicação em guerras. Harouk os vendia ou os alugava para esses trabalhos.

Mas o pretendente o procurou apenas para combinar que, no dia aprazado para a eventual manifestação dos céus, um pombo daqueles aparecesse lá em Estivali. E que pousasse sobre a sua cabeça. Ou sobre seus ombros. De preferência que fosse de cor branca.

O egípcio, gabando-se da 1 linhagem das suas aves, mostrou para ele o Flecha, o melhor, o mais inteligente, o mais veloz e o mais bem treinado animal da sua criação. E de uma penugem clara como a neve. Deixou que ele tocasse na ave e após receber pelo serviço a ser feito, garantiu que por volta das oito horas da manhã do dia combinado, ele, o pretendente, seria o escolhido. E este, embora tenha pagado caro pelo serviço, saiu dali satisfeito e esperançoso.

Ocorre porém que no dia seguinte, o outro pretendente, com as mesmas intenções e sem que ninguém mais soubesse, também procurou por Harouk. Ouviu dele as mesmas explicações e promessas, foi apresentado ao Flecha e pagou um preço ainda mais alto. Mas saiu de lá feliz. E confiante de que, desse jeito, seria o novo hierofante.

E escolhido pelos céus, de alguma forma. Mas o que aconteceu no dia combinado foi muito diferente do que os nossos principais personagens esperavam. Às oito horas da manhã, enquanto todos aguardavam em orações desde cedo, surgiram no céu, vindos em direção da base do rochedo, dois pombos brancos.

Em uníssono ouviu-se um burburinho entre os espectadores, que subiram o olhar seguindo aquele inesperado vôo. Os candidatos, mesmo surpresos com o número de aves, levantaram-se.

Parados, um ao lado do outro e perfilados à frente dos seus respectivos seguidores, cada um deles antecipou interiormente sua iminente glória. Um e outro já saboreavam em pensamento as honras e o status que a sua provável escolha proporcionaria. Porém, antes que os animais pudessem chegar na área sombreada pelo grande rochedo, ouviu-se um silvo. Longo e depois mais próximo, até cessar repentinamente. Um farfalhar de asas seguiu-se a ele.

Foi quando viram surgir uma imensa águia negra que, mergulhando célere em direção aos pombos, levou um deles entre as suas garras. E assim como surgira, rapidamente e de surpresa, também sumiu nos ares acima do rochedo. Nesse instante o pombo remanescente, assustado, descia na areia da praia. No espaço deixado pelos fiéis, emocionados pelo que acontecera, pousou de frente aos dois pretendentes.

E como parou, ali ficou, estático, depois de ajeitar as asas brancas e repousar, fixando o olhar inexpressivo de ave nos candidatos, ambos desapontados com aquele desfecho. 2 Tudo o que ocorreu ali foi interpretado pelos integrantes do Conselho e outros presentes como um sinal dos deuses para que desta feita os dois fossem os escolhidos.

Estava resolvido o dilema! A águia seria o próprio Zeus ou teria sido enviada por ele. Ou pela deusa Deméter, a quem o templo de Elêusis era consagrado. Enfim, era uma solução divina e inusitada para o impasse criado pela litigância, pela ambição e pelo orgulho.

E que surpreendeu mais ainda aos principais interessados. Que ficaram remoendo o porquê de terem surgido duas aves e não uma. Pois o que nunca se soube é se Harouk, temeroso das consequências do seu duplo compromisso, soltou Flecha e também a um outro pombo, idêntico, esperando assim ficar bem com os ardilosos candidatos.

Ou se uma outra ave, talvez inexperiente, fugiu e seguiu o pombo escolhido no instante em que este saiu das mãos do egípcio para cumprir a missão.

Ou ainda, qual dos dois animais foi levado pela águia. O que sei - e que não estava escrito no tal livro - é que por meio do que chamamos de acaso, de sorte ou de coincidência, os deuses realmente frustraram mais uma vez os planos insensatos e as frívolas articulações dos seres humanos.



Sergio Bentes (voltarredondense de coração) é produtor cultural há mais de seis décadas. Tem, além de “Contos gregos” (Prêmio Editora Brunsmarck, 2025), dois livros também ganhadores de edição: “O canto e outros tantos contos” (Prêmio Associação Capixaba, 1996) e “Nos tempos de quintais - roteiro lírico e histórico de uma cidade” (Prêmio Secretaria de Cultura de Volta Redonda, 2005). Publicou dois livros de poesia: “Qualquer palavra” e “Quinta estação” (Editora Grupitrupiartes, 1999), e tem a ficção histórica “Patmos” (com o heterônimo Adib Khoury) publicada em 2025 na Amazon, além de participações em centenas de coletâneas literárias no Brasil, Portugal, Espanha e México. Tem prontos para editar mais um livro de contos: “Das filhas de Eva” e a ficção distópica “Brasil - O fim do sonho”. Conta com cerca de 140 canções em 25 álbuns de outros artistas, em CD’s e nas plataformas digitais, como letrista, músico, compositor, produtor e intérprete convidado

L U P I N



Sabe quando tudo parece bom?
Bom até demais para ser verdade.
Ultimamente, é assim que me sinto.
Ainda assim, existe algo que me inquieta.
Tenho consciência do presente.
Conheço muito bem o meu passado.
Mas não faço a menor ideia
do que me espera no futuro.
Faço planos, desenho projetos,
imagino caminhos possíveis.
Mas eu me conheço.
Por mais que o certo seja o melhor para mim,
é o proibido que desperta meu sorriso.
Não sei explicar exatamente por quê.
Identifico-me com Lupin.
Gosto de Sherlock, é verdade,
mas ele jamais alcançará
o meu Robin Hood
de pele negra, monóculo e cartola.
Não pensaria duas vezes
antes de tirar de quem tem em excesso
para oferecer a quem não tem sequer o mínimo.
A justiça, hoje, tropeça.
Não julga atos;
julga rostos.
Se você tem pele clara,
terno bem cortado e gravata alinhada,
é como se carregasse consigo
uma falsa imunidade.
Pode roubar a luz do dia,
mentir sem corar,
enganar sem remorso.
Ainda assim,
o culpado quase sempre será outro.
Alguém que nunca teve culpa alguma,
mas que, por acaso,
nasceu com um tom de pele diferente do seu.
A justiça é falha,
mas o preconceito é preciso.
É por isso que me identifico com Lupin.
Não porque ele rouba,
mas porque conhece as regras
melhor do que aqueles que as escrevem.
Está sempre um passo à frente.
Quando acreditam que caiu,
ele já encontrou outro caminho.
Ninguém sabe ao certo quem ele é.
Nem seu verdadeiro nome.
Nem seu verdadeiro rosto.
Sua identidade é um enigma,
e talvez seja justamente isso
que o torne tão admirável.
Até seus piores inimigos o respeitam.
Porque desaparecer
sem deixar rastros,
como se jamais tivesse existido,
é uma arte
que poucos sequer conseguem compreender.

Maysa Peixoto



Lá
Bem para lá
Das montanhas
O circular da aurora
Bem
Quase tarde

O som que não me incomoda
Areias que, como pássaros,
em redemoinhos
riscam a trajetória
Desenha um novo arco desse nosso mundo que, muitas vezes estranho

Um som
em um sol
Que, junto dos arbustos que, até então calados,
agora gritam,
dançam
Gritam e Dançam a música dos velhos caciques que, só existem ainda na memória do mar

Uma moça corre só
Lenço cobrindo o rosto
Se encosta no vento e pergunta de onde vem o som

Calado
O velho vento também busca por respostas
Agarra a bela jovem pela cintura e leva para além do fim de tudo onde quase tudo começa do nada

Lá, bem para lá
Quase no escondido das águas gelada é onde tudo acontece
Onde nasce e morre os sentimentos
É lá que valsam as ideias
É também lá onde as palavras deixam sua existência

Lá Bem para lá da morte é aonde
Nasce o som.

Nome : O silêncio das coisas
Poesia: Wilson lirio
21/08/2026



A menina que tem o corpo magro de minha filha e os cabelos longos e anelados de minha filha e o olhar assustado de minha filha

Sento-me e fico a observar as pessoas naquele pátio. Um pátio como todo pátio de hospital psiquiátrico: com muros feios, frios bancos de cimento, antigos, pintura descascando aqui e ali e jardins de pouca vida. Parece que ninguém tem tempo de cuidar das flores. Ou que são flores que se murcham com muita facilidade, perdem o viço, caem cabisbaixas dos caules, esquecidas do que eram...

Hoje fui visitar minha filha que está ali há três semanas. Da última vez que lá estive, ela me sorriu ao me ver de longe. Estava sentada numa escada de dois degraus que dava para outro espaço atrás de si. Alguns segundos depois, ela já estava me xingando, chamando-me mentiroso e tals. Daí já me bateu uma dúvida: ela me sorrira ou fora meu coração de pai que imaginara isso em meus delírios de saudades dos tempos em que éramos pai e filha tão amigos e ríamos, juntos – como ríamos! -, das alegrias e das desgraças desta vida?

Naquele dia, minha visita durara menos de três minutos. Hoje...bem, hoje não houve visita. Ao me ver, saiu apressada em direção a uma das alas do hospital, parando apenas para dirigir rápidas palavras a uma colega de prisão. Que nem eu ouvi e nem a colega saberá me explicar. Meus olhos a acompanham desaparecendo pelo corredor, com aspecto triste, seus olhos arregalados, assustada.

Fui até a moça – que aliás, era bem parecida com minha filha: magra, cabelo anelados e longos, aspecto doente, olhar meio perdido. Estava acompanhada de um rapaz que parecia, também ele, ser paciente daquele lugar. Perguntei o que minha filha dissera, a moça explicou de forma confusa: era para eu a Laura que estava no pátio. Agradeci, fui sentar-me em um dos bancos que estava desocupado, apenas sabendo que existe uma Laura que...

Fico observando a vida como ela acontece ali. Vejo Jun, japonês que conheci hoje de manhã da reunião do Grupo de Apoio aos Familiares, uma espécie de AA de hospital psiquiátrico. Ele aparece lá na entrada do pátio e logo avista o amor de sua vida, a que botou fogo no apartamento. E Jun vem todo saltitante, sorrindo, encontrar seu amor. Jaqueline, a esposa, por sua vez, vai dançando ao seu encontro.

É uma cena linda, cheia de meiguice, como num filme de um diretor sensível, um Almodóvar, quem sabe, se ali houvesse mais cores. Encontram-se no meio do pátio: ela alta, corpulenta, envolve o puro e dócil Jun em seus braços, quase que fazendo-o desaparecer; se beijam e saem para um banco.

Bem perto de mim, outro casal de jovens. Ela parece muito feliz com a presença dele e de quem me parece ser sua mãe. Enquanto espero a volta de minha filha, meus olhos tristes percorrem o pátio. Ele levanta-se, a abraça por traz, e aperta, como que estalando suas costelas. Daí a pouco ela se senta em sua perna, enlaça seu pescoço, sorri fogosamente, como se sentisse saudades de uma noite de amor. Agora uma

sobrinha deixa o banco onde está e sai quase em disparada, abre os braços para receber os braços abertos da tia que chega para a visita. Volta alegre e sorridente e ficam ali com um terceira mulher, a mãe.

A menina que tem o corpo magro de minha filha e os cabelos longos e anelados de minha filha, o olhar assustado de minha filha, me chama. Viu a Laura e aponta para uma escada que leva à parte de cima do pátio: "Aquela de cinza", diz.

Vou até a moça de cinza, cor que combina bem com aquele ambiente. Ela conversa com um homem sentado ao seu lado. Tem em suas mãos um livro e, pelo tempo que a reparei, pareceu-me bem faladeira, pessoa acessível. Do meu lado direito, à frente, outro casal se levanta do banco e sai a passear pelo pátio. Ela com vários livros na mão direita, ele com vários livros na mão esquerda, as outras mãos dadas. Ele vão até o final do pátio, e voltam ao banco, como que com saudades do tempo em que passeavam em alguma praça.

Outra cena chama minha atenção. Mais alguém que aparece lá na entrada e logo abre um sorriso. A uns trinta metros dali já foi visto por uma paciente que sai correndo para abraçá-lo. Sinto que o amor está no ar. Os que estão naquela prisão se sentem lembrados, amados pelos visitantes. Deve ser o melhor momento do dia, os minutos de paz no coração, a hora em que a mente se acalma. O casal de namorados continua se tocando, se abraçando, se enroscando. Ela, sentada em sua perna, enlaça seu pescoço, sorri fogosamente, dá-lhe os lábios para ele beijar. Imagino que, se não houvesse mais ninguém no pátio, eles fariam sexo ali mesmo, em cima do banco de cimento. E que, quando ele for embora, ela seguirá sentindo a quentura de seu corpo pelo fim do dia.
O casal volta a passear pela praça. A sobrinha, agora que vai chegando ao final da visita, chora, reclama da mãe com a tia, que lhe enxuga as lágrimas com mão delicada.

- Me desculpem... você é Laura?
Ela confirma.
- Sou pai da Larissa...

Perguntei-lhe se podia entregar à minha filha o Vidas Secas e a barra de chocolate que eu levara para ela mas que não conseguira entregar. Sorriu, recebeu e se comprometeu a fazer-me o favor.

"Mas, e se ela não quiser receber?", perguntou.
"Doe o livro para a Biblioteca e coma o chocolate".
Pareceu-me ser a melhor saída.
Antes que eu me fosse, depois de fitar-me por instantes, decretou:
- Ela tem os seus olhos!. Olhos pretos, "terríveis", disse-me uma vez minha psicóloga, afirmando que meu olhar era fulminante, penetrante ("Seria melhor me xingar do que me olhar com esses seus olhos, pai!", dissera-me uma vez meu filho).

Mas não me pareceu que Laura tivesse a mesma opinião da psicóloga. E a do meu filho. Quisera eu que, além dos meus olhos, minha filha tivesse a minha sanidade. E a minha liberdade de estar aqui fora.

Agradeci o que entendi ser um elogio, e, ao ver o autor do livro que trazia â mão, comentei: "Outro dia fui a uma peça de teatro de Nelson Rodrigues, Os sete gatinhos". Ela defendeu a ideia de que ele fora um autor não compreendido pelo Brasil, gênio etc. Ouvi, sorri e os deixei. Voltei ao meu lugar.

Por todos os lados vejo os prisioneiros e seus parentes. Alguns não recebem a família, recebem amigos, riem, choram, conversam, são abraçados. Às vezes ouço de longe um consolo: "Você vai ficar bem, logo vai sair daqui!". E vejo os olhos sem crença da pessoa que ouve. Não sendo Édipo, sou vencido pela Esfinge: não consigo decifrar se a descrença é pelo "você vai ficar bem" ou pela segunda parte do quase silogismo.

Agora Jaqueline grita com Jun, esbraveja, xinga. Ele, todo pequeno diante dela, mantém a calma, o amor e a abraça em sua miudeza, débil e inválido. Neste instante lembro-me da reunião da manhã, e sinto-me como Jun: impotente. Lá no fundo vejo um rapaz sozinho num banco. Seus olhos buscam a entrada do pátio o tempo todo. Mas ninguém aparece para visitá-lo. Deve ser um daqueles que foi levado por alguém que, por um momento de empatia, dele se compadeceu, ou foi internar-se por si mesmo: sem amigos, sem parentes que o amem, sem visitas, abandonado.

Penso em ir até ele, sentar-se ao seu lado, como que a dizer: Estou aqui!

No entanto, alguém passa lembrando-nos de que acabou o horário, time out. Levanto-me, aceno para a menina que tem os sofrimentos de minha filha, aceno para Laura, a que disse que tenho os olhos de minha filha, olho mais uma vez para onde minha filha desaparecera quando cheguei, vejo as flores murchas se despedindo dos seus e caminho para a saída do pátio. Vida que segue.

A IDEIA MAGNA



Dias Campos

A IDEIA MAGNA.

Gilberto sempre se lançou aos grandes desafios. Para ele, os objetivos não comportavam gradação. Ou se atirava de cabeça na concretização de uma ideia que julgasse ser a mais ambiciosa possível, ou passava o tempo que fosse preciso para que o melhor dos projetos despontasse no horizonte. E se em seu espírito sobrava ousadia, sobre seus passos rondava o risco dos apostadores.Daí que às vezes emplacava. E usufruía dos vultosos ganhos, e se capitalizava para novas e mais audaciosas aventuras.

Noutras, porém, o fracasso o abraçava como se fosse um tamanduá. E mesmo que perdesse até as calças, nem por isso sucumbia. Apenas que demoraria um pouco mais de tempo para se relançar em direção a um novo alvo. Só que na última vez que ousou – e conseguiu embolsar três vezes o que investira –, o peso da idade e a falta de uma família o fizeram pensar...

Até quando aguentaria esse arriscado e indomável sobe-e-desce? Alcançara os cinquenta e cinco anos, e mesmo sabendo que em sua mente uma caldeira ainda fervilhava, o vigor que julgava eterno já dava os primeiros sinais de que um dia faltaria. Dessa forma, concluía, ou encontrava uma ideia, a mais original de todos os tempos, aquela que mereceria o título de a mais criativa da História, e que permitisse obter em pouco tempo um retorno financeiro o mais astronômico possível, ou teria que amargar o que julgava ser o pior dos castigos, a frustração de terminar a vida sem a sonhada estabilidade e relegado ao ostracismo dos perdedores.

Mas a ideia magna teimava em não aparecer. As que surgiam não passavam de meros "devaneios de training", como ele mesmo as classificava. Gilberto começou a se preocupar. Afinal, nunca demorara tanto para que um novo sol ressurgisse e aquecesse a sua criatividade. Passados quase três meses sem nenhuma perspectiva, e o empresário admitiu que se não mudasse de foco acabaria entrando em parafuso. Assim, o melhor que poderia fazer seria procurar outros ares. E para isto, nada como uma boa viagem. Uma vez dissipadas as espessas nuvens que o impediam de ver, e com certeza uma porta brilharia bem à sua frente, permitindo que entrasse e tomasse posse de um futuro glorioso e para sempre imutável.

As reservas que acumulara permitiam que viajasse para onde bem quisesse. Só faltava o destino. E foi folheando o jornal que ele apareceu – O Taj Mahal despontou fascinante em atrativos, pulsante em mistérios, e sedutor em promoções. A viagem seria de apenas sete dias, tempo suficiente para conhecer o Triângulo dourado, compreendido por Delhi, Agra – onde se encontra o fabuloso mausoléu – e Jaipur.

A gana por viajar era tanta que Gilberto nem pensou que talvez precisasse de alguma vacina para poder entrar na Índia. E só foi saber dessa exigência no momento em que assinava o contrato com a agência de turismo. Menos mal que a única exigida era a contra a febre amarela, que sabia já ter sido imunizado, possuindo o necessário certificado internacional. Afastada essa condição, e o empresário foi advertido quanto aos cuidados com a alimentação e intimado a que só tomasse água mineral engarrafada e lacrada. Caso contrário, o restante da viagem poderia ficar consideravelmente comprometido em razão de sérios desarranjos intestinais.

Mesmo tendo comprado assento na classe executiva, as mais de vinte e uma horas de voo até Delhi – com escala em Zurique, na Suíça – massacrariam qualquer passageiro. Desta forma, a saída foi improvisar. E depois de uma overdose de filmes na TV, vários copos de uísque 12 anos viriam completar a estratégia em que pensara, fazendo-o sonhar durante a maior parte do trajeto. Quem não gostou nada desse último artifício foi a sua vizinha de assento, uma adolescente cheia de não-me-toques que desembarcou em Zurique alquebrada e enojada. É que além de Gilberto ter roncado por quase toda a viagem, em que pesem as sutis cotoveladas que por vezes recebeu, como sua cabeça tombava, ora para a direita, ora para a esquerda, a camisa que usava amanhecia toda babada – Ela quis mudar de lugar, mas o avião tinha decolado lotado.

Os fatos ocorridos até chegar a Agra, no dia seguinte, desmerecem ser citados. A visita ao Taj Mahal, contudo, mudaria a vida do empresário por completo. É claro que Gilberto ficou deslumbrado com o monumento assim que o avistou. A imponência e a alvura do mármore o maravilharam como a qualquer mortal. Os jardins, as decorações de flores-de-lótus, a gigantesca cúpula em forma de cebola, os painéis esculpidos sobre as arcadas, os fabulosos minaretes levemente inclinados em oposição ao edifício central... tudo o extasiava! – Ele, porém, recusou-se a tirar a "foto turística" em que, por efeito de perspectiva, e tendo o mausoléu ao fundo, parece estar segurando o pináculo da cúpula com a ponta dos dedos.

O empresário e seus colegas de excursão também ficaram fascinados quando adentraram no edifício. Os frisos em baixo-relevo, as incrustações de pedrarias – em particular os lápis-lazúlis –, os notáveis painéis de caligrafia... tesouros da Humanidade que os enlevavam; carícias estilísticas para os olhos, para a mente, para o espírito! Foi quando o guia indicou duas notáveis construções que jaziam no centro do suntuoso monumento. E como todos dele se acercaram, ouviram a tão manjada pergunta – Se alguém sabia qual o nome que se dá àquelas preciosidades? Mesmo os mais

atilados ficaram um pouco constrangidos em responder o que parecia óbvio. Afinal, o guia já explicara que o gigantesco sepulcro era, antes de tudo, um símbolo dedicado ao amor, tendo sido construído a mando do imperador Xá Jahan para venerar a sua esposa, que morrera ao dar a luz ao seu décimo quarto filho.

Ora, o que viam só podiam ser os túmulos dos apaixonados; no máximo, os jazigos dela e o de um dos filhos do casal, provavelmente o preferido. E foi o que uns e outros responderam, tendo Gilberto optado pela primeira versão.
O guia, por seu turno, lamentou não ter apostado alguns dólares com os membros da excursão, o que desencadeou alguns risos. Em seguida, disse que o que viam não eram túmulos, mas, sim, cenotáfios. Já que o silêncio acompanhava uma e outra caras de paisagem, o guia explicou que cenotáfio nada mais é do que um monumento fúnebre construído em memória de alguém, mas que não contém nenhum corpo. Serve apenas para homenagear. E deu exemplos conhecidos de alguns brasileiros, como os de Pedro Álvares Cabral, de Vasco da Gama e de Camões que estão no interior da Igreja de Santa Engrácia, o Panteão Nacional, localizada em Lisboa.

E como percebesse a pergunta que muitos pretendiam fazer, o guia se antecipou e disse que as tumbas reais, com os corpos do Xá Jahan e de sua esposa, encontravam-se em um nível inferior. Mas no instante em que ouviam que o cenotáfio do Xá, além de ser o maior dos dois, era a única disposição assimétrica de todo o complexo, Gilberto teve um insight! Daí por diante, sua atenção ora se dividia entre as belezas do mausoléu, ora, em uma ideia mirabolante que se corporificava a cada segundo. Foi penoso para ele, portanto, manter-se interessado nas explicações e nos detalhes artísticos, quando todas as suas fibras buscavam ansiosamente navegar pela Internet à procura de um documentário que o tinha impressionado há alguns anos.

Apesar de tudo, a hora de partirem chegou, e a pesquisa teve início assim que se sentou dentro do ônibus.No entanto, a navegação teve que ser interrompida pela euforia de uma septuagenária que se acomodou ao seu lado, e cuja avidez por comentar sobre tudo o que viram e ouviram parecia não ter limites. Quando chegaram ao hotel, os ouvidos do empresário ferviam, os olhos estavam pesados, e o mau humor alcançara o grau máximo. Mesmo assim, ainda teve ânimo para se despedir de tão agradável companhia, meneando positivamente a cabeça e endereçando um inevitável sorriso amarelo. Ao entrar no quarto, Gilberto sequer se preocupou com banho ou jantar.

A tudo isso se entregaria, mas só depois que encontrasse o que procurava. Depois de navegar por um tempo razoável, a reportagem por fim apareceu. A matéria mostrava um novo-rico da recém-transformada Rússia que, entediado com os prazeres proporcionados pela abastança, resolveu inovar em matéria de diversão. Assim, fantasiou-se de mendigo e passou o dia inteiro pedindo esmolas em praça pública. O prazer estava em interpretar um miserável sabendo-se milionário. E mais divertido ficava quando os passantes, ao entregarem as suas moedas, endereçavam olhares de piedade ou palavras de esperança. Enquanto se divertia, uma equipe de apoio o protegia contra eventuais perigos e o filmava para que se visse depois.

Ora, a excentricidade não dispensa uma plateia. Daí que o protagonista resolveu postar o vídeo nas redes sociais, e a brincadeira viralizou em segundos. Dessa forma, a moda pegou, e outros endinheirados despeitados e desocupados também se entregaram à enganosa mendicância. Gilberto recostou-se no espaldar da cadeira e sorriu com o prazer dos que estão a um passo da vitória. No entanto, ainda faltava o preenchimento de mais duas condições para que a sua surpreendente ideia pudesse ser posta em prática. Para que esses bons ventos continuassem soprando em seu favor, o empresário resolveu acalmar-se com um banho relaxante – havia uma banheira vitoriana à sua espera –, em que sua mente, liberta de todo e qualquer embaraço, planaria ao sabor de si mesma, e possibilitaria avistar o terceiro, e quem sabe até o quarto requisito. Mas porque o dia tivesse sido bastante agitado, e cansativo, Gilberto sucumbia à moleza, e à sonolência.

Quando despertou, olhou rapidamente para o relógio. Ora, em excursão, até os espirros estão submetidos aos rígidos horários. Por isso, a demora no banho fez com que perdesse o passeio pela noite de Agra. E, por consequência, o fabuloso jantar a que teria direito. Alternativa não teve senão a de ir jantar no restaurante do hotel. É verdade que essa vacilada deixou o empresário um tanto irritado. Ainda mais quando, ao pisar no restaurante, teve o desprazer de avistar, sentada sozinha, em uma mesa de canto, aquela mesma septuagenária que o alugara no ônibus. Mas como a fome já o perfurava, teve que enfrentar o desafio. Daí que começou a se embrenhar por entre os hóspedes que jantavam, até alcançar uma mesa que jazia do lado oposto àquele em que se sentara tão inconveniente senhora. O garçom não demorou a atendê-lo. Graças às estrelas do hotel, a cozinha era internacional. Sendo assim, os pratos estavam descritos em inglês, o que facilitava uma escolha.

Seja porque estivesse mal-humorado por ter perdido um passeio gastronômico, seja porque soubesse que outro jantar típico já estava reservado na cidade de Jaipur, Gilberto acabou optando pela conhecida cozinha italiana, e pediu um espaguete com frutos do mar. Por insistência do sommelier, que enalteceu a qualidade internacional dos vinhos indianos, o empresário, que ficou bastante curioso, abriu mão de um velho conhecido e resolveu experimentar um tinto produzido na região de Bangalore.O vinho, cujo buquê nada perdia para as melhores safras do ocidente, foi degustado com o ritual dos que conhecem do assunto – Na realidade, ele mais encenava do que entendia.Quando trouxeram o pedido, Gilberto comemorou. Era uma alegria para os olhos e, de certo, um encanto ao paladar.

Mas não foi o fato de o espaguete estar perfumado, equilibrado, com a massa e com os frutos do mar cozidos no ponto correto o que mais o impressionou. O que deixou o empresário impressionado foi o tamanho dos anéis de lula – gigantescos! Não se quis dizer, com isso, que houvesse uma desarmonia gritante entre os frutos do mar utilizados no preparo, pois os mariscos também eram grandes. É que esse gigantismo fez lembrar a Gilberto de um outro documentário muito interessante que assistira em um canal especializado, e que, se bem pensado, preencheria a terceira condição à sua extraordinária ideia. Mas ele não teve ímpeto de largar o prato ou de devorá-lo em três garfadas para, em seguida, sair correndo em busca da Internet. Ora, estava de férias, apreciando um vinho de excelente qualidade, degustando um clássico muito bem preparado... Para que a pressa se o destino estava demonstrando, e a descoberto, que se tornara o seu mais fiel aliado? Para dizer a verdade, a única preocupação que experimentava era se aquela desagradável senhora o reconheceria ao se levantar, e, vendo-o só, fosse toda lépida ao seu encontro, na certeza de que fizera a melhor das amizades. Fora isso, o momento era todo sensorial. Pois que aproveitasse ao máximo!

Afinal, salvo um eventual furto, o celular não sumiria do seu quarto. Quanto à nacionalidade da sobremesa, Gilberto estava indeciso. Ou banhava-se no Ganges ou atravessava o Rubicão. O jeito foi apelar para um processo empírico bastante conhecido entre os despreocupados. E depois de concluir o Uni-duni-tê, seu dedo parou em uma panna cotta com geleia de damasco que, se parecia simples, foi entusiasticamente recomendada pelo garçom. De volta ao quarto, o empresário se foi ao YouTube. E não demorou muito para que encontrasse o que buscava.

O documentário, produzido por uma equipe inglesa, tinha por objetivo mostrar um pouco sobre a vida das lulas gigantes de Humboldt, moluscos que habitam grandes profundidades, onde a luz solar não consegue penetrar. O local escolhido foi o Mar de Cortez, no golfo da Califórnia, no México. O mergulho ocorreria à noite, pois é nesse período que esses monstros sobem seiscentos metros para caçar. Dois mergulhadores – um repórter e um cameraman – desceram a uma profundidade de setenta e cinco metros, trajando cotas de malha para proteção contra as investidas das lulas.
E não precisaram de muito tempo para descobrir que elas caçavam em bandos e que existem carnívoros sob a superfície que são muito mais dóceis do que elas!

Gilberto viu e reviu o documentário. E não deixou de anotar em um bloquinho cada detalhe que parecesse vantajoso e cada senão que se mostrasse um empecilho. Faltava, apenas, resolver o problema do quarto requisito, a clientela, o que envolveria uma apresentação cativante, que implicasse total convencimento. Mas por mais que a sorte estivesse ao seu lado, a Índia não era o local adequado para conseguir clientes. Até porque, a maioria dos seus contatos estava no Brasil e nos Estados Unidos. Assim, o melhor a fazer seria desconectar e aproveitar o resto da viagem. E tão logo voltasse para casa, arregaçaria as mangas e correria atrás de quem fosse preciso.

Gilberto raciocinara corretamente. Portanto, que o dia seguinte chegasse logo, pois partiriam para Jaipur pela manhã, chegando bem na hora do tão esperado almoço. Aliás, a expectativa para com este almoço não se referia ao exotismo dos temperos ou ao esplendor do ambiente. A graça estava em que a excursão pusesse as mãos na massa, sendo ela a responsável pelo preparo de toda a refeição. Daí que todos se reuniriam na casa de uma família tradicional, cujo anfitrião, que também era chefe de cozinha, iria coordenar toda a distração. A recepção foi a mais calorosa possível, e todos passaram a se sentir não como turistas que chegam para mais um show, mas, sim, como velhos amigos que se reúnem para um gostoso bate-papo.

O chefe convidou a todos para que o seguissem em direção à sua grande cozinha. E dividindo a excursão em grupos de trabalho, passou a dizer o que cada um teria que fazer. E a farra prosseguiu; com certa disciplina, é verdade, mas sem abrirem mão da descontração brasileira. Acontece que Gilberto estava morrendo de sede. Ora, como fora designado para lavar e cozer os alimentos, e porque não quisesse se passar por pedante ou indelicado, ao invés de pedir água mineral ao dono da casa, tratou de se saciar com a "torneiral" que manejava. E se o valor do almoço não foi nada exorbitante, o preço que teve que pagar no dia seguinte foi altíssimo!

Menos mal que o desarranjo intestinal só durou um dia; por coincidência, o último da viagem, e que foi muito bem aproveitado por seus colegas de excursão. Gilberto chegou entusiasmado ao Brasil. Afinal, o fato de já estarem engatilhados três quartos do seu plano era o melhor estímulo para que seguisse adiante. Mas onde encontrar a fração que faltava ao seu projeto?

Foi aí que ele se lembrou dos russos do documentário a que assistira. Ora, por que sair por aí à procura de clientes se aqueles novos-ricos reuniam todos os atributos a que aspirava?

Era imperiosa, portanto, a aproximação. E graças aos seus vários contatos, não só conseguiu saber o que interessava sobre três daqueles milionários, como, também, uma videoconferência acabou acontecendo, e exatamente com o que primeiro se fez passar por endigo; por sinal o mais rico de todos. Porque Gilberto tivesse o dom da palavra, porque as preliminares acerca do projeto chamassem muita atenção, e porque ambos falassem fluentemente o inglês, o russo teve uma ótima primeira impressão. E como esta é a que conta, uma segunda reunião foi marcada.

Mas como o assunto requeria sigilo, e como o empresário quisesse mostrar lastro, segurança e disponibilidade, o novo encontro aconteceria não mais por teleconferência, e, sim, tête-à-tête, em um dos melhores hotéis de Moscou.
Desta vez, porém, Gilberto não abusaria dos filmes nem consumiria álcool, mesmo sabendo que levaria, em média, dezesseis horas para aterrissar na capital da Rússia. Em primeiro lugar, porque não queria acordar com a camisa ensopada de baba. Em segundo, porque sentara ao seu lado um armário em forma de homem, e que, pela cara de poucos amigos, com certeza não seria muito compreensivo com um vizinho que se sabia emérito roncador. E por fim, porque estava tão ligado no seu projeto, que pretendia passar boa parte da viagem revendo cada detalhe da apresentação, imaginando cada pergunta que pudesse ser feita, e meditando sobre todos os caminhos que levassem ao convencimento. E como um dia é da caça, e o outro, do caçador, desta vez quem ficou muito incomodado foi Gilberto, pois o seu vizinho, que sentara na janelinha, sofria de incontinência urinária – Se ele ganhasse cem reais a cada vez que ouviu um pedido de licença, a passagem aérea e a estadia já estariam pagas.

Depois que pousasse em Moscou, o empresário ainda dispunha de três horas até o início da reunião, tempo suficiente para que conseguisse descansar e revisar todos os tópicos. E foi o que fez. Eram dezessete horas quando Gilberto foi recebido por um homem franzino, de apenas trinta e oito anos, mas dono de uma fortuna incomensurável, conquistada, sobretudo, com investimentos no setor petrolífero, no de telecomunicações, e no cultivo de certas amizades...
Para que a conversa começasse descontraída, Gilberto não se esqueceu de trazer algumas lembranças do Brasil, valendo a pena destacar uma garrafa da mais cara das cachaças, uma lata de goiabada cascão da melhor qualidade, e um pacote de um quilo de café tipo exportação. O russo agradeceu muito, e fez questão de experimentar a cachaça. Gilberto bem que tentou avisar, mas não deu tempo. O milionário encheu até a borda um copinho com a aguardente e a engoliu de uma só vez, como fazia com sua vodka predileta. E por mais que estivesse acostumado ao teor alcoólico desta bebida, o daquela era "ligeiramente" maior.

Superado esse contratempo – e ambos riram muito –, e o assunto importante teve início. Gilberto ligou o laptop e mostrou o documentário protagonizado pelo novo-rico. Por óbvio que ele se reconheceu. E voltando o rosto para o brasileiro, perguntou o porquê dessa introdução. O empresário, com total tranquilidade, disse que há milionários, e há milionários excêntricos; que preferia estes últimos; e que muitos deles são endeusados por milhares de expectadores, que retribuem com aplausos, badalações e curtidas nas redes sociais.

O russo concordou com um leve sorriso. Gilberto, relembrando a videoconferência, enfatizou que sua empresa era especializada em satisfazer os gostos dos muito ricos. Só que um dos diferenciais estaria, ustamente, na possibilidade de seus clientes serem divinizados por milhões de pessoas. O russo levantou as sobrancelhas! E pediu para que estrangeiro continuasse. O que estabeleceria diferença, prosseguiu o brasileiro, ainda mais confiante, seriam quatro tipos de benefícios, e que seriam cumulativos. O primeiro, o de serem endeusados por toda uma população, pois passariam a ser lembrados como verdadeiros mecenas; o segundo, o de se divertirem como nunca; o terceiro, o de verem os seus nomes eternizados em cenotáfios personalizados; e por fim, mas não menos importante, o de ganharem muito mais dinheiro do que pagaram pelo serviço contratado.

O russo ficou envaidecido com relação ao primeiro diferencial; muito estimulado quanto ao segundo; sem saber o que opinar quanto ao terceiro; e bastante curioso quanto à última promessa. E como percebeu a ignorância do ouvinte em relação ao terceiro benefício, Gilberto foi logo explicando o que era um cenotáfio. E mostrou as fotos armazenadas no laptop. O russo inquietou-se, pois, pelo que compreendia, um cenotáfio pressupunha a morte de alguém, e morrer não estava em seus planos. Gilberto, então, com a maior paciência do mundo, passou a explicar a parte sensível da sua ideia. De primeiro, seria necessário forjar a morte do cliente – as sobrancelhas do milionário levantaram de novo –, e de uma maneira tão sensacionalista, tão impactante, que não haveria ninguém que não ficasse sabendo dessa lastimável ocorrência por todos os meios de comunicação.

Depois, um testamento falso viria à tona, com a obrigação de o espólio adquirir um grande terreno onde seria implantado um parque magnífico, com lagos, áreas de lazer, restaurantes, e uma área destinada às edificações, de preferência com apartamentos de alto padrão. Em seguida, e de acordo com esse mesmo testamento, ergueriam um gigantesco mausoléu, no interior do qual seria colocado um majestoso cenotáfio, e que, a exemplo dos que existem por aí, teria o nome do defunto gravado em baixo relevo na sua lateral e em letras garrafais.

A boca do russo se abriu...

Ato contínuo, e sempre respeitando a vontade contida no testamento, todo o parque seria dedicado à população, de modo que o nome do benfeitor, o falso defunto, seria ainda mais glorificado; um verdadeiro mecenas de toda a população!
Ora, tudo estaria sendo acompanhado às escondidas pelo cliente, que, à exemplo do mendigo de mentira, estaria se divertindo a cada notícia da imprensa, a cada pêsame que ouvisse dos amigos, dos parentes, das autoridades, e de quem mais dele se lembrasse. Além do que, ficaria mais e mais empolgado a cada etapa cumprida na construção do grande projeto. E quando tudo já estivesse ma is calmo, e o complexo, prestes a ser inaugurado, o cliente reapareceria de inopino, coberto por uma áurea de mistério, deixando a todos boquiabertos, fazendo com que seu nome se tornasse ainda mais conhecido porque muito mais requisitado!

Por fim, e graças a toda essa ficção, o interesse por todo o empreendimento aumentaria em proporções nunca antes vistas, o que elevaria ainda mais o preço dos imóveis que seriam comercializados, o que deixaria o nosso cliente ainda mais rico. Bravo! – foi como o russo se manifestou. Gilberto fez questão de repetir e enfatizar que se havia milionários que se divertiram fazendo-se passar por mendigos, muito mais diversão teriam se se passassem por mortos. E arrematou dizendo o quão chateados ficariam os herdeiros que com os defuntos não se dessem, assim que os vissem ressuscitados.

Como o pasmo permanecia no ouvinte, o brasileiro tratou de arrematar que a moda do cenotáfio não passaria com a inauguração do primeiro mausoléu, pois uma vez descortinada a falsa morte, e devidamente viralizada nos meios de comunicação, essa onda ganharia um tremendo impulso, fazendo com que outros milionários excêntricos não admitissem ficar para trás, o que os levaria a brigar para verem os seus nomes imortalizados nos cenotáfios que seriam erguidos em muitos outros empreendimentos, tais como resorts, marinas, oceanários, parques aquáticos e estádios de futebol.
Ora, assim como o futuro cliente tinha sido o primeiro a se fingir de mendigo, Gilberto também tinha certeza de que ele quereria ser o primeiro a iniciar a brincadeira de se passar por morto, divertindo-se com tudo o que acontecesse durante a sua ausência, e vendo os seus amigos milionários aderirem a ela, mas com a satisfação de saber que eles estariam sempre um passo atrás – O ouvinte deixava escapar um sorriso de triunfo no canto esquerdo da boca.

Passados alguns segundos de espera, em que os olhos do empresário clamavam por uma resposta, mas os do russo transpunham os limites da sala de reuniões, e a lembrança de um detalhe incomodou Gilberto. E ele se pôs a explicar que uma das muitas maneiras em que pensara para que a morte do futuro contratante fosse a mais impactante possível, e, com isso, ganhasse notoriedade, seria a notícia de que um milionário excêntrico resolvera mostrar ao mundo a sua coragem. E mergulhando à noite, a grandes profundidades, teria sido violentamente atacado, estraçalhado e devorado por um bando de lulas gigantes de Humboldt, moluscos que chegam a medir quase dois metros de comprimento. E pegou o laptop, e mostrou o documentário. Por óbvio, prosseguiu Gilberto, que as lulas gigantes também seriam uma armação, não existindo perigo real para nenhum envolvido. Daí que o cinegrafista que acompanharia o herói faria algumas tomadas apenas para comprovar que o mergulho aconteceu e que ambos rumaram ao encontro daqueles monstros. O ataque seria devidamente editado e incrementado pela Inteligência Artificial, de maneira que todos acreditariam que esse terrível fato teria realmente acontecido. E o sobrevivente, que conseguiria escapar "por milagre", apresentaria as imagens ao mundo, que viralizariam mais rápido que a velocidade do pensamento.

A mudez e o impasse permaneciam. Daí que o milionário respondeu que iria pensar bastante, e só depois daria a resposta. Gilberto saía frustrado da reunião. Não conseguia compreender como alguém seria excêntrico o bastante para se fingir de mendigo, mas titubeasse na hora de se divertir, passando-se por morto. O jeito era aguardar. Só que tempo é dinheiro. Assim, enquanto aquele russo ficava pensando, o empresário resolveu procurar outros dois novos-ricos. Mas para seu desassossego, as reuniões acabaram da mesmíssima forma – com um pedido para que o brasileiro aguardasse uma decisão. Gilberto ainda esperou mais uma semana até que fosse cobrar uma posição dos três milionários. E elas vieram. E foram todas pela negativa, sem se preocuparem com justificativas. O empresário ficou arrasado. E como não dispunha de mais de tempo, como o dinheiro que levara chegava ao fim, e como não tinha outros clientes em vista, remédio não teve senão o de retornar para o Brasil.

Quando o avião aterrissou, pouco importava o cansaço. O que ele queria era ir para casa, tomar um demorado banho, dormir e, de preferência, sonhar com uma solução. No dia seguinte, Gilberto acordou calmamente. E mais tranquilo ficava à medida que a solução por que implorara descortinava-se... Foi ao computador e verificou a sua conta bancária. Ficou tranquilo com o saldo e com relação às suas aplicações. Isso vinha a calhar, pois assim seria mais fácil pedir um empréstimo.

Ligou para o seu advogado e marcou um horário; precisava lavrar um testamento. E tratou de reunir a sua equipe para explicar a adaptação que pretendia à ideia original. Passadas poucas semanas, e uma nota saía pelos diversos meios de comunicação. Ora, se nenhum milionário aderira ao seu plano, ele mesmo iria ao encontro das lulas gigantes;
seria por elas devorado; ficaria escondido pelo tempo necessário; e se divertiria com a repercussão do seu falecimento, com a construção do parque e do complexo imobiliário, com o seu nome imortalizado em um cenotáfio, e com a multiplicação do próprio patrimônio. E lá se foram, Gilberto e sua equipe, rumo ao Mar de Cortez. Tudo tinha sido milimetricamente pensado e revisado, desde a escolha da noite em que iriam mergulhar até o cinegrafista que o acompanharia, profissional experimentado no mergulho com as lulas gigantes, além de ganancioso e venal o suficiente para aderir a qualquer mentira.

Só que ao contrário do que prometera aos russos, o encontro com os moluscos seria verdadeiro, o que daria maior credibilidade ao plano. E como Gilberto já dispunha do conhecimento e das horas necessários para descer a grandes profundidades, pois certificados de mergulho tinha de sobra, ele e o cinegrafista entraram na água gelada e começaram a descer, munidos de potentes holofotes.

O breu era impenetrável, e assustador!

Alcançando cerca de oitenta metros, os primeiros monstros começaram a surgir. E tal como vira na filmagem do YouTube, dezenas de lulas gigantes passaram a cercar os mergulhadores e a atacá-los, atraídas que foram pelos fachos luminosos. De início tímido, o ataque se intensificou. Investiam velozes, e recuavam tão rápido quanto, ora buscando aprisioná-los em suas ventosas cheias de dentes e puxá-los para baixo, ora estocando-os com seus bicos duros feito aço, na tentativa de arrancar alguns pedaços de carne. E investiam de uma maneira tão feroz, e famélica, que Gilberto, de corajoso, passou a poltrão. Como toda a conversa era transmitida ao vivo, não só o companheiro de mergulho ouvia os seus pedidos de socorro, como, também, a equipe que ficara na superfície ficou desorientada ante os seus gritos de pânico!

O cinegrafista tentou ajudar o parceiro, falando para que se acalmasse, usando dos sinais convencionais. Mas as lulas atacavam a ambos, e cada vez com mais ferocidade! Súbito, o ataque simplesmente cessou. Não que as lulas tivessem ido embora... Os mergulhadores perceberam, contudo, que elas tinham se afastado, posicionando-se a certa distância. Esse recuo mais atemorizou do que tranquilizou, pois era como se estivessem apenas sondando, esperando o momento certo para reagruparem-se e desferirem um novo e fatal ataque. Gilberto e o cinegrafista estavam imóveis. Este, sem largar a sua câmera; aquele, com os dentes cerrados.

Neste meio tempo, o empresário conseguiu distinguir as súplicas de sua equipe – era preciso subissem o mais rápido possível, pois talvez não tivessem outra chance!

E porque Gilberto já recobrara uma pouco mais o autocontrole, fez sinal para o cinegrafista para que subissem. Neste exato momento, porém, o motivo por que o bando de lulas se afastara era revelado. E os olhos do cameraman arregalaram-se ao perceber o que parecia ser o rei daquele bando, um monstro de quase dois metros de comprimento, de olhos bem maiores que uma bola de basquete, de tentáculos que pareciam não ter fim, e que flutuava bem atrás dos mergulhadores, a uma distância de não mais de um metro!

O cinegrafista só teve tempo de virar o rosto para Gilberto. E numa fração de segundo, aquele gigante precipitou-se em direção ao empresário, enredou-o em seus tentáculos, e o puxou violentamente para baixo, fazendo com que a luz de sua lanterna se perdesse em rodopios e imprimindo aos ouvidos de todos que escutavam a eterna lembrança dos últimos gritos de terror!

Por instinto, o mergulhador começou a subir desesperado, torcendo para que o bando não o perseguisse. De repente, lembrou-se de que se não parasse para fazer descompressão, morreria de embolia. E raspou do seu espírito os últimos gramas de coragem para estacionar de tantos em tantos metros, suplicando a Deus para que aqueles bichos não estivessem em seu encalço.

Por sorte, ou por milagre, o cinegrafista conseguiu voltar a salvo à superfície, onde o recolheram terrificado – Não se precisaria dizer que todos naquele barco ficaram atônitos. Foi preciso que lhe aplicassem um calmante para que pudesse dormir. Mas não conseguiria descansar, pois aqueles gritos de pavor o acompanhariam por muito tempo ainda, sob a forma de repetidos pesadelos. A natureza impunha roteiro próprio ao frágil script humano. E nada mais caberia aos atores da vida senão a ele se resignarem. No entanto, não foi isso o que aconteceu.

Se é verdade que, em um primeiro momento, a desolação abateu-se sobre a equipe de Gilberto, também é correto afirmar que, passado o trauma, sobraram vários minutos de filmagem e um testamento falso. E como a morte do empresário foi manchete em todos os meios de comunicação, os sonhos de riqueza recomeçaram a brotar. Assim, a equipe resolveu colocar em prática o plano inicial. E para isso, o braço direito do falecido foi nomeado inventariante. O espólio soube muito bem negociar e adquirir uma extensa área; todos os projetos foram devida e rapidamente aprovados; e as obras seguiram em velocidade máxima.

E hoje, passados os anos necessários à edificação da segunda torre, e já tendo sido comercializadas a quase totalidade de suas unidades, o cenotáfio em memória de Gilberto será finalmente inaugurado, estando confirmadas as presenças da imprensa, das autoridades, e de todos que se engajaram no seu último e mais ambicioso projeto. Não fosse o ataque da maior das lulas, e o mecenas também teria se beneficiado de tudo aquilo que planejara.

Mas?... E se até aquele ataque tivesse sido forjado? E se o projeto contivesse uma última fase, desconhecida, inclusive, da própria equipe que o executou?!

O que posso afirmar é que pessoas berraram, outras desmaiaram, e mais de uma taça de champanhe se despedaçou no chão assim que a tampa do cenotáfio começou a se mover.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Na foto, da direita para esquerda, Rony, Aldo e Wilson.
Londrina , 13/06/2026 - frase atribuida a cantora IZA

PRÓXIMA EDIÇÃO

#42



dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Pensamento Livre